

NELSON ARGENTINO SOARES JUNIOR

**TURISMO URBANO E CRIMINALIDADE:
UMA CORRELAÇÃO CURITIBANA NO SÉCULO XXI**

CURITIBA

2007

NELSON ARGENTINO SOARES JUNIOR

**TURISMO URBANO E CRIMINALIDADE:
UMA CORRELAÇÃO CURITIBANA NO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Produção e transformação do espaço urbano e regional.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani Silveira

CURITIBA

2007

Agradecimento

Esta jornada foi motivo de muito orgulho e satisfação pessoal. Por isso, há muito que agradecer, pois é preciso admitir que não seria possível sem a ajuda e o apoio de tantas pessoas, portanto, este êxito precisa e deve ser dividido e compartilhado.

Primeiro, e acima de tudo, a Deus por sua presença em todos os momentos de minha existência, iluminando meu caminho e me dando clareza aos pensamentos.

À minha mulher, Luciana, pelo apoio e força incondicionais, abrindo mão de tantas coisas pelos meus projetos, sempre me estimulando para não desistir.

Aos meus filhos, Bruna e Victor Hugo, por compreenderem minhas tantas ausências, mesmo quando estava presente.

Àqueles que me aceitaram como família, Daniel, Sirlei, Júlio e Dani, pelo incentivo e confiança nos meus propósitos.

Ao Professor Doutor Marcos Aurélio Tarlombani Silveira, meu Orientador, pela maneira objetiva e amiga e, sobretudo, competente em conduzir este trabalho. Obrigado pela paciência.

Ao amigo Zem, Secretário do Programa, pelo apoio nas questões administrativas e pela presteza e disponibilidade a qualquer momento.

Ao Coronel Itamar dos Santos, Secretário Municipal da Defesa Social de Curitiba, à Adriane Vortolin, do Instituto Municipal de Turismo / Curitiba Turismo, ao Major Douglas Sabatini Dabul, da Polícia Militar do Paraná, à Gilce Zelinda Battistuz, da Secretaria de Estado do Turismo do Paraná, à Investigadora Nice Ribas Krüger, da Delegacia de Polícia do Aeroporto Afonso Pena, e ao Investigador Geraldo Boldt, do Serviço de Atendimento ao Turista, ambos da Polícia Civil do Paraná, que direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho.

Resumo

Este estudo está pautado nos fundamentos da Geografia, sendo motivado pela tentativa de migrar de uma preocupação cotidiana para uma temática acadêmica, ou seja, avaliar a possível correlação entre turismo urbano e criminalidade, argumentando que ocorrem mudanças significativas no cotidiano das cidades pela redefinição do modo de vida urbano e pela percepção de que o turismo urbano e a violência tornaram-se também questões geográficas e ainda oferecer uma nova leitura do espaço urbano, refletindo sobre a criminalidade e sua dinâmica sobre o turismo.

Num contexto em que o turismo pode ser chamado de fenômeno da modernidade e, hoje, um marco da globalização, é possível dizer que o tema turismo urbano tem alimentado reflexões no campo da Geografia, pois é expressiva a contribuição da ciência geográfica no estudo do turismo.

Bem como, ao se abordar os temas “turismo urbano e criminalidade”, é reconhecida uma situação de conflito onde o incremento no turismo urbano encontra incômoda presença de um verdadeiro “medo” de se viver nas grandes cidades, onde existe um ambiente em que cada vez mais a violência está associada às práticas cotidianas.

Para ordenar o desenvolvimento do trabalho, foi adotada uma abordagem metodológica hipotético-dedutiva, operacionalizando a pesquisa por meio de coleta bibliográfica, pela realização de entrevistas e aplicação de questionários, pela análise estatística e comparativa de dados, confecção de tabelas e gráficos, bem como, pela reprodução de material cartográfico e de imagens.

Em virtude do surto de violência que invade espaços turísticos, os turistas têm procurado territórios mais pacíficos e menos sujeitos à insegurança, daí o estudo da influência da violência e da criminalidade sobre o turismo, especialmente o urbano, justificar esta pesquisa.

Dentro desta perspectiva, a escolha por um objeto de estudo recaiu sobre a cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, no período entre os anos de 2000 e 2005, pois muito se fala da transformação da cidade provinciana que não estava preparada para o crescimento inesperado por conta de uma intensa propaganda de seu planejamento urbano inovador, da promoção de suas “prodigalidades” urbanísticas e da implantação de um pólo automobilístico em sua Região Metropolitana, estimulando uma crescente evolução do fluxo de turistas, bem como, contribuindo para a ocorrência de diferenças sociais que podem desencadear atos criminosos.

PALAVRAS – CHAVE: turismo urbano, criminalidade, violência

Abstract

This study is ruled in the beddings of the Geography, being motivated by the attempt of migrate a daily concern for a thematic academic or to evaluate the possible correlation between urban tourism and crime, being argued that significant changes in the daily one of the cities for the redefinition in the urban way of life and the perception of that the urban tourism and the violence had also become geographic questions and still to offer a new reading of the urban space, reflecting on crime and its dynamics about the tourism.

In a context where the tourism can be called phenomenon of modernity and, today, a landmark of the globalization, is possible to say that the subject urban tourism has fed reflections in the field of Geography, therefore is expressive the contribution of geographic science in the study of the tourism.

As well as, to approaching the subjects “urban tourism and crime”, a conflict situation is recognized where the increment in the urban tourism finds bothering presence of a true “fear” of living in the great cities, where an environment exists where each time more the violence is associated with practical the daily ones. To command the development of the work, a hypothetical-deductive methodical boarding was adopted, instrumenting the research by means of bibliographical collection, for the accomplishment of interviews and application of questionnaires, for the analysis statistics and comparative of data, table confection and graphics, as well as, for the reproduction of cartographic material and images.

In virtue of occasion it of violence that invades tourist spaces, the tourists have looked to more pacific territories and little citizens to the unreliability, from there the study of the influence of the violence and crime on the tourism, especially the urban one, to justify this research.

Inside of this perspective, the choice for a study object fell again on the city of Curitiba, capital of the state of the Paraná, in the period enters the years of 2000 and 2005, therefore very Metropolitan says itself of the transformation of the small city that was not prepared for the unexpected growth on account of an intense propaganda of its innovative urban planning, of the promotion of its “urbanistic prodigality” and of the implantation of an automobile polar region in its neighbourhood, stimulating an increasing evolution of the tourist flow, as well as, contributing for the occurrence of social differences that they can unchain acts criminals.

KEY – WORDS: urban tourism, crime, violence

Lista de Ilustrações

Imagem 01 – Representação gráfica da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais	pág. 61
Imagem 02 – Panorama de Curitiba, em gravura de Jean-Baptiste Debret, por volta de 1850	pág. 63
Imagem 03 – Passeio Público de Curitiba	pág. 64
Imagem 04 – Pavimentação e trânsito na rua XV de Novembro	pág. 65
Imagem 05 – Rua XV de Novembro, em 1907, entre as ruas Mons. Celso e Mal. Floriano Peixoto	pág. 65
Imagem 06 – Rua XV de Novembro, em 1905, uma das primeiras ruas definidas de Curitiba	pág. 66
Imagem 07 – Rua XV de Novembro, em 1925, e os bondes elétricos	pág. 66
Imagem 08 – Prédio da Universidade Federal do Paraná na Praça Santos Andrade	pág. 67
Imagem 09 – Planta mostrando as avenidas projetadas pelo Plano Agache, de 1943	pág. 68
Imagem 10 – Centro Cívico de Curitiba	pág. 69
Imagem 11 – Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná	pág. 69
Imagem 12 – Bairro Bacacheri	pág. 70
Imagem 13 – Estátuas de pedra na praça Dezenove de Dezembro	pág. 71
Imagem 14 – Obelisco e mural em alto relevo na praça Dezenove de Dezembro	pág. 72
Imagem 15 – Divisão dos bairros de Curitiba	pág. 74
Imagem 16 – Sistema de Ônibus Expresso, inaugurado em 1974	pág. 75
Imagem 17 – Jardim Botânico de Curitiba, inaugurado em 1992	pág. 77
Imagem 18 – Rua 24 Horas	pág. 77
Imagem 19 – Ópera do Arame	pág. 78
Imagem 20 – Curitiba e sua Região Metropolitana	pág. 79
Imagem 21 – Roteiro da Linha do Pinhão	pág. 82
Imagem 22 – Ponto de partida para o roteiro da Linha do Pinhão na Praça Santos Andrade	pág. 83
Imagem 23 – Pinha-dos-Ventos na esquina das Ruas XV de Novembro e Barão do Rio Branco	pág. 83
Imagem 24 – Pontos identificados no roteiro da Linha do Pinhão na Rua XV de Novembro	pág. 84
Imagem 25 – Sinalização com o roteiro da Linha Turismo	pág. 85
Imagem 26 – Ônibus especial utilizado na Linha Turismo	pág. 86
Imagem 27 – Serviço de Atendimento ao Turista	pág. 110

Lista de Tabelas

Tabela 01 – Fluxo de turistas em Curitiba e número de entrevistados	pág. 97
Tabela 02 – Sexo do turista que visita Curitiba	pág. 98
Tabela 03 – Motivo de turistas viajarem para Curitiba	pág. 98
Tabela 04 – Entrevistados segundo grupos profissionais	pág. 99
Tabela 05 – Forma do turista viajar para Curitiba	pág. 100
Tabela 06 – Residência permanente dos turistas que visitam Curitiba	pág. 101
Tabela 07 – Meio de transporte utilizado para deslocar até Curitiba	pág. 101
Tabela 08 – Gasto médio diário individual por turistas em Curitiba	pág. 102
Tabela 09 – Qualificação da cidade de Curitiba segundo os turistas	pág. 103
Tabela 10 – Definição da imagem da cidade de Curitiba pelos turistas	pág. 103
Tabela 11 – Satisfação do turista que visita Curitiba	pág. 104
Tabela 12 – Qualificação de infra-estrutura segundo os turistas	pág. 105
Tabela 13 – Qualificação de infra-estrutura segundo os residentes	pág. 105
Tabela 14 – Quantitativo de crimes por natureza	pág. 107
Tabela 15 – Quadro comparativo entre registros de ocorrências	pág. 108
Tabela 16 – Registros de ocorrências junto ao Serviço de Atendimento ao Turista	pág. 111
Tabela 17 – Registros de ocorrências junto à Delegacia do Aeroporto	pág. 112

Lista de Gráficos

Gráfico 01 – Cidades brasileiras mais visitadas por turistas estrangeiros	pág. 11
Gráfico 02 – Principais problemas apontados pelos turistas estrangeiros	pág. 47
Gráfico 03 – Motivo de viagem de turistas em Curitiba	pág. 87
Gráfico 04 – As melhores cidades para fazer negócios no Mundo	pág. 89
Gráfico 05 – Evolução de turistas em Curitiba	pág. 97
Gráfico 06 – Comparativo da opinião sobre segurança pública entre turistas e residentes	pág. 106
Gráfico 07 – Fluxo de elaboração de um Boletim de Ocorrência	pág. 109
Gráfico 08 – Evolução de furtos (simples e qualificados)	pág. 114

Lista de Abreviaturas

ABAV	-	Associação Brasileira de Agentes de Viagem
ABIH	-	Associação Brasileira de Indústria de Hotéis
CBN	-	Central Brasileira de Notícias
COP 8	-	Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica
CPC	-	Comando do Policiamento da Capital
DFR	-	Delegacia de Furtos e Roubos
EMBRATUR	-	Instituto Brasileiro do Turismo
IPPUC	-	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISER	-	Instituto de Estudos da Religião
MOP 3	-	Reunião das Partes do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança
OMT	-	Organização Mundial do Turismo
PIB	-	Produto Interno Bruto
PMPR	-	Polícia Militar do Paraná
SAT	-	Serviço de Atendimento ao Turista
SEBRAE	-	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENASP	-	Secretaria Nacional de Segurança Pública
SISCOP	-	Sistema de Controle de Ocorrências Policiais
UFPR	-	Universidade Federal do Paraná
URBS	-	Urbanização de Curitiba S. A.
WTO	-	World Tourism Organization

Sumário

RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	vi
LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE GRÁFICOS.....	viii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	ix
SUMÁRIO.....	x
APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	07
METODOLOGIA.....	09
I – TURISMO URBANO E CRIMINALIDADE – TEMAS CONTEMPORÂNEOS.....	10
II – TURISMO URBANO, UMA INTRODUÇÃO AO UNIVERSO DA CIDADE.....	21
III – GEOGRAFIA E VIOLÊNCIA URBANA – OPORTUNIDADES E CRIMES.....	35
IV – CURITIBA – UMA HISTÓRIA, UMA VOCAÇÃO PARA O TURISMO.....	61
V – TURISMO URBANO E CRIMINALIDADE EM CURITIBA – UMA RADIOGRAFIA.....	92
VI – OUVINDO PESSOAS PARA A PERCEPÇÃO DE UMA CORRELAÇÃO.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS.....	136
ANEXOS.....	142

Apresentação

Este trabalho é motivado pela proposta de um estudo pautado nos fundamentos da Geografia, bem como na tentativa de migrar de uma preocupação cotidiana para uma temática acadêmica, ou seja, avaliar a possível correlação entre turismo urbano e criminalidade.

Assim, o presente trabalho procura ser uma contribuição na construção de uma argumentação coerente com a produção de um conhecimento científico.

Neste contexto, procurou-se fundamentar este estudo em referências teóricas que tratam dos temas “turismo urbano” ou “turismo de cidade” e “crime, criminalidade e violência urbana”, tentando oferecer um novo foco, uma nova leitura, um novo olhar na abordagem destes temas e suas possíveis correlações.

A estruturação deste trabalho deu-se em seis capítulos, além desta apresentação e da introdução, que pavimentam o caminho até as considerações finais, procurando abordar diversas questões sobre a contemporaneidade dos temas, turismo em geral e turismo urbano em particular, sobre a violência e a criminalidade, especialmente em sua manifestação urbana e mais especificamente a ocorrência de todos estes temas no cenário curitibano.

No primeiro capítulo, “Turismo e criminalidade – temas contemporâneos”, se procura uma abordagem contemporânea dos temas turismo urbano e criminalidade, dentro do cenário de um mundo globalizado, reconhecendo o turismo como um fenômeno da modernidade.

Por outro lado, se constata que nenhuma sociedade está imune à violência e a criminalidade, pois não há como citar uma cidade que, na atualidade, não tenha problemas com segurança pública, considerando que a violência e a marginalidade estão presentes em todos os ajuntamentos humanos.

Assim, se realiza um exercício de reflexão para compreender a dinâmica da criminalidade sobre a urbanização e respectivamente, sobre o turismo urbano.

É abordado o exemplo da cidade do Rio de Janeiro que apresenta elevados índices de criminalidade urbana e mesmo assim continua sendo o destino turístico mais procurado do Brasil.

São tratados aspectos relativos ao “*city marketing*” e sua importância na orientação da política urbana e na construção da imagem da cidade para a sua promoção com o objetivo de atingir seus próprios habitantes e ainda o universo dos turistas.

No segundo capítulo, “Turismo urbano, uma introdução ao universo da cidade”, se procura focar a cidade como tema de abordagens múltiplas, considerando sua construção sócio-espacial e o papel do planejamento na melhoria da qualidade de vida e na estruturação do turismo urbano.

Discute-se, também, o conflito entre o turista e a população residente e ainda o crescimento do turismo, em especial o turismo urbano.

Por fim, é abordada a capacidade do turismo urbano como instrumento para a busca de soluções para diversos problemas da cidade.

No terceiro capítulo, “Geografia e violência urbana – oportunidades e crimes”, se procura delinear um quadro geral sobre os temas violência urbana e criminalidade e sua relevância para a sociedade contemporânea.

Discute-se também a existência de uma “síndrome da violência urbana”, fazendo da criminalidade uma catástrofe social que vem afligindo a todos os cidadãos e preocupando a opinião pública.

Em seguida, são abordados os vestígios históricos a respeito da preocupação sobre o crime, bem como sobre a interdisciplinaridade no estudo e na compreensão da violência.

Por fim, trata-se das pesquisas sobre violência e criminalidade e sua relevância no ambiente urbano, quando se busca uma correlação com o turismo.

No quarto capítulo, “Curitiba – uma história, uma vocação para o turismo”, caminha-se pelas origens históricas de Curitiba e sua consolidação como a capital paranaense por sua localização estratégica, bem como se constata a preocupação constante com o planejamento urbano da cidade.

É possível observar que diversas construções marcaram a constante reorganização da cidade, acompanhado de uma contínua preocupação com questões ambientais, demonstrada pela constante criação de parques, bosques e praças.

A consolidação acontece com o desenvolvimento de um Plano Diretor cujas diretrizes estavam baseadas na idéia de que Curitiba estava sendo planejada para seus habitantes, suas necessidades e seus lazeres, fazendo com que cidade seja reconhecida atualmente como um modelo de urbanismo.

Estes fatores, apoiados por um processo de expansão e consolidação do um setor automobilístico em sua Região Metropolitana provocaram um maior conhecimento das pessoas em relação à cidade, e conseqüentemente seu interesse em visitá-la.

Destaca-se que a fusão do planejamento urbano de Curitiba com a prática do turismo acontece na década de noventa, tendo como marcos iniciais desta integração, a criação da “Linha Pinhão”, inaugurada em 1993, e da “Linha do Turismo”, implantada em 1994.

Assim, é demonstrado que Curitiba como cidade turística se caracteriza como uma união de várias idéias que tinham o objetivo de promover bem-estar e qualidade de vida a seus moradores e que, num segundo momento despertaram, e despertam até hoje, a curiosidade de turistas e evidenciam a cidade como emergente destino turístico.

No quinto capítulo, “Turismo urbano e criminalidade em Curitiba – uma radiografia” é abordado que apesar de Curitiba ser considerada como um modelo de qualidade de vida, convertendo esta característica em atratividade turística, ela apresenta uma realidade de diversas complexidades, como uma criminalidade violenta que avança em proporções preocupantes.

Reforça-se que a experiência tem mostrado que a criminalidade pode ser contida nos locais turísticos com a adoção de medidas preventivas, gerando um ambiente seguro, considerando que a criminalidade tem a capacidade de afastar tanto ao residente quanto ao turista.

São abordados dados sobre o turismo em Curitiba apresentados pela pesquisa denominada de Estudo da Demanda Turística que é realizada pela Secretaria de Estado do Turismo com o objetivo de delinear o perfil do turista que vem a cidade, considerando diversos aspectos e os dados abordados referem-se às pesquisas realizadas nos anos de 2000 até 2005.

Foram procuradas também outras fontes de dados, desta vez na Seção de Planejamento do Comando do Policiamento da Capital (CPC) da Polícia Militar do Paraná, no Serviço de Atendimento ao Turista (SAT) e na Delegacia do Aeroporto Afonso Pena, ambos da Polícia Civil do Paraná, na tentativa de se compreender a crescente violência e criminalidade em Curitiba, especialmente contra o turista.

Neste caso, o tratamento de dados disponíveis no CPC iniciou-se com a seleção de vinte crimes que pudessem afetar ao turista visitante e, conseqüentemente, influir no turismo urbano em Curitiba.

Por outro lado, os dados fornecidos pelo SAT mostram quais ocorrências registradas, têm como vítima a pessoa do turista que visita Curitiba e os dados da Delegacia do Aeroporto Afonso Pena mostram os crimes acontecidos naquele aeródromo, contudo não contribuíram muito para esta pesquisa, como se verá.

Observou-se que os dados referentes à criminalidade podem sofrer alteração no que diz respeito ao quantitativo, pois muitas vítimas optam por não comunicar a ocorrência de crimes, bem como o fato das polícias Militar e Civil ainda possuírem bancos de dados não integrados, durante o período abordado nesta pesquisa.

Outro aspecto que mereceu registro é o dos dados disponibilizados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP). Estão disponíveis somente os referentes aos anos 2001, 2002 e 2003, bem

como mostram conflito sobre o volume total de ocorrências apresentadas pelos órgãos oficiais de segurança pública em Curitiba.

Porém, dos dados apresentados, o que se pode afirmar é que houve uma evolução da criminalidade em Curitiba, o que parece não ter exercido influência no sentido de afastar o turista.

Já no sexto capítulo, “Ouvindo pessoas para a percepção de uma correlação”, considerando que o objetivo geral deste trabalho é analisar os impactos da violência e da criminalidade na demanda turística na cidade de Curitiba, trabalhou-se com suposições prováveis, e não com verdades absolutas, buscando uma compreensão mais próxima da realidade.

É reconhecido que a busca de uma correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba se constituiu em um núcleo onde diferentes disciplinas se entrelaçaram, buscando quantificar, qualificar e analisar os dados relativos à violência e criminalidade, como fatores de influência da demanda turística.

Partiu-se para a pesquisa experimental, para o levantamento factual e para o trabalho de campo, acreditando que o elemento mais importante para identificação do que se buscou seria a coleta de dados, após a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Esta coleta de dados aconteceu através de entrevistas com funcionários públicos e um trabalho de campo qualitativo, com questionamentos formulados a turistas, buscando conhecer a expressão verbal dos entrevistados através da resposta a perguntas formuladas.

A realização das entrevistas teve como objetivo principal determinar como as instituições policiais e de segurança percebem seu papel na prevenção de crimes contra os turistas, bem como, o papel de profissionais do setor público do turismo na orientação ao turista quanto a aspectos de segurança pessoal, e ainda procurar a existência de políticas públicas que tenham o turismo como elemento de planejamento, no campo da segurança pública.

Por outro lado, ao se entrevistar turistas buscou-se compreender o que motiva uma pessoa a visitar Curitiba e se nesta escolha o fator “segurança” tem alguma influência, bem como se num cenário

contemporâneo é possível comparar Curitiba com outros grandes centros urbanos, levando em consideração o critério da segurança pública, e ainda qual é a percepção e a impressão do turista sobre a segurança da cidade.

Foram entrevistados quarenta turistas, abordados nos dias 23, 24, 30 e 31 de dezembro de 2006, dez no Jardim Botânico, dez na Ópera do Arame, dez na Universidade Livre do Meio Ambiente, e ainda, dez passageiros da Linha Turismo.

Foram entrevistados também:

a) a senhora Gilce Zelinda Battistuz, do Setor de Estatística da Secretaria de Estado do Turismo, na busca de informações sobre a realização do Estudo de Demanda Turística e a exploração do tema segurança pública nesta pesquisa;

b) o Major Douglas Sabatini Dabul, responsável pelo planejamento e instrução do Comando do Policiamento da Capital, na tentativa de compreender a postura da Polícia Militar em Curitiba no trato de assuntos relativos à segurança pública que envolva os turistas, bem como iniciativas de qualificação profissional voltadas à segurança do turista;

c) o Coronel Itamar do Santos, Secretário Municipal da Defesa Social, órgão da administração municipal de Curitiba para compreender a postura da Guarda Municipal e sua política de atenção ao turista que visita os diversos pontos turísticos da cidade; e

d) a senhora Adriane Vortolin, funcionária do setor de planejamento turístico, do Instituto Municipal de Turismo da Prefeitura de Curitiba, buscando avaliar a importância do fator “segurança pública” no direcionamento das políticas municipais de expansão do turismo em Curitiba, bem como a existência de algum planejamento integrado entre órgãos municipais responsáveis pelo turismo urbano e pela segurança pública em Curitiba.

Introdução

O presente trabalho procura argumentar que ocorrem mudanças significativas no cotidiano das cidades pela redefinição do modo de vida urbano e pela percepção desta mudança no rumo da compreensão de que o turismo urbano e a violência tornaram-se também questões geográficas.

É visível para qualquer pessoa que a violência e a criminalidade estão presentes em todos os grandes centros urbanos, influenciando também o turismo que é afetado pelas práticas criminosas que afastam o visitante que procura um ambiente seguro como destino de sua viagem.

Portanto, ao se abordar os temas “turismo e violência urbana” é reconhecida uma situação de conflito onde o incremento no turismo urbano encontra incomoda presença de um verdadeiro “medo” de se viver nas grandes cidades onde existe um ambiente em que cada vez mais a violência está associada às práticas cotidianas.

Assim, optou-se por escolher a cidade de Curitiba como objeto de estudo, analisando o período entre os anos de 2000 e 2005, momento em que a capital do estado do Paraná, sob uma acelerada transformação da provinciana “Capital Ecológica” na metrópole que observou um crescimento inesperado por conta da implantação de um pólo automobilístico em sua Região Metropolitana.

Cidade modelo para alguns ou exemplo de qualidade de vida para outros, a capital paranaense sempre foi sinônimo de vanguarda, tendo o planejamento urbano como sua maior marca, o que é reconhecido internacionalmente.

Contudo, a realidade é de uma dimensão maior de complexidades em vários campos da convivência urbana. Numa cidade como Curitiba, observam-se enormes desigualdades, pois a despeito da

melhoria de alguns indicadores sociais e econômicos, resultantes da atração de investimentos para sua Região Metropolitana, a criminalidade violenta avançou em proporções notáveis e preocupantes.

Portanto, a abordagem do tema e os autores escolhidos para fundamentar a pesquisa buscam dar a este estudo a condição de científico e específico e esta base teórica tem como finalidade debater o tema também a partir dos recursos de outras áreas do conhecimento, que não apenas os da Geografia Urbana.

Este autor constatou a falta de um debate crítico, a ser realizado por autoridades públicas e outros segmentos envolvidos com os temas para a elaboração de políticas públicas e execução de projetos de prevenção à violência contra o turista.

Diversos trabalhos científicos são escritos todos os anos tratando de violência e criminalidade e também sobre turismo urbano, mas estudos sobre a possível correlação entre estes elementos são escassos. Daí, a relevância desta abordagem, ou seja, levantar a hipótese de se constatar uma possível ligação entre estas variáveis com uma forte probabilidade de mútua influência, reconhecendo que o crescimento de Curitiba trouxe conseqüências positivas e negativas à população e influência sobre o turismo, sob a forma de diversos impactos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os impactos da violência e da criminalidade na demanda turística na cidade de Curitiba, no período entre 2000 e 2005, tendo como objetivos específicos:

- a. Analisar os efeitos da violência e criminalidade sobre a demanda turística em Curitiba;
- b. Analisar os possíveis efeitos do turismo urbano sobre a violência e criminalidade em Curitiba;
- c. Analisar, por meio de entrevistas, a possível percepção dos turistas sobre a segurança em Curitiba; e
- d. Analisar, por meio de entrevistas, a postura de autoridades diante dos temas “turismo” e “violência e criminalidade” e sua coexistência em Curitiba.

Metodologia

Para ordenar o desenvolvimento do trabalho e iniciar o estudo da correlação entre criminalidade e turismo urbano em Curitiba, que consideramos ser uma questão relativa ao pensamento geográfico, foi adotada uma metodologia para a realização do trabalho.

A metodologia escolhida pressupõe um caminho e uma estratégia para orientar toda a pesquisa, procurando ir além dos aspectos relativos à pesquisa bibliográfica, à condução de entrevistas e à aplicação de formulários de questionários.

Neste caso, a abordagem metodológica escolhida foi a hipotético-dedutiva, procurando chegar a resultados visíveis através da formulação de hipóteses com base nas quais seja possível fazer previsões que, por sua vez, possam ser confirmadas ou refutadas na apresentação das considerações finais.

Para tanto, a pesquisa foi operacionalizada por meio de coleta bibliográfica, pela realização de entrevistas e aplicação de questionários, pela análise estatística de dados, por análises comparativas de dados, confecção de tabelas e gráficos, bem como, pela reprodução de material cartográfico e de imagens.

Esta pesquisa também possui um planejamento flexível, de modo que possibilite a consideração de variados aspectos relativos à correlação entre os dados obtidos no estudo de demanda turística de Curitiba em comparação com os dados referentes à criminalidade e à violência na sua interação com o turismo urbano.

Turismo urbano e criminalidade – temas contemporâneos

De início, é preciso reconhecer que no cenário contemporâneo de um mundo globalizado, a temática do turismo ganha papel de relevância para a economia e para o desenvolvimento, especialmente o territorial, onde o poder público e a iniciativa privada passaram a ver o turismo como uma poderosa ferramenta para impulsionar o desenvolvimento local (SILVEIRA, 1998a, p. 47).

É neste contexto que o turismo poderia ser chamado de fenômeno da modernidade e, hoje, um marco da globalização (RODRIGUES, 2000, p. 10).

Por outro lado, é possível dizer que o fenômeno da globalização amplia e confunde o cotidiano da cidade, pois a partir do discurso global são criados novos hábitos e demandas que conflitam com as necessidades locais (ULTAMARI e MOURA, 1994, p. 117).

O turismo, antes restrito aos grupos sociais mais privilegiados, se transforma na atualidade em um produto da sociedade de consumo de massa, pois guardadas as proporções, todos viajam, e ainda segundo Silveira (2002, p. 01), “[...] a expansão do turismo vem sendo acompanhada de uma crescente demanda por novos destinos e pela diversificação das práticas que caracterizam esta atividade”.

Desta perspectiva, o tema turismo urbano tem alimentado importantes reflexões no campo da Geografia, pois é expressiva a contribuição da ciência geográfica no estudo do turismo, e ainda é na Geografia que o debate sobre o turismo tem encontrado terreno fértil para seu desenvolvimento (BANDUCCI JR, 2001, p. 31).

Neste ponto não podemos esquecer as palavras de Mendonça (2002, p. 41) para quem a Geografia é a ciência humana cujo propósito é o estudo do espaço geográfico a partir da interação entre a sociedade e o ambiente.

Segundo Silveira (1998a, p. 50):

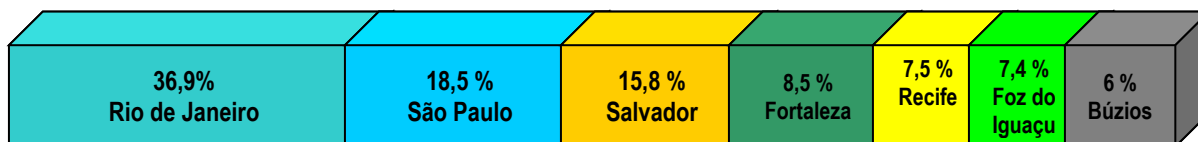
“[...] desde o Século XIX os geógrafos já faziam referências ao turismo enquanto um fator de transformação da paisagem urbana e rural, mas é, sobretudo, a partir dos anos 50 deste século que o fenômeno passa a ser considerado um objeto de estudo geográfico por seu papel na organização, na transformação e na produção do espaço”.

Este pesquisador observou em suas leituras sobre o turismo na cidade do Rio de Janeiro que muito se falava sobre os temores dos turistas que procuravam aquele espaço urbano e os primeiros itens na lista dos “medos” das pessoas visitantes eram a criminalidade e a violência urbana.

Seria possível imaginar que esta imagem da cidade perante os turistas viesse a influenciar na diminuição do número de visitantes, pois a exploração de notícias que mostram seqüestros e tiroteios, numa verdadeira crise de segurança pública, deveria influenciar negativamente o turismo em qualquer localidade do mundo.

Entretanto, apesar de amplamente divulgada a violência naquela cidade, os turistas ainda continuam a procurá-la, sendo considerada a cidade brasileira mais visitada pelo turista, principalmente o estrangeiro (Gráfico 01).

GRÁFICO 01 – CIDADES BRASILEIRA MAIS VISITADAS POR TURISTAS ESTRANGEIROS



fonte: SEBRAE, 2004

Conforme Paixão (2005, p. 124):

“[...] se puede identificar que, a pesar de la violencia de Rio de Janeiro y sus malos tratos al medioambiente, internacionalmente divulgada por la prensa, aún sigue siendo la ciudad más visitada del país. Una ciudad más segura y limpia incrementaría a los números de visitantes en todo el país”.

Por outro lado, o Governo Norte Americano, segundo o jornalista José Meirelles Passos, emitiu a seguinte nota para a imprensa:

“É perigoso visitar o Brasil – está se tornando cada vez mais perigoso visitar o Brasil, segundo a mais recente avaliação do Departamento de Estado americano. Um alerta nesse sentido foi divulgado ontem a todas as agências de turismo dos Estados Unidos e no site daquele Departamento à disposição dos americanos que planejam vir ao País. Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília são mencionados como cidades de maior risco para turistas e homens de negócios. Os índices de criminalidade têm crescido em todo o Brasil, mas permanecem mais altos nas maiores cidades, diz um trecho do informe [...] A metrópole carioca é descrita como um lugar em que os turistas americanos devem tomar muito cuidado nas imediações de praias, discotecas, bares, hotéis e boates [...] Estes são orientados a evitar usar ônibus no Rio por causa de assaltos, e a jamais irem às favelas. Essas áreas são locais de atividades criminosas e freqüentemente não são patrulhados pela polícia”. (PASSOS, 2006).

Nesta mesma direção, entrevistas realizadas com empresários do turismo receptivo carioca confirmam o impacto que notícias sobre crimes no Rio de Janeiro (especialmente os crimes contra os turistas) têm sobre a vinda de estrangeiros visitantes (CASTRO, 2001, p. 124).

Assim sendo, a correlação entre turismo urbano e criminalidade é um objeto de pesquisa que pode ser analisado e estudado de maneira coerente com o conhecimento geográfico.

Neste contexto, percebe-se a necessidade de incorporar ao estudo do turismo, teorias e conceitos de campos afins, como a antropologia, a sociologia, a economia, a geografia, a ciência política, a

ecologia e ainda, os estudos urbanísticos (SIVIERO, 2005, p. 05), bem como a administração, o direito, a educação, a estatística e a ecologia (DENCKER, 2000, p. 30).

Contudo, não se pretende com este trabalho buscar um estudo convencional a respeito de turismo urbano, criminalidade e violência, focalizando condicionantes sociais e ambientais, pois isto colocaria turistas e criminosos em grupos que constituiriam em sua origem tanto vítimas como agentes de crimes, mas sim oferecer uma nova leitura do espaço urbano, refletindo sobre a criminalidade e tentando compreender sua dinâmica sobre o turismo.

Dentro desta perspectiva, a escolha por um objeto de estudo recaiu sobre a cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, no período entre os anos de 2000 e 2005, pois muito se fala da transformação da provinciana “Capital Ecológica”, e até “Capital Social”, na metrópole que não estava preparada para o crescimento inesperado por conta de uma intensa propaganda de seu planejamento urbano inovador, de sua excelente qualidade de vida, da promoção de suas “prodigalidades” urbanísticas e da implantação de um pólo automobilístico em sua Região Metropolitana.

Assim, ao descrever Curitiba, Sánchez (1999 *apud* PINTO, 2001, p. 21) diz que:

“Curitiba: a cidade que não para de inovar, que nos anos 70 era a Cidade Modelo, nos anos 80, a Capital da Qualidade de Vida, nos anos 90, a Capital Ecológica e hoje, a Capital Tecnológica”.

Esta preocupação já havia sido expressa em março de 1971, por Jaime Lerner, em seu discurso de posse como Prefeito Municipal de Curitiba, quando disse que:

“[...] para transformar a realidade, é preciso também buscar uma transformação na mentalidade dos que vão usufruir as novas conquistas. É indispensável passarmos da condição, da mentalidade, das limitações de província, para a condição, a mentalidade, as perspectivas de metrópole” (TRINDADE, 1997, p. 86).

Na verdade, as qualidades, soluções e equipamentos urbanos criados em Curitiba, um “novo modelo de gestão urbana”, atraíram o interesse de muitos visitantes e fizeram com que o turismo urbano tivesse seu incremento. Assim, Curitiba recebe muitos e novos visitantes a cada dia. Se para conhecer as qualidades ambientais e um novo modelo de gestão urbana ou para participar dos circuitos de eventos, cultural, de negócios, ou de lazer, todos que chegam na cidade esperam encontrar um ambiente seguro para sua permanência.

Enfim, é isto que o “*marketing do lugar*” (SANTOS, 2004, p. 30) ou o “*city marketing*” de Curitiba (SILVEIRA, 1998b, p. 61) sugere, ou seja, uma cidade que é referência em planejamento urbano no Brasil e no exterior (SILVEIRA, 1998b, p. 66). Segundo Sánchez (1999 *apud* PINTO, 2001, p. 21), o “[...] city marketing constitui-se na orientação da política urbana à criação ou ao atendimento das necessidades do consumidor, seja este empresário, turista ou o próprio cidadão”.

Deste modo, na medida em que o espaço toma forma também através de representações e imagens adequadas, é que se explica a importância que vem adquirindo o “*city marketing*” como instrumento das políticas urbanas (SÁNCHEZ, 2001, p. 32).

Em outras palavras, é uma promoção da cidade que objetiva atingir os seus próprios habitantes, bem como os possíveis e eventuais investidores, na busca da construção de uma nova imagem ou da consolidação de uma imagem já existente.

Ainda, segundo Silveira (1998b, p. 61) “[...] é essa imagem que tem sido utilizada para atrair novos consumidores e investidores em atividades relacionadas ao turismo e ao lazer”.

Além do turista, ávido por conhecer novos cenários, somam-se diversos administradores e gestores públicos interessados nas soluções urbanas locais para as demandas da população residente, pois o turista traz consigo recursos financeiros que movimentam diversos setores da economia local e regional e levam a notícia para outros turistas, atuando como elemento multiplicador para que também venham visitar a cidade.

Percebe-se que quando se atinge um nível de marketing como o de Curitiba, realça-se o crescente domínio da mídia sobre a vida coletiva. Assim, a cidade acaba por se transformar em uma mercadoria, em um objeto de luxo a ser vendido num mercado competitivo.

De fato, a partir de um determinado momento histórico identificado com os anos noventa, as cidades passaram a serem vendidas como mercadoria e a transformação das cidades em mercadoria indica a existência de um mercado, o que mostra a importância cada vez maior do “espaço” no capitalismo (SÁNCHEZ, 2001, p. 33).

Assim, segundo Sánchez (2001, p. 33), o mercado de cidades é movido por e, ao mesmo tempo movimenta outros mercados, entre os quais o mercado do turismo que tem fortes imbricações com o mercado de cidades e, apoiado nesta relação, constrói suas segmentações e grupos-alvo no mercado, como o turismo urbano, o turismo de negócios, o turismo cultural e o turismo de compras, entre outros.

Neste sentido, Santos (2004, p. 38) diz que “[...] os locais de lazer são concebidos como mercadoria para seduzir e atrair o consumidor”.

Assim, o engajamento da Geografia no estudo da temática do turismo caminha na direção do debate e da reflexão sobre os processos pelos quais o turismo vem produzindo, consumindo e organizando os espaços.

Desta forma, o turismo está intimamente ligado à Geografia, pois também trabalha com a noção de espaço¹, bem como a noção de turismo sempre esteve ligada ao deslocamento dentro deste espaço (GONÇALVES, 2003, p. 01).

Ou, segundo Rodrigues (1997 *apud* Silveira, 2002, p. 69), “[...] do ponto de vista geográfico, o turismo possui um dinamismo espacial muito grande, transformando, produzindo ou se apropriando de espaços já produzidos anteriormente”.

¹ Para Milton Santos, o conceito de espaço era indivisível dos seres humanos que o habitam e o modificam todos os dias, através de sua tecnologia. Em sua concepção, o espaço era ao mesmo tempo *forma* (como as estruturas de uma imagem de satélite de nossa cidade) e *função* (o processo das ações humanas que constroem a paisagem).

Nesta mesma direção, Rodrigues (1997, p. 83) afirma que “[...] a Geografia pretende captar a dinâmica do espaço turístico por meio da abordagem dos processos sociais que o engendraram”, bem como, “[...] não pode se furtar da análise e interpretação das formas espaciais, buscando compreender suas estruturas” (RODRIGUES, 2001, p. 09).

Como o turismo sempre é exercido em algum lugar, a Geografia do Turismo se desenvolveu como uma especialização recente da Geografia. É interessante observar também que vários assuntos da Geografia do Turismo, dada sua qualidade de transformação do espaço, estão diretamente relacionados com o planejamento urbano.

Portanto, o turismo ainda é polêmico, por ser um processo novo e complexo à luz da Geografia e da sociedade em geral. Com a globalização, o turismo se torna muito importante, pois possibilita, através dos meios de comunicação, uma maior interação entre as pessoas.

Contudo, a globalização ainda possui um conceito impreciso e flexível investido de muitos significados. É nítido que representa um período em que o ritmo de mudanças tecnológicas é assustador e estas novas tecnologias encolheram o mundo, tornando insignificantes as distâncias geográficas.

O conceito de turismo é também polêmico, pois muda conforme a dinâmica da sociedade e nas palavras de Cruz (2003, p. 04), “é justamente a dinamicidade das sociedades que faz essa transformação no significado do que se habituou chamar de turismo”.

Diante da percepção que o turismo é antes de tudo uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território, tendo o espaço geográfico por principal objeto de consumo, as tentativas de defini-lo representam uma forma particular de exprimi-lo.

Porém, diante das inúmeras definições existentes, é possível afirmar que o turismo é uma modalidade de deslocamento espacial que envolve a utilização de algum meio de transporte, exigindo ao menos um pernoite no local de destino. Esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, participação em congressos, saúde, bem como outros inúmeros motivos.

Com a Revolução Industrial houve uma revolução promovida pelo turismo e pelo lazer, causando impactos marcantes nas suas mais distintas expressões. Neste contexto, a cidade passa a ser o centro da produção e com a Segunda Guerra Mundial isso se intensifica, pois a cidade se constitui em uma causa de estresse e pressão social, onde o turismo e o lazer emergem como as únicas formas de se livrar o homem destes males (GONÇALVES, 2003, p. 01).

Hoje, o turismo é uma forma de reprodução do capital, pois pode causar revoluções, como a geração de empregos, o fortalecimento da cultura local e a preservação ambiental em todos os lugares onde é implantado.

O turismo está ligado à sociedade e à natureza, por isso, temos que levar em conta o que diz Rodrigues (2001, p. 22), pois:

“Visto assim, o fenômeno do turismo, por sua natureza complexa, reconhecida por todos os seus estudiosos, é um importante tema que deve ser tratado no âmbito de um quadro interativo de disciplinas de domínio conexo, em que o enfoque geográfico é de fundamental importância, uma vez que, por tradição, lida com a dualidade sociedade x natureza. Se esta característica basilar da Geografia foi sempre tida como um elemento complicador, visto como responsável pela sua dificuldade de afirmar-se como ciência no período moderno, cremos que no momento atual, à luz de novos paradigmas e com a emergência da questão ambiental, a situação está revertendo-se. Nunca o discurso geográfico foi tão valorizado, a ponto de ser apropriado por outras disciplinas. Este discurso tem sido, entretanto, superficial, permeado pela retórica, necessitando de aprofundamento para assumir qualidade de texto”.

O turismo participa de todos os setores da sociedade, ocupando todos os espaços geográficos do mundo, sustentado pela informação, que tira do isolamento qualquer localidade do planeta, adotando assim, uma grande mobilidade (GONÇALVES, 2003, p. 05).

Atualmente não é somente o lazer que identifica o turismo, mas também outras atividades, pois as pessoas podem viajar para fazer compras, realizar negócios, participar de congressos, cursos e ainda visitar outras pessoas.

O turismo representa hoje uma importante alternativa para a economia, pois gera receitas e dividendos por meio do comércio (restaurantes, dentre outros) e de serviços (hotéis e transportes), apresentando, ainda, uma grande importância social, pois gera empregos diretos e indiretos, valoriza as tradições culturais locais (festas religiosas, festas folclóricas, arte e artesanato, culinária típica) e incentiva a preservação do meio ambiente (GONÇALVES, 2003, p. 06).

Por outro lado, nenhuma sociedade está imune ao que se denomina de violência, sendo esta muito mais do que o uso da força física, mas incluindo também a possibilidade e a ameaça de usá-la, bem como a imposição da vontade, do desejo ou do projeto de uma pessoa sobre outra (SILVA, 2001, p. 191).

Na atualidade, não há como citar uma cidade, com as mesmas dimensões de Curitiba, que não tenha problemas com segurança pública. A violência e a marginalidade estão presentes em todos os grandes centros urbanos.

Neste contexto, o turismo é muito afetado naquelas localidades que sofrem com a violência ou com a criminalidade. Assim, refletir sobre criminalidade é um exercício obrigatório para se compreender a dinâmica da urbanização.

O mundo mudou, a dinâmica da sociedade foi acelerada e a violência globalizou-se, principalmente considerando o acirramento das diferenças sociais. A ciência que estuda o espaço geográfico também vem mudando. Ou seja, os temas da pesquisa geográfica e as metodologias se ampliaram e se transformaram.

Nas palavras de Silveira (2002, p. 08), “[...] a Geografia deve estar atenta para as transformações e processos que ocorrem no território e que caracterizam a realidade sócio-espacial em

sua totalidade. Enfim, o enfoque geográfico tem muito a contribuir na análise e compreensão dos processos engendrados pelo turismo no território², os quais possuem desdobramentos variados”.

Portanto, abordar o tema “turismo urbano e criminalidade” é importante e fundamental para se compreender a sociedade e o espaço, bem como o turismo urbano e segurança pública são assuntos sérios que merecem atenção acadêmica, diante de sua possível correlação.

Esta preocupação também foi demonstrada pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 1997, p. 19), quando declara que:

“Los problemas de la seguridad son permanentes y el mundo del turismo tiene que aprender a vivir con ellos como si se tratara de algo rutinario y en modo alguno excepcional. Sin embargo, el turismo es por su propia esencia un sector muy sensible que supone una percepción de los riesgos y un planteamiento ante ellos muy distintos, y está sujeto a distorsión, manipulación y exageración con respecto a la situación real”.

Este estudo se define em uma tentativa de buscar, no cruzamento entre os números do “turismo em Curitiba” com os dados sobre “violência e criminalidade”, e se há ou não uma correlação entre estas partes. Bem como, se o aumento da violência e criminalidade gera decréscimos na demanda turística ou, o aumento do turismo em Curitiba é gerador de mais violência e criminalidade.

Por fim, desta análise poderão surgir elementos que permitam no futuro, estabelecer bases para gestores públicos adotarem políticas que auxiliem não somente ao turista, como também ao residente.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1997, p. 155):

“La responsabilidad de suministrar información sobre seguridad turística recae conjuntamente en los organismos internacionales, autoridades estatales y locales, y proveedores privados de productos de turismo”.

² Segundo Silveira (2002, p. 13), “o território pode ser entendido como o resultado momentâneo ou presente do processo de construção do espaço (da apropriação social do espaço) e das estruturas de funcionamento da sociedade, isto é, seu quadro de vida, remetendo desse modo à questão fundamental que é a da organização territorial ou espacial num dado período histórico”.

Em outras palavras, o presente estudo da correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba procura agir como uma lente sobre o tema, uma exposição sobre o que pensa e ainda sobre a concepção de mundo deste pesquisador, tentando fazer deste trabalho um compromisso com a crítica e uma contribuição para a Ciência, bem como tentar determinar como as instituições oficiais percebem seu papel na prevenção de crimes contra turistas.

Por fim, a idéia da abordagem do tema sobre a correlação entre turismo urbano e criminalidade, pelo viés da ciência geográfica, é a tentativa de apresentar uma postura crítica, pois segundo Claval (2002, p. 26), “[...] o geógrafo é uma testemunha do mundo: quando é convocado a depor, tem o direito e o dever de dizer o que viu e como o viveu”.

Turismo urbano, uma introdução ao universo da cidade

Estudar a cidade, como construção humana, não é atributo de nenhuma ciência em particular, pois a cidade se constitui numa verdadeira encruzilhada de diferentes realidades, dinâmicas, interesses e saberes. Nesta perspectiva, o espaço da cidade não é ponto de partida, nem de chegada. Na verdade é um espaço de experiências e de relações sociais.

Nas palavras de Bardet (1999 *apud* RIBEIRO, 2005, p. 06):

“[...] a cidade não é um agrupamento de ruas e casas, essas apenas são carapaças, as conchas de uma sociedade de pessoas. Uma cidade é uma obra de arte para a qual cooperam gerações de habitantes, acomodando-se mais, ou menos, àquilo que existia antes delas. Justamente porque está em perpétua transformação, sob a sucessão infinitamente cambiante dos seres que a habitam, a fazem e a refazem, a cidade não se sujeita de maneira alguma a seu plano, a um esquema gráfico, nem mesmo ao conjunto dos vazios e cheios arquiteturais que a definem”.

Para Cavalcanti (2001, p. 15), “[...] a cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações, mas entendendo que ela expressa esse espaço, como lugar de existência das pessoas, não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado”.

De fato, a cidade é o espaço da casa, do indivíduo, da família, mas é também o espaço da rua, da praça, da multidão, do público e neste contexto o turismo como fenômeno da natureza humana, cria espaços urbanos, uma vez que necessita da população residente, do comércio e dos serviços locais.

Para enriquecer esta constatação Scherer e Grostein (1984, p. 46) apontam que “[...] a construção da cidade é um processo permanente de materialização dos projetos de vida das diferentes classes sociais que constroem o urbano”.

Esta construção do urbano precisa ser planejada, considerando que o planejamento urbano é uma ferramenta para a promoção do desenvolvimento sócio-espacial que, segundo Souza (2003, p. 61), pode ser percebido pela melhoria da qualidade de vida e pelo aumento da justiça social no meio urbano.

O planejamento constitui, portanto, uma forma de aproximação entre uma realidade existente e uma realidade desejada devendo servir como instrumento para satisfação das necessidades humanas e sociais e promover o desenvolvimento local. O planejamento urbano, portanto, deve ser abrangente e integrado, sendo o planejamento turístico apenas uma de suas facetas (SIVIERO, 2005, p. 17).

O planejamento urbano determina a orientação para o crescimento de diversas atividades em determinado espaço geográfico, inclusive o turismo urbano. Desta forma, os planejamentos turístico e urbano são indissociáveis.

Portanto, as ações de planejamento, além de melhorar a qualidade de vida do residente, têm atraído turistas. E esta inserção do turismo na vida cotidiana da população gera conseqüências na paisagem urbana, fazendo com que a relação entre planejamento urbano e turismo passe a proporcionar um novo ordenamento na produção e transformação do espaço urbano.

Segundo Petrocchi (1998, p. 19) entende-se por planejamento a “[...] definição de um futuro desejado e de todas as providências necessárias à sua materialização”.

Já, segundo Molina e Rodriguez (2001 *apud* SIVIERO, 2005, p. 14), “[...] o planejamento é o resultado de um processo lógico de pensamento, mediante o qual o ser humano analisa e estabelece os meios que permitirão transformá-lo de acordo com seus interesses e aspirações”.

Neste sentido, Ribeiro (2005, p. 11) diz que “[...] as estratégias de planejamento funcionam também no sentido de divulgar a cidade como produto de consumo para o lazer, descanso, saúde e trabalho aos seus cidadãos e ainda como forma de atrair também um novo consumidor, o consumidor turístico”.

O planejamento é, portanto, uma atividade que tem a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar os objetivos que foram propostos (SIVIERO, 2005, p. 15).

Ruschmann (1999, p. 84) acredita que o planejamento do turismo “[...] constitui o instrumento fundamental na determinação e seleção das prioridades para a evolução harmoniosa da atividade, determinando suas dimensões ideais, para que, a partir daí, se possa estimular, regular ou restringir sua evolução”.

Portanto, o planejamento da atividade turística se mostra como um poderoso instrumento de fomento ao desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade.

Deve-se ressaltar aqui a participação governamental, ou nas palavras de Silveira (2002, p. 55):

“A exigência do planejamento turístico governamental e da intervenção do Estado no processo de desenvolvimento do turismo, decorre da necessidade de se oferecer respostas aos problemas inerentes a esse desenvolvimento e, principalmente, de se prevenir dos efeitos indesejados que o crescimento da atividade pode provocar, em especial nos âmbitos regional e local. Como já foi salientado, o turismo não é só portador de vantagens e benefícios, mas também de riscos, podendo provocar uma série de danos às regiões receptoras quando o seu crescimento ocorre de modo desordenado, implicando em efeitos negativos para o meio ambiente, para as sociedades e, até mesmo, para a economia desses espaços”.

E ainda que:

“Tal visão demonstra a predominância de uma forte apologia do turismo, expressa pelo discurso oficial que desconsidera ou, pior, escamoteia, os impactos territoriais (ambientais, culturais, sociais, políticos e econômicos) negativos que podem ser ocasionados pelo desenvolvimento turístico, os quais não podem absolutamente servir para se posicionar aprioristicamente contra a atividade turística, mas que constituem um alerta para a necessidade de avaliar e planejar sua expansão” (SILVEIRA, 2002, p. 05).

Silveira (1998b, p. 63) lembra que “[...] é na escala local que se dá a produção do espaço turístico” e “com o crescente processo de urbanização, principalmente com o desenvolvimento metropolitano, a prática turística vai ganhar uma nova dinâmica”.

Beni (1998, p. 108) coloca que o planejamento é o processo de interferir e programar os fundamentos definidos do turismo que, conceitualmente, abrange três pontos essenciais e distintos: estabelecimento de objetivos, definição de cursos de ação e a elaboração de planos detalhados para atingi-los, já que a atividade apresenta enorme interdependência e interação de seus componentes, reforçando ainda a necessidade do planejamento integrado no setor de turismo, indicando que todos os seus componentes devem estar devidamente sincronizados e ajustados.

Esta visão é reforçada por Ignarra (1999, p. 67), ao alertar que um planejamento turístico deve estabelecer estratégias nos campos de:

- a) preparação e conservação dos atrativos turísticos;*
- b) ampliação e/ou melhoria de infra-estrutura de serviços turísticos;*
- c) ampliação e/ou melhoria dos serviços urbanos de apoio ao turismo;*
- d) ampliação e/ou melhoria da infra-estrutura básica;*
- e) capacitação de recursos humanos;*
- f) conscientização da população para a importância do turismo;*
- g) legislação de controle de qualidade do produto turístico;*
- h) legislação de preservação do patrimônio turístico;*
- i) legislação de fomento à atividade turística;*
- j) captação de investimentos;*
- l) promoção turística”.*

Clark (1991, p. 227) alerta que “[...] os geógrafos urbanos, procurando identificar e levar em conta as características espaciais de pequenas e grandes cidades, não podem mais se restringir a tal consideração, já que os efeitos do **planejamento** (grifo nosso) sobre os padrões e problemas urbanos também devem ser considerados”.

Em suma, o planejamento turístico pode ser considerado uma ferramenta básica para se buscar o desenvolvimento do turismo (SILVEIRA, 2002, p. 56) de maneira estratégica, a fim de fornecer meios e instrumentos necessários na busca da sustentabilidade do turismo (idem, p. 58).

Além disso, a Organização Mundial do Turismo (OMT) mantém uma grande expectativa em relação ao turismo no cenário mundial, na medida em que esta atividade se consolida como uma das principais atividades econômicas do século XXI (SILVEIRA, 2002, p. 25), bem como o turismo se fortalece como uma prática social, além de atividade produtiva emergente.

Neste cenário, o planejamento do turismo parece, em princípio, complicado porque tem de conciliar os interesses de pessoas que buscam prazer em um local onde uma determinada população vive e trabalha (RODRIGUES, 2001, p. 25). Satisfazer a ambos os grupos não é tarefa fácil, pois muitas vezes o turista possui uma liberdade que incomoda ao residente, sobretudo por ser estrangeiro e móvel (KNAFOU, 2001, p. 64).

E para entender a resistência ao turismo de alguns setores da população e também para entender a hostilidade que muitas vezes se observa contra os turistas é preciso se aprofundar na representação social de seus atores. Os turistas são vistos como pessoas fúteis, que esbanjam dinheiro em supérfluos, que se comportam mal, que invadem o cotidiano do residente.

A partir desta análise, a condução da ocupação humana no território urbano deve possibilitar a estruturação de ambientes de lazer que permitam à sociedade, através do planejamento urbano adequado, estabelecer espaços harmônicos voltados à exploração do turismo tentando superar a idéia de Doxiadis³ de que “[...] enquanto nossas cidades crescem, a distância entre os homens aumenta” (SANTOS, 2004, p. 33).

³ Arquiteto e urbanista grego Constantino Doxiádis, foi o principal responsável pelo projeto da capital do Paquistão, Islamabad, é reputado pela sua elevada contribuição para o modernismo. No Brasil, na primeira metade da década de 1960, foi o responsável pelo chamado Plano Doxiadis, publicado em 1965, de reformulação urbanística da cidade do Rio de Janeiro sob encomenda do então governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda.

O turismo permite e coloca em circulação as várias relações entre as pessoas e suas nações, ampliando o leque dos amigos, conhecidos e também dos signos e símbolos compartilhados entre esses (LOPES, 2001, p. 81).

Santos (2004, p. 33) diz ainda que “[...] é preciso ressaltar que a proximidade física é indispensável à reprodução da estrutura social”, bem como, que “[...] a crescente separação entre as classes agrava a distância social”.

Ao mesmo tempo em que se constitui num fenômeno social, dado que implica no deslocamento de pessoas que passam a ser habitantes temporários de locais onde não residem, ocasionando múltiplos impactos nessa sociedade receptora, o turismo é um fenômeno social também porque faz parte das necessidades criadas pelo mundo moderno. A partir do século XIX, o turismo tornou-se uma aspiração de todos os incluídos na sociedade global de consumo (BANDUCCI JR e BARRETO, 2001, p. 08).

É importante destacar que o turismo é uma atividade com caráter dinâmico, pois os recursos gerados pelo turista circulam por hotéis, restaurantes, centros de eventos, áreas de entretenimento, enfim, por todo comércio local e quando bem planejado, onde a comunidade receptiva participa do processo, o turismo possibilita a inclusão dos mais variados agentes sociais, pois contribui para a criação de novos postos de trabalho e para a redução das desigualdades sociais, através de uma melhor distribuição de renda (SILVEIRA, 1998a, p. 63).

Além disso, o turismo não é uma atividade isolada, pois necessita de uma visão sistêmica. Daí a importância de adoção de políticas públicas para a implantação de atividades ligadas ao turismo, trazendo oportunidades, criando e recriando espaços e projetando a ocupação ordenada da cidade.

Ainda, segundo Silveira (2002, p. 19):

“[...] o turismo vem assumindo uma posição de destaque no contexto do atual processo de internacionalização da economia designado de globalização, sendo considerado um setor estratégico para países e regiões buscar o seu desenvolvimento econômico, e uma atividade que apresenta grande potencial de expansão em escala mundial. O incremento do tempo livre, associado aos avanços ocorridos nos meios de transportes e comunicações, bem como aos novos hábitos de consumo durante o tempo de lazer das sociedades contemporâneas provocou uma verdadeira explosão do turismo nas últimas quatro décadas”.

No limiar do século XXI o turismo figura como um dos fenômenos mais marcantes do mundo contemporâneo. Sua expressividade não se limita ao fato econômico. É, também e principalmente como fato social, que se configura materialmente, criando e recriando formas espaciais diversificadas (RODRIGUES, 2001, p. 09).

Na mesma direção, é possível fazer uma reflexão e um debate sobre os processos pelos quais o turismo vem produzindo, consumindo e organizando o espaço (RODRIGUES, 2001, p. 09).

Os teóricos do turismo, particularmente aqueles que o analisam do ponto de vista das ciências sociais, concordam em um aspecto: o turismo é um fenômeno extremamente complexo e mutável, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo em sua totalidade, por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência (BANDUCCI JR, 2001, p. 23).

Turismo é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações de compra e venda de serviços e produtos turísticos entre os diversos agentes que participam deste circuito econômico. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (CRUZ, 2003, p. 42).

O turismo se identifica como uma atividade de lazer. No entanto, cada vez mais as pessoas misturam momentos de lazer, procurados numa viagem de turismo, com momentos em que praticam outras atividades. Mais que isto, é comum esta outra atividade comandar a viagem e ela ser aproveitada para momentos de lazer. Este é o comportamento de um número crescente de pessoas que viajam para realizar negócios ou para participar de eventos (GEIGER, 2001, p. 60).

O turismo ultrapassa os setores convencionais da economia, envolvendo aspectos de natureza social, cultural, espacial e ambiental. Nesse sentido é que se atribui a dificuldade de definições específicas e restritas a atividade turística, considerando a heterogeneidade do setor, freqüentemente descrito como uma atividade multifacetada (SIVIERO, 2005, p. 03).

Segundo Camargo (2005, p. 28):

“[...] o turismo está caracterizado como atividade do setor de serviços, com seus fundamentos relacionados à lógica do mercado, estando atrelado às demandas ocasionadas pelos deslocamentos e permanências das pessoas em determinados locais classificados conforme seus atrativos turísticos que acabam se tornando num produto de consumo”.

Para Lage e Milone (2000, p. 26):

“Hoje, é impossível limitar uma definição específica de turismo. Sem dúvida é uma atividade socioeconômica, pois gera a produção de bens e serviços para o homem visando à satisfação de diversas necessidades básicas e secundárias. Em se tratando de uma manifestação voluntária decorrente de mudança ou deslocamento humano temporário, envolve a indispensabilidade de componentes fundamentais como o transporte, o alojamento, a alimentação e, dependendo da motivação, o entretenimento (lazer, atrações)”.

McIntosh (1977 *apud* SIVIERO, 2005, p. 03) define o turismo como ciência e atribui à atividade uma conotação qualitativa quanto à satisfação das necessidades e desejos dos turistas. Por outro lado, Boullón (2002 *apud* SIVIERO, 2005, p. 03) salienta que não se pode atribuir ao turismo o conceito de

ciência, uma vez que as idéias que fundamentam a atividade turística, embora não sejam superficiais, são ainda desconectas. Ou seja, o turismo não se originou de uma teoria, mas de uma realidade espontânea observada por diferentes áreas do conhecimento.

Uma definição técnica de turismo é estabelecida pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que considera o turismo como “[...] as atividades de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por menos de um ano consecutivo, a lazer, a negócios ou por outros motivos” (SIVIERO, 2005, p. 05).

Considerando que existem diferentes enfoques sobre a definição de turismo, podemos compreender essa diversidade nas palavras de Silveira (2002, p. 21), para quem “[...] na realidade, a questão da definição do turismo encontra-se no centro das questões que cercam a discussão sobre o papel que esta atividade exerce na sociedade contemporânea”.

E ainda que (idem, p. 22), “[...] em síntese, ao se tratar do turismo percebe-se que existem definições sob vários pontos de vista, posto que muitos estudiosos já têm se debruçado sobre o tema, e que não se tem um acordo sobre sua definição”.

Do ponto de vista espacial, o turismo é um grande consumidor do espaço, responsável também pela produção e transformação do mesmo, e toda sua complexidade é expressa pelas relações sociais e pela sua materialização, que compõe o processo de produção desse espaço.

Segundo Cruz (2001 *apud* SIVIERO, 2005, p. 06):

“[...] o turismo urbano é de grande relevância na mobilidade mundial, afinal, desconsiderando as modalidades de turismo de aventura, ecológico, rural, entre outros, cujo suporte material constitui-se de locais pouco ou nada urbanizados, o turismo em ambientes urbanos representa a quase totalidade do fluxo turístico mundial. Há nas cidades atratividade turística, por tudo o que elas representam como obras de arte das sociedades humanas, como lugares de encontro, do ir e vir, do acontecer de modo geral”.

Por sua vez, o turismo urbano foi um dos setores econômicos que cresceu em todo mundo nas últimas três décadas gerando lucros, divisas e empregos (SILVEIRA, 1998a, p.47), bem como é uma das práticas turísticas que mais tende a crescer nos próximos anos e essa tendência de crescimento estaria associada, entre outras coisas, á transformação da cidade em um espaço de consumo por excelência, especialmente nos grandes centros, que oferecem uma infinidade de atividades, produtos e serviços voltados ao turismo e ao lazer (SILVEIRA, 1998b, p. 63).

Para Vera *et al* (1997 *apud* Paixão, 2005, p. 15):

“Generalmente, se entiende turismo urbano al viaje de personas que se desplazan a determinadas ciudades para descansar y divertirse, aprovechando sus atractivos diversos, la comodidad y diversidad de sus instalaciones, los servicios turísticos y de ocio, y su calidade de vida”.

Vivemos numa cidade mercantil, onde a função urbana se modifica a todo tempo e Cruz (1998, p. 32) reforça que a sociedade tem ampliado, ao longo do tempo, sua capacidade de transformação do espaço urbano.

Bem como, o crescimento das cidades carrega consigo diversos problemas decorrentes do alto grau de concentração humana em espaços cada vez menores, o que diminui a qualidade de vida, cuja melhora é um dos grandes desafios da atualidade e Silveira (1998a, p.45) destaca que “[...] a situação de pobreza em que se encontra a maior parte da população mundial revela que o estilo de desenvolvimento atual é também insustentável do ponto de vista social (falta acesso à educação, à saúde e a água tratada) e humano (fome, desnutrição)”.

O turismo vem se mostrando cada vez mais um fenômeno complexo, sua importância na economia mundial é inquestionável e sua expansão é irresistível, se considerados os dados referentes à geração de divisas.

Segundo dados do World Tourism Organization (WTO, 2007), o turismo forma com seus estimados 762 milhões de viajantes, o mais poderoso setor da economia mundial.

Ainda, segundo esta organização o turismo é considerado a maior indústria do planeta, devendo ter crescido uma média de 5% a 6% no ano de 2005.

Este dado, no entanto, é bastante inferior ao crescimento de aproximadamente 10% registrados em 2004 e 2003, fato que marcou a recuperação do setor depois da forte queda provocada pelos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América.

Ainda assim, o setor acredita que será a indústria com a maior taxa de crescimento anual, registrando aumentos médios de quase 6% anuais entre 1990 e 2004. O peso do turismo na economia mundial se reflete em alguns dados: 10,6% do PIB (Produto Interno Bruto) do planeta provêm do turismo e 8% dos empregos no mundo dependem deste setor, segundo dados da WTO.

Somente para se ter um exemplo, em 1960, o turismo nem sequer estava entre as dez principais indústrias, descata o World Tourism Organization.

Porém, se sabe que há muito tempo o turismo transcendeu ao seu papel de atividade meramente econômica e a crescente expansão do turismo urbano no mundo trouxe novas perspectivas de crescimento socioeconômico, portanto fomentar esta atividade é uma necessidade.

Daí a incorporação do turismo urbano ao turismo mundial, numa competição com os destinos tradicionais, buscando substituir ou complementar a oferta de produtos turísticos diferenciados (SILVEIRA, 2002, p. 30), o que se faz acompanhar de uma crescente importância do turismo interno ou doméstico.

O desenvolvimento tecnológico possibilitou a inserção de diversos lugares na rede global, modificando as relações urbanas que não mais se caracterizavam somente pelas relações de vizinhança.

Sabemos que uma cidade é muito mais do que uma aglomeração humana num determinado espaço geográfico. É um entrelaçamento de símbolos que dão sentido aos prédios, casas, ruas, praças e monumentos construídos por quem vive ali.

E para melhor apropriação deste espaço urbano para o turismo, a fórmula do sucesso não significa crescimento perpétuo, e sim resposta eficiente aos desafios que este crescimento apresenta.

Assim, entendemos que nenhuma cidade será boa para o turista se não for boa para seus residentes, portanto o poder local tem obrigação de explorar as potencialidades latentes da cidade, através de uma intervenção estratégica, procurando harmonizar o desenvolvimento turístico com a gestão da cidade como um todo, especialmente em benefício da população residente (SILVEIRA, 1998b, p. 79).

Ou, nas palavras de Yázigi (2003, p. 55), “[...] o universo do turista é inseparável do cotidiano urbano dos cidadãos comuns, onde vivem, sobrevivem, circulam, trabalham, se divertem”.

Segundo Tyler, Guerrier e Robertson (2003, p. 309), o estudo do turismo urbano não deve restringir-se à demanda e à oferta do produto turístico. Ao contrário, o desenvolvimento turístico deveria ser visto em termos de gestão de modificação das cidades e de suas funções nos processos decisórios que levam a tais mudanças, sendo que o estudo do turismo urbano é, sem dúvida nenhuma, o estudo da mudança. Mudança na base econômica das cidades. Mudança na utilização do espaço urbano. Mudança na vida cultural dos residentes.

Assim, algumas transformações que o turismo produz podem ser previstas, outras talvez, sejam até inesperadas (idem, p. 309).

Contudo, segundo Yázigi (2003, p. 87), “[...] existindo ou não turismo, toda organização social e a própria existência de um Estado devem convergir para o cotidiano, onde tudo acontece com densidade corporal, inseparável do espaço”.

Assim, a busca por espaços turísticos urbanos é, sem dúvida, uma das práticas que mais tende a crescer, pois está associada à transformação da cidade que apresenta uma grande oferta de serviços turísticos, através do aproveitamento dos atrativos naturais e artificiais inseridos no espaço urbano.

De certo modo, observa-se uma crescente promoção da atividade turística nos últimos anos em todo mundo, através da formulação de políticas de desenvolvimento pela necessidade de buscar vantagens competitivas locais face ao processo de globalização econômica.

Portanto, a estratégia parece ser utilizar o turismo como ferramenta para o desenvolvimento e como uma atividade de fomento de diversos negócios de produtos e serviços (SILVEIRA, 1998b, p. 60).

É possível dizer que a estratégia de valorização e promoção da cidade é utilizada para incrementar a economia local e objetiva criar uma imagem dinâmica e inovadora, agradável e atrativa, suscetível de atrair novos investimentos produtivos e aumentar o consumo urbano. É essa imagem que tem sido utilizada para atrair novos consumidores e investidores em atividades relacionadas ao turismo (RIBEIRO, 2005, p. 21).

Ou seja, gerir o turismo urbano remete inevitavelmente, a busca pela compreensão dos processos de reestruturação e valorização do espaço urbano, com os desafios de uma economia globalizada e competitiva (SIVIERO, 2005, p. 06).

Assim, é cada vez maior o número de cidades que procura se apresentar como destino turístico, pois esta atividade apresenta-se na atualidade como grande geradora de postos de trabalho no cenário mundial com um custo de investimento relativamente baixo, através de uma capacidade de ocupação bastante variada.

Além de gerar empregos, a atividade turística tem uma grande capacidade de exportar serviços e captar divisas, bem como é uma atividade distribuidora de renda, gerando riqueza em lugares bastantes diversos, explorando um potencial de atrativos naturais ou produzidos pelo homem.

Sabemos que o turismo representa, hoje, uma das mais importantes formas de reprodução de capital e de captação de divisas no comércio internacional. Contudo, é reconhecido ainda como uma atividade que se presta muito à lavagem de dinheiro do narcotráfico, do jogo, da sonegação de impostos e da corrupção (RODRIGUES, 2001, p. 18).

Ainda, segundo Marchena (1994 *apud* Silveira, 2002, p. 79):

“Neste novo cenário, cidades e localidades vêm adquirindo novas funções, notadamente a partir da implantação de infra-estruturas e equipamentos, destinado a atrair as mais recentes demandas por turismo, lazer, recreação, diversão e outras formas de uso / consumo dos espaços urbano-metropolitanos. Tais espaços passam a oferecer, dessa forma, uma ampla gama de serviços relacionados ao turismo e ao lazer urbanos”.

Bem como, o turismo como qualquer outra atividade, considerando diversos fatores e critérios, tende a se distribuir de maneira desigual no território (SILVEIRA, 2002, p. 71). Dentre estes critérios é possível reconhecer que a segurança é necessária e fundamental na consolidação de um destino turístico.

Não resta dúvida que a exploração do turismo urbano é viável e pode servir como instrumento na busca de soluções de diversos problemas da cidade, bem como pode ser uma ferramenta de planejamento e ordenamento territorial, afinal o desenvolvimento do setor turístico está cada vez mais atrelado ao nível de competitividade dos produtos e serviços ofertados, num cenário caracterizado pela globalização e por um grau de exigência cada vez maior de qualidade nos destinos turísticos.

Em se tratando de turismo, as relações humanas fluem com muita velocidade e intensidade e o fenômeno da violência e da criminalidade ao exercer sua influência cria um novo prisma de observação científica e neste caso, consolidar a pesquisa geográfica partindo do pressuposto que o turismo é uma atividade que alimenta muitas reflexões e controvérsias.

Geografia e violência urbana – oportunidades e crimes

A violência e a criminalidade são algumas das questões que mais têm preocupado a sociedade brasileira nos últimos anos, assustando, dominando conversas e preocupações dos cidadãos.

Isso se explica pelos seus efeitos sobre qualidade de vida das pessoas assim como sobre o desenvolvimento sócio-econômico de qualquer lugar, bem como estes fenômenos têm atingindo níveis tão intoleráveis que fizeram com que o medo fosse incorporado à rotina do cidadão, produzindo mudanças no comportamento e conduzindo para que diversos esforços sejam realizados para ampliar a capacidade de interpretação dos fenômenos relacionados a sua origem, evolução, prevenção e repressão.

Em trabalho realizado por pesquisadores do Instituto de Estudos da Religião (ISER, 2000) constatou-se que:

"[...] a maioria dos crimes cometidos ocorre em regiões de alta concentração de habitantes em condições precárias de qualidade de vida. A proporção de habitantes que moram em municípios de mais de 100 mil habitantes é a variável que mais se correlaciona com taxas de homicídios estaduais no Brasil. Estas relações se mantêm mesmo após controlar o efeito de renda, da desigualdade e da educação, mostrando que a urbanização parece ser um dos fenômenos principais para explicar as elevadas taxas de homicídio no Brasil".

Hoje, vivemos numa sociedade cada vez mais urbana com diversos aparatos contra esse fenômeno que é a violência, contudo percebe-se uma cultura da insegurança, ou seja, quando uma comunidade acredita que a criminalidade é igual em todos os lugares sem levar em conta que a criminalidade apresenta diferenças temporais e espaciais.

Portanto, dentro do esforço em conhecer os fatores que, modernamente, influenciam a segurança pública é possível dizer que existe uma “síndrome da violência urbana”, gerada pela divulgação

maciça de crimes ocorridos nas grandes cidades e, por vezes em cidades de porte médio e pequeno, e que é transportada indistintamente para outros pontos mais distantes, os quais passam a viver, solidariamente, o mesmo clima de insegurança vivido por aqueles centros.

Assim, criminalidade se apresenta como uma catástrofe social que vem afligindo os cidadãos e preocupando a opinião pública em todo mundo.

Por seu caráter crescente e cumulativo, a criminalidade é elemento cada vez mais constante dos cenários urbanos, ou seja, o crime urbano é um dos sérios problemas sociais das cidades (GUIDUGLI, 1985, p. 231). Nos últimos anos, a criminalidade tornou-se um fenômeno, uma epidemia que se dissemina com grande facilidade nos grandes centros urbanos.

Por outro lado, e apesar de possuir tantas condições de desorganização social, deve-se ter cuidado de não atribuir à cidade características criminógenas. Oliven (1980, p. 373) alerta para o uso equivocado do termo violência urbana, pois a “[...] criminalidade tem menos a ver com o contexto no qual se manifesta e mais com as condições que lhe dão origem. Por isto é que cabe falar em violência na cidade e não em violência urbana”.

A violência urbana não é nova, mas não assume as mesmas formas em todas as épocas, se distinguindo pelos tipos de agentes, vítimas, ocasiões, tecnologia e local de ocorrência, entre outras.

Neste contexto, o espaço urbano pode parecer perigoso, caótico, impessoal e doentio, além de mudar a forma do cidadão se relacionar com a cidade.

Diante do aumento generalizado da criminalidade, torna-se premente analisar com maior profundidade este fenômeno social, no intuito de identificar os seus elementos determinantes e assim, propor medidas eficientes que possam melhorar o nível de segurança pública.

Historicamente, é possível encontrar vestígios desta preocupação e sua respectiva reflexão, em Platão (“As Leis”) que viu o crime como uma doença cujas causas derivavam das paixões, da procura do prazer e da ignorância. Aristóteles, por sua vez, considerou que a causa do crime tinha origem na miséria (“Tratado da Política”) e que o criminoso era um inimigo da sociedade que deveria ser castigado (“Ética a

Nicómaco”). São Tomás de Aquino atribuiu a origem do crime à miséria. Mas, o primeiro autor a dar-se conta das causas sociais do crime foi Thomas Morus (1478-1535) na sua obra “Utopia”.

O crime é uma realidade que nos acompanha no cotidiano, principalmente nas grandes cidades, e tentar estudá-lo é um grande desafio justamente pelas numerosas variáveis que envolvem a sua origem e a sua prática.

Portanto, crime e violência manifestam-se como fenômenos altamente correlacionados com as dimensões de tempo e de espaço.

A abordagem sobre a criminalidade sempre foi feita, sobretudo, por criminólogos e sociólogos. Contudo, a criminalidade é, sem dúvida, um dos problemas enfrentados pela sociedade que ultrapassa a capacidade de compreensão de uma única ciência (FELIX, 2002, p. 77).

Então, a violência urbana é um difícil, dinâmico e complexo fenômeno urbano a ser compreendido, combatido ou, pelo menos, reduzido em determinados espaços onde a situação encontra-se caótica.

Sabe-se que há muitas formas de intervir sobre as causas e os efeitos da violência. Isso deve ser feito de forma interdisciplinar, pois no espaço ocorrem diferentes fenômenos que precisam ser compreendidos a partir de diferentes abordagens.

A interdisciplinaridade é fundamental para o estudo e a compreensão da violência, e as diferentes ferramentas analíticas oferecidas por cada área do conhecimento contribuem para o entendimento da questão da violência, esse fenômeno tão complexo.

Considerando que a violência é um grave e atual problema da sociedade e sendo a Geografia uma ciência humana, não pode ficar à margem das discussões acerca desse fenômeno, bem como o debate sobre (e como) os geógrafos deveriam colaborar com a solução dos problemas sociais vem aumentando desde o final da década de 1960 (FELIX, 2002, p. 109).

Felix (2002, p. 109), reforça este argumento quando assinala que:

“Se o homem, em seu contexto sócio-espacial, é o principal objeto dos estudos desenvolvidos pela Geografia Humana, é natural que o seu bem-estar e a sua qualidade de vida também sejam foco de indagação geográfica”.

Felix (2002, p. 135) acrescenta que:

“[...] a participação da Geografia nos estudos criminais não tem como objetivo principal encontrar soluções para um problema que é universal e tem resistido aos mais diversos programas preventivos e “curativos”, desenvolvidos em países com condições sócio-políticas e econômicas mais diversas. Contudo, inserir em seu campo de estudo a criminalidade pode ser altamente produtivo para a compreensão das causas e, mesmo que não se proponham soluções, questionar o problema de forma global e suas implicações sócio-demográficas já é altamente produtivo para futuros estudos”.

Assim, este trabalho busca compreender a criminalidade e a violência direcionando suas atenções principalmente para a Geografia, pois compreender a dinâmica relação entre o espaço e o crime permite a antecipação das ocorrências com ações preventivas, bem como conhecer as especificidades da violência urbana é uma maneira de melhorar a qualidade de vida do homem metropolitano.

As causas da criminalidade podem ser oriundas de fatores de natureza econômica (privação de oportunidades, desigualdade social, marginalização, etc.) ou serem atos criminosos que por si só significam uma agressão ao consenso moral e normativo da sociedade, sem apelos às interações econômicas.

Segundo Felix (1989, p. 05), “[...] assistimos nos últimos anos, a uma revolução da Geografia Humana com a propagação da idéia de que fazer Geografia é preocupar-se também com os grandes problemas sociais como a desigualdade e suas manifestações no espaço e na qualidade de vida do homem”.

E ainda, que:

“[...] fazer Geografia Urbana, hoje, é ir além da análise do crescimento demográfico, da expansão espacial e da função econômica das cidades. É também se preocupar com as transformações e fragmentações urbanas conseqüentes do crescimento acelerado das cidades e observadas em suas dimensões negativas, como na pobreza, no desemprego, na circulação de drogas, na desintegração familiar, na falência das instituições da comunidade” (idem, p. 05).

Deve-se considerar, ainda, que a violência se distribui diferentemente pelo espaço, e conhecer esta distribuição, bem como sua especificidade, contribui na tomada de decisões que abrandem este fenômeno.

A partir daí, as políticas de segurança devem trabalhar de forma a conhecer as possíveis causas dos crimes e então, elaborar estratégias que minimizem o impacto da violência ou antecipem sua ocorrência.

Isso deve ser feito levando-se em consideração que um mesmo crime pode ocorrer em diferentes espaços da cidade, mas não necessariamente as suas causas serão as mesmas. Daí a importância em se buscar conhecer as características sócio-espaciais dos lugares mais violentos para que as políticas empreendidas tenham eficácia.

Felix (2005, p. 106) comenta que determinados espaços apresentam:

“[...] concentrações de crimes e de criminosos e a identificação desses espaços, geográfica e socialmente delimitados, propicia a intervenção do poder público e o desencadeamento de programas preventivos em ambos os segmentos: criminoso e vítima. [...] Os riscos de vitimização se distribuem desigualmente entre as pessoas (subgrupos de vítimas potenciais) e os espaços visivelmente desprotegidos e deteriorados”.

É importante que tanto o Estado quanto a sociedade civil desenvolvam ações preventivas, para que a vitimização diminua. Sendo assim, o primeiro passo é a busca do entendimento do contexto onde a violência acontece e a identificação de áreas onde estas situações compartilham uma dinâmica particular. Somente a partir desse conhecimento será possível realizar o planejamento de ações preventivas e repressivas específicas.

Diante deste contexto, o conceito de natureza territorial do crime fundamenta-se no fato de que o comportamento das pessoas, principalmente quando empreendem atividades intencionais, é baseado em certas rotinas e hábitos ajustados às características do ambiente onde vão atuar.

De um modo geral, o mesmo ocorre com os criminosos: suas ações decorrem de decisões a partir de oportunidades oferecidas pelos padrões locais de atividades humanas que produzem vítimas em potencial (movimento de pedestres, pessoas com compras ou que saem com dinheiro dos bancos nos dias de pagamento) ou oferecem objetivos para serem atacados (estacionamento de veículos em locais de diversão, áreas comerciais sem movimento no período noturno ou fins de semana) (FELIX, 1996, p. 159).

De certo modo, os delinqüentes atuam de acordo com os princípios da oportunidade, do benefício e do risco. Se uma área oferece oportunidades, inclusive pela deficiente ação de vigilância, privada ou oficial, há a propensão de relativa fixação dos delinqüentes no local, inclusive por conhecer vias de fuga, esconderijos e a concorrência de outros criminosos. Um exame detalhado da ocorrência de determinados tipos de crime, como os furtos de residências ou roubos de pedestres, mostra que eles ocorrem nos mesmos lugares, quase sempre nos mesmos horários e com o mesmo tipo de vítima. Um levantamento do “*modus operandi*” pode mostrar que, quase sempre, são os mesmos criminosos que estão agindo no local.

A manifestação espacial do crime, segundo Felix (2005, p. 103), “[...] altera valores e percepções espaciais, deteriora os espaços urbanos, altera os níveis de concentração ou esvaziamento e cria espaços do medo”.

Sendo a violência um fenômeno que se manifesta no espaço geográfico, constituindo-se também como causa e efeito do meio circundante, produzindo neste uma alteração na paisagem e no comportamento dos atores desse espaço, a Geografia não pode ocultar-se diante de tal fato.

Atualmente, existe uma corrente que associa o aumento da criminalidade a problemas estruturais e conjunturais, tais como altos índices de desemprego, analfabetismo e baixos níveis de renda, bem como a desigualdade social. Pode-se ainda relacionar a esta corrente, a ineficiência policial e o labirinto jurídico-legal que também contribuem para a manutenção e o crescimento das organizações criminosas pelo viés da impunidade.

Portanto, acreditou-se que ao se resolver os problemas econômicos e sociais, o problema da violência também estaria resolvido, contudo o que se constatou foi um paradoxo, pois o incremento dos indicadores sociais que se verifica no Brasil, bem como a estabilidade das instituições políticas, tem encontrado incômoda companhia no crescimento das taxas de criminalidade nos grandes centros urbanos brasileiros (BEATO FILHO e REIS, 1999, p. 03).

Este panorama é palco propício à geração de violência e de criminalidade, em especial no território urbano, cuja correlação e influência sobre o turismo precisa ser estudada, pois é um cenário que une atores e protagonistas na produção e transformação do espaço urbano que se modifica para atender às diversas necessidades humanas.

Convergentes com essa crescente preocupação, diversas instituições vêm se debruçando sobre o tema, no sentido de entender melhor sua natureza, suas causas, suas conseqüências e as melhores formas de alocação de recursos nos aparatos de segurança pública.

Pesquisas sobre a violência no Brasil têm um lugar especial em diversas universidades brasileiras e centros de estudo, sendo vários os grupos de pesquisa que se dedicam ao estudo desse fenômeno. É interessante destacar que a maioria destes grupos está localizada nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, duas capitais que estão entre as mais violentas do país.

Diversos esforços vêm sendo realizados por parte dessas instituições para ampliar a capacidade de interpretação dos fenômenos relacionados à violência e à criminalidade.

De fato, ao longo da última década, diversas pesquisas foram conduzidas levantando dados sobre vitimização, atendimento hospitalar, óbitos e registros policiais, entre outras.

No seu conjunto, essas pesquisas fornecem dados que permitem a investigação de um espectro relativamente amplo sobre a questão da violência e da criminalidade.

Alguns trabalhos, inclusive salientam que a atividade criminal pode ser controlada através da punição severa e rígida e por investimentos sociais que contribuam para a redistribuição de renda, sendo que tais aspectos aumentariam, assim, o custo de oportunidade do crime.

Algumas linhas recentes de pesquisa vêm atentando para outros fatores tais como interação social, e ainda alguns trabalhos tentam verificar a importância de fatores relacionados à situação da família ou à herança familiar, sobre a criminalidade e a violência.

De acordo com Viégas (2005):

“[...] na mesma velocidade que a sociedade evolui, a criminalidade avança sobre todos os segmentos e camadas da população [...] Assim, um trabalho científico é fundamental para compreender o crime e a violência em um contexto mais amplo, que vai além dos números”.

Apesar do volume de informações e pesquisas ter se ampliado bastante nos últimos anos, ainda é possível encontrar enormes lacunas.

Neste contexto, procuramos com o presente trabalho preencher uma importante lacuna no que tange à pesquisa aplicada ao tema da correlação da violência e da criminalidade, em torno da evolução do turismo urbano.

Bem como, este estudo busca trazer subsídios na busca de soluções para os desafios do desenvolvimento urbano e do turismo. Estas soluções precisam ter a capacidade de responder as novas demandas da população e de se adaptar ao desejo de um turista cada vez mais exigente.

Por fim, este estudo procura argumentar também que o crime é um fenômeno causado por um amplo número de fatores de índole muito diversa e partindo desse pressuposto, obviamente, não há condições que garantam que uma pessoa cometerá crimes, mas é certo que determinados contextos favorecem mais a proliferação da delinquência.

Assim, quando se fala em criminalidade, fala-se na realidade de um conceito amplo que inclui realidades e dinâmicas diversas.

Nesta direção, Felix (2002, p. 27) lembra que a Escola Geográfica do Crime, notadamente a partir da década de setenta, busca esclarecer, a partir de diversas teorias e análises interdisciplinares, os processos que levam à distribuição diferenciada dos crimes no espaço geográfico. Acrescenta também que o crime é um fenômeno social e, portanto, “[...] reflete certas condições de vida, diferenciadas por situações, culturais, políticas, demográficas, espaciais, etc., e é o estudo destas condições que levará à compreensão dos níveis de variação da violência” (idem, p. 21).

Assim, se a Geografia é uma ciência que se preocupa, também, com o planejamento urbano (considerando também que a criminalidade é reflexo do planejamento urbano), não pode ficar à margem do problema da criminalidade, pois esta vem provocando um grande rearranjo ambiental, com o surgimento de novos espaços defensivos.

A Geografia do Crime tem explicado a tendência do aumento da criminalidade urbana nos últimos anos no Brasil, partindo do pressuposto de que “[...] os processos de ocupação espacial (econômicos, políticos, etc.) acabam gerando certos espaços contributivos, provocativos e até marginais” (FELIX, 2002, p. 04), contudo nenhum estudo sério da criminalidade pode desconsiderar os processos

sócio-políticos, os conflitos de classe, os comportamentos e as formas de percepção social, política e econômica do espaço (FELIX, 2002, p. 77).

Assim, o questionamento sobre o crime é feito a partir de três abordagens: dinâmica social, dinâmica demográfica e dinâmica espacial.

A análise da dimensão social (FELIX, 2002, p. 04), ou seja, dos processos sociais competentes a um dado espaço e tempo, são primordiais para a compreensão da dinâmica criminal e dos (des) ajustes sócio-espaciais. Como exemplo, Felix afirma que a análise do contexto de um espaço, bem como de sua população por meio de jornais é um procedimento que leva à compreensão da sociedade que nele habita, a partir do conhecimento de seus anseios, perspectivas e temores. Essa técnica permite traçar o perfil da (des) organização social e entender sua dinâmica.

A dinâmica demográfica, conforme Felix (2002, p. 04), é o segundo elemento fundamental na análise da criminalidade. Todavia, destaca-se que os valores demográficos relacionados ao sexo, à idade, à mobilidade sócio-espacial, entre outros, vão além dos números, sendo de fundamental importância investigar de que maneira a dinâmica demográfica tem ou não importância na compreensão da criminalidade, pois ela é uma variável que intervém no fenômeno.

A terceira abordagem é da dinâmica espacial (FELIX, 2002, p. 05) que revela que certos espaços são absolutamente deteriorados pelo esvaziamento habitacional.

Colocadas estas questões, Felix afirma que:

“Uma deficiência dos estudos criminais, também notada entre os geógrafos, é a utilização das estatísticas criminais sem críticas, como se as taxas fossem por si mesmas um fato social. É preciso pensar o controle social como um elemento constitutivo do comportamento desviante, pesquisando-se os controladores da mesma forma que os controlados” (FELIX, 2002, p. 105).

Felix (2002, p. 124) também afirma que:

“[...] o medo e a necessidade de proteção crescentes estão se refletindo nas diversas formas de aproveitamento do espaço e transformando todo design das estruturas urbanas. Este impacto da violência sobre o espaço está sendo analisado pelos planejadores urbanos”.

Da mesma forma, a “Geografia do Crime” pode ser uma ferramenta de análise da correlação turismo urbano – criminalidade, servindo como elemento para compreensão do dinamismo entre o espaço e a violência urbana.

Deste modo, compreender o impacto e a correlação entre violência e criminalidade e turismo urbano caminha na direção de uma abordagem não convencional e uma visão alternativa do tema, pois a discussão pode se apresentar bastante frutífera.

A criminalidade impõe sérios obstáculos ao desenvolvimento econômico local e regional. Porém, o impacto do crime sobre a sociedade é bastante heterogêneo, pois passamos a viver numa sociedade com diversos aparatos contra a violência.

Ao estudar o turismo urbano e sua correlação com a criminalidade, se observa que os campos de influência mútuos estão marcados pela redução da capacidade de captação de investimentos e atração de público visitante, na medida em que o acesso aos locais de lazer é ameaçado pela ação ilegal de pessoas ou grupos de pessoas, quer contra o turista, quer contra a própria população residente.

Nesta direção, a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1997, p. 17) afirma que:

“El funcionamiento deficiente del turismo y de los sectores conexos puede poner en peligro la seguridad personal de los visitantes, su integridad física y sus intereses económicos, como consecuencia de la ausencia de protección contra actos ilícitos y delincuencia en las instalaciones turísticas”.

Em muitos casos, esta ação impede a estruturação de uma atividade econômica, já que o turismo urbano, como forma de desenvolvimento com muitas possibilidades e potencialidades, é um dos recursos mais utilizados pelas pessoas na atualidade para se fugir do cotidiano.

Nas palavras de RIBEIRO (2005, p. 15):

“Reconhecer o planejamento voltado também para o turismo mostrou que os gestores possuíam uma visão economicista da atividade. No entanto, para que esta se desenvolva e se consolide, aliar o desenvolvimento social é primordial para que turistas possam vir às cidades com segurança para consumir bens e serviços de acordo com suas necessidades e anseios”.

É necessário que exista um compromisso social para a diminuição dos índices de violência porque o turista quer e precisa sentir-se em segurança, pois ninguém quer conhecer uma localidade que está em conflito ou onde a miséria é absurda.

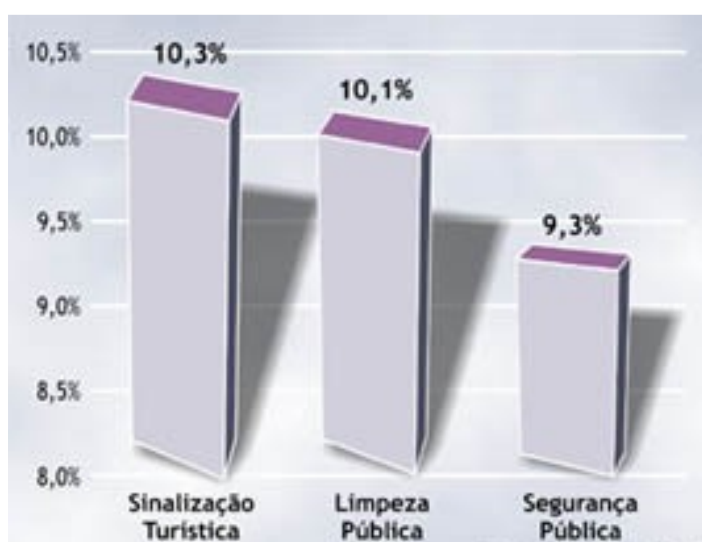
O turismo é um lugar para os sonhos se realizarem, pois as pessoas esperam ser bem atendidas e querem desfrutar de belas paisagens e museus ou participar de congressos e reuniões, sem o risco de serem assaltadas a qualquer momento.

Uma das principais razões responsáveis pela diminuição do número de turistas que visita uma localidade é a imagem que esta localidade possui. Esta afirmação é confirmada por pesquisa realizada pela Embratur (SEBRAE, 2004) que acredita que a crise da segurança pública pela qual passa o Brasil acaba por influenciar negativamente o turismo no país.

Na pesquisa realizada em 2003, os principais problemas apontados pelos turistas que visitaram o Brasil seria primeiramente a ausência de sinalização turística adequada, dificultando o deslocamento e a locomoção dos turistas dentro das cidades, seguido pela limpeza pública deficiente, pois a grande quantidade de lixo nas ruas e a existência de esgoto a céu aberto seriam algumas das situações que desvalorizam a cidade aos olhos tanto da população residente quanto do turista.

E por último, o quesito segurança pública, uma vez que os turistas se sentem inseguros para circular pelas cidades, bem como, identifica-se grande carência de policiais preparados para atender ao turista visitante (Gráfico 02).

GRÁFICO 02 – PRINCIPAIS PROBLEMAS APONTADOS PELOS TURISTAS ESTRANGEIROS



fonte: SEBRAE, 2004

É sabido que a criminalidade apresenta uma sinergia muito negativa, com o arrefecimento do setor turístico, seriamente afetado pela questão da segurança. Ou seja, este trabalho procura argumentar que a falta de segurança pública é uma questão urbana que pode afetar diretamente a atividade turística, pela insegurança para circular nas vias públicas e em locais de visitação, bem como que deve haver equilíbrio no desenvolvimento da atividade de segurança, buscando um estágio harmônico na aplicação da força policial de maneira suficiente para impedir a ação criminosa, sem demonstrar a existência de um estado “policialesco”.

Nesta mesma direção, a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1997, p. 69) diz que:

“El objetivo debería ser el de encontrar el equilibrio adecuado entre una vigilancia policial de las zonas turísticas que sea suficiente para disuadir a los delincuentes sin dar una apariencia de excesiva presencia policial. Para que haya delito, tienen que coincidir una víctima potencial, un delincuente potencial, y una oportunidad. Por lo tanto, los lugares problemáticos en cuando a delitos contra los turistas serán los lugares de fuerte concentración de turistas, que son los objetivos potenciales de los delincuentes”.

Diante deste quadro, fica claro que a tragédia da criminalidade nasce com o empobrecimento do debate sobre políticas de segurança pública voltadas especificamente ao turista, pois as consequências da falta de segurança repercutem no comportamento do mesmo.

Em síntese, o crime permeia o nosso cotidiano e compreender seu desenvolvimento e seu impacto sobre o turismo urbano permite oferecer produtos e serviços mais próximos dos desejos de um turista cada vez mais exigente, além de fazer frente ao compromisso social de um ambiente mais seguro para a população residente.

Considerando que existem pessoas pensando, discutindo e debatendo as cidades e o turismo dentro delas, temos a oportunidade de buscar novos caminhos, num processo de renovação urbana, através de estratégias locais de desenvolvimento.

Por outro lado, uma análise da correlação entre turismo urbano e criminalidade traz a luz uma indústria totalmente voltada a prestar um serviço especializado de segurança privada.

Khan (1999, p. 42) argumenta que em função da violência, reordenamos parte de nossa vida e de nossos negócios, bem como levanta o questionamento sobre “qual é o preço que a sociedade paga pelo crescimento dos índices de criminalidade?” (KHAN, 1999, p. 43).

Nesse contexto, alguns economistas têm procurado estudar esta problemática considerando que o aumento da criminalidade reduz a atividade econômica na medida que desestimula novos investimentos (exceção feita aos voltados para os investimentos em segurança privada).

Conclui-se que o custo para se proteger da criminalidade é assustador. Os números mostram que a violência pesa no bolso de cada brasileiro, sangrando os cofres do país. E o pior, nem sempre este dinheiro compra a proteção desejada.

Em épocas de parco crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), o faturamento das empresas de segurança privada e de vigilância eletrônica está estimado em oito bilhões de reais / ano e a perspectiva é cada vez maior, apresentando taxas de crescimento de 10% ao ano (GOLDBERG, 2006). Segundo Ib Teixeira, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, para se proteger de crimes o Brasil gasta cerca de R\$ 37 bilhões por ano (GOLDBERG, 2006), considerando apenas os gastos do setor privado com segurança e seguridade.

Entram na conta, por exemplo, despesas com vigias e equipamentos de segurança, seguros de carros, do comércio, da indústria, do setor de serviços e a para a colocação de grades em edificações diversas.

“Este é um verdadeiro imposto que a população brasileira vem pagando nesse momento, pela violência”, observa Ib Teixeira (GOLDBERG, 2006).

Ib Teixeira também fez as contas e descobriu que os gastos dos governos federal, estaduais e municipais com segurança em 2006 chegaram a R\$ 35 bilhões, com a construção de penitenciárias e com a manutenção das polícias e dos servidores da área de segurança (GOLDBERG, 2006).

O governo, nas esferas federal, estadual e municipal, mesmo tendo alocado um montante cada vez maior de recursos no combate ao crime não desestimula os cidadãos a recorrerem às grades, às cercas eletrificadas e aos altos muros para buscar a reclusão e o isolamento social, tornando-se reféns do próprio medo.

É obvia a existência de um impacto econômico da violência sobre o bem-estar social cuja mensuração de custos pode ser um instrumento de auxílio na formulação e implementação de diversas políticas públicas, inclusive no campo do turismo, especialmente o urbano. Apesar das evidentes repercussões do fenômeno da criminalidade na qualidade de vida das pessoas, existem, relativamente, poucos estudos que procuram mensurar o custo do crime, especialmente sobre o turismo.

Teixeira (1997, p. 34) estudou os efeitos danosos da violência, sobre a vida urbana e chegou a conclusões preocupantes, pois segundo ele “[...] os prejuízos no Brasil não se restringem aos gastos para se proteger da violência. Assim, o País perde com a atrofia do setor turístico”, reforçando que são gastos cerca de dez bilhões de dólares por ano, dinheiro que poderia chegar com o turismo, mas que esbarra na insegurança urbana.

Assim, Teixeira (1997, p. 89), num outro trabalho, estimou o impacto da criminalidade sobre o setor de turismo através de uma análise comparativa do fluxo de turistas no Brasil e na Argentina, entre os anos de 1987 e 1994. Em 1987, o número de turistas que chegou à Argentina foi bastante inferior ao obtido pelo Brasil. Porém, no período entre 1987 e 1994, os argentinos avançaram no turismo, de menos de dois milhões para 4,5 milhões de turistas, num crescimento de 150%. Enquanto isso, a entrada de turistas em território brasileiro no mesmo período estagnou ou decresceu. De dois milhões de turistas, em 1987, o Brasil retrocedeu para pouco mais de um milhão em 1990, ou seja, reduziu para a metade. A partir daí houve uma pequena reação, quando em 1994, o país alcançou 1,6 milhão de turistas, uma entrada semelhante ao que havia alcançado em 1987.

De acordo com Teixeira (1997, p. 90), a principal causa da diferença de comportamento turístico entre Brasil e Argentina é o avanço da violência no território brasileiro e a conseqüente difusão desta imagem no exterior. Prova disso, segundo Teixeira, é que o Brasil teria registrado em 1996, cerca de 50 mil homicídios, enquanto a Argentina, no mesmo ano, apenas quatrocentos.

Assim, as conseqüências do avanço da violência no Brasil se materializam de forma devastadora.

A fórmula, segundo Teixeira (1994, p. 33), é:

“+ violência = - turistas = + desemprego”.

As cidades modernas têm sofrido forte influência da violência em todos os níveis, mas é no desenho urbano que se percebe de forma mais ampla esta interferência. Assim, surgem os condomínios fechados por toda parte, comportando-se como verdadeiras “ilhas seguras”.

Têm-se, ainda, muitas casas e edifícios que exibem uma parafernália voltada para a segurança, desde grades, cães ferozes até sistemas eletrônicos que tentam estender os sentidos daqueles que se encontram presos, encurralados em suas pseudofortalezas urbanas.

Felix (FELIX, 2002, p. 134), acrescenta que essa é uma tendência que se tem observado atualmente nos bairros de classe sócio-econômica mais elevada, bem como:

“Os sofisticados sistemas de segurança, ao invés de inacessibilidade, estão criando criminosos mais refinados. Quanto mais difícil o acesso ao alvo, mais elaborado tem que ser o ataque e mais compensatório deverá ser o fruto deste trabalho. Isto implica um planejamento melhor e o desenvolvimento de técnicas ofensivas mais elaboradas e, portanto, crimes mais difíceis de serem contidos ou solucionados”.

A violência está mudando radicalmente a paisagem das cidades brasileiras. Casas e prédios se adaptaram para tentar proteger moradores cada vez mais assustados. A arquitetura do medo lembra os tempos medievais, traduzida numa vida atrás das grades.

As pessoas montam trincheiras em suas próprias casas, repetindo táticas do passado para recuperar a sensação de paz dentro de casa.

Nas casas e nos condomínios, os sofisticados sistemas de segurança se transformaram na última linha de defesa contra a violência. É cada um no seu castelo, pois as barreiras se multiplicam. E para se viver em um lugar seguro é preciso pagar um preço alto. Não somente em dinheiro, mas também é preciso abrir mão da própria privacidade.

Contudo, Felix (2002, p. 129) argumenta que a violência continuará, ainda que sejam feitas mudanças no espaço a partir do desenvolvimento de novos “*designs*” ou do uso de novas técnicas de defesa, pois tais mecanismos controlam apenas temporariamente a criminalidade.

Portando, é preciso considerar a amplitude da criminalidade. Desta maneira, a sua prevenção deve se pautar por políticas que intervenham positivamente sobre suas causas últimas que são o esfacelamento das relações sociais e a carência de atendimento às necessidades básicas e de serviços que valorizem a cidadania.

Neste sentido, pode-se dizer que a cidade, espaço definido e restrito, é o lugar onde se dá a concentração da população, a desigual apropriação do espaço, a exposição da diferença e da desigualdade social.

Além disso, a permanência ou o aumento da violência é uma tendência inevitável, como lembra Spósito (1994, p. 78). E ainda, segundo Mendonça (1998, p. 10), “[...] a queda da qualidade de vida se acentua onde o homem se aglomera”.

Assim, os temas Geografia e violência urbana são importantes para se pensar a sociedade e o espaço, pois vivemos na era dos ataques à integridade física e à propriedade pessoal, pelo uso da força e da coação.

Cada vez mais, a violência associa-se ao modo de viver nas grandes cidades, onde tudo muda vertiginosamente e todos são incógnitos (RODRIGUES, 2002, p. 77), tornando-as cidades de muros. Muros físicos e sociais.

Partindo deste pressuposto, um caminho para tentar compreender a violência urbana num prisma geográfico, é verificar se são violências contra as pessoas, contra a propriedade pessoal ou contra os meios de produção que, muitas vezes, atingem as pessoas.

Bem como, acredita-se que o aumento da violência está relacionado à incapacidade das cidades em atender aos que nela vivem (RODRIGUES, 2002, p. 78).

Para compreender o crescimento das cidades, podemos analisar a ampliação do espaço territorial dos perímetros urbanos que ocorre pela expansão dos limites da cidade e essa expansão territorial expressa uma forma de violência, ou seja, acontece uma ocupação de áreas não urbanas que expulsa o morador de seu ambiente, para inseri-lo num novo urbano ou numa nova realidade (RODRIGUES, 2002, p. 79). Mesmo que a expulsão não seja física, que o indivíduo permaneça morando no mesmo lugar, mudam-se suas atividades.

Por outro lado, um desafio para compreender a criminalidade urbana é analisar a falta de acesso da população aos denominados benefícios urbanos e, principalmente, ao desenvolvimento de sua capacidade de participar, pois compreender a violência é compreender a ausência de urbanidade, ou seja, à falta de instrumentos que permitam ao cidadão participar da vida na cidade (RODRIGUES, 2002, p. 84).

Segundo Queiroz (2002, p. 98):

“[...] refletir sobre a criminalidade e sobre suas nuances geográficas impõe-se como exercício obrigatório para quem pretende compreender a dinâmica atual da urbanização. A violência que atinge as cidades brasileiras deixou de ser um fenômeno localizado”.

Assim, essa situação tem desencadeado na sociedade urbana um sentimento de medo, colocando-a em permanente estado de alerta. Conseqüentemente, ocorrem mudanças significativas no cotidiano das cidades, pela redefinição de atividades, fluxos e comportamentos, portanto, do modo de vida urbano.

É necessário, portanto, que haja uma atenção voltada à compreensão dos espaços onde a violência tem sido mais intensa, pois o conhecimento do contexto social pode ajudar a interpretar os agravos violentos que ocorrem no local.

Por outro lado, a falta de controle social faz com que o medo e o sentimento de segurança aumentem e isso encolhe a liberdade de locomover-se pela cidade e usufruir de espaços públicos sem temer ser assaltado, importunado ou ser atingido por uma “bala perdida”.

Deduz-se, portanto, que a violência não é exterior ao indivíduo, pois está inserida no contexto das relações sociais e faz-se mister buscar conhecer a distribuição sócio-espacial do fenômeno da violência.

Felix (2002, p. 17) alerta ainda que há uma forte tendência em criminalizar “[...] o desempregado, o subempregado, o pobre e miserável, o negro, o habitante da favela, o que não tem residência fixa, o que não possui documento ou, mais especificamente, uma carteira de trabalho assinada”, pelo fato de sair destes segmentos sociais o maior número de criminosos e condenados.

Isso se dá porque criminalidade e exclusão são conceitos associados, que apresentam uma relação de causa e efeito. Mas ambos são sintomas de um processo histórico, que exclui um elevado contingente da população dos meios de produção e da participação social do exercício pleno de seus direitos.

Portanto, o entendimento da dinâmica atual das cidades demanda discussão e análise dos significados do componente medo, deflagrado pela criminalidade urbana, para a organização das atividades na cidade.

Em razão disso, a percepção destas mudanças remete à compreensão de que a violência urbana tornou-se também uma questão geográfica. Isso significa considerar não apenas os aspectos de localização e extensão do problema, mas os seus reflexos nos modos de produzir e consumir a cidade.

Neste contexto, turistas podem ser presas fáceis para os criminosos, pois não conhecem áreas perigosas e situações locais nas quais podem estar vulneráveis a crimes violentos, tornando-se alvos para diversos transgressores e criminosos, e isto ocorre por serem facilmente identificáveis e, geralmente, não estarem preparados para se defender de um possível ataque.

Santana (2001 *apud* CATAI e REJOWSKI, 2005, p. 245) afirma que “[...] independentemente de muitos atributos que compõem a experiência e as motivações turísticas, a segurança é sem dúvida um dos fatores mais importantes”, pois o turista escolhe um destino não apenas com base no preço ou na imagem, mas também se valendo da questão da segurança e proteção pessoal (CATAI e REJOWSKI, 2005, p. 249).

Ryam (1993 *apud* CATAI e REJOWSKI, 2005, p. 249), em estudo sobre a relação intrínseca entre crime, violência e turismo enumerou as possíveis situações em que o turista pode ser o principal alvo dos bandidos, citando inclusive, os casos onde as agressões contra os turistas acontecem por acidente ou situações do acaso:

“Tipo 1: o turista é uma vítima da ação criminal que ocorre independentemente da natureza turística; a maioria dos crimes é contra a população local.

Tipo 2: os turistas não são necessariamente as vítimas principais, mas os locais de ocorrência constituem atração turística; Nesse sentido, o autor cita regiões da América do Sul.

Tipo 3: o lugar atrai atividades criminais por causa do trânsito de turistas, e estes se constituem vítimas fáceis, nesses locais, porém, o turista também pode ser o agressor, tanto do meio ambiente como dos costumes, e até moral e fisicamente. O crime, nesse caso, é desorganizado, sendo majoritariamente cometido por indivíduos ou pequenos grupos, além de serem crimes básicos e com objetivo de conseguir algum bem. Ryam cita a cidade de Honolulu, em específico.

Tipo 4: as atividades criminais se tornam organizadas para atingir certos tipos de demanda turísticas, neste caso, Ryam cita o caso de Cancun.

Tipo 5: organizações criminais e grupos terroristas cometem ações violentas e específicas contra o turista e os locais turísticos”.

Assim, uma simples caminhada do hotel para qualquer destino pode levar o turista a uma área de alta criminalidade que esteja no trajeto a ser percorrido, da qual o turista não foi alertado por diversas pessoas ou meios de informação.

Os crimes contra o turista resultam em má publicidade e criam uma imagem negativa nas mentes de visitantes potenciais fazendo com que destinos com reputação a alta criminalidade sejam evitados, pois a popularidade destes destinos é negativa, portanto, proteger o turista é essencial para a sobrevivência e crescimento do turismo.

Evidências neste sentido sugerem que a segurança e proteção são condições necessárias para um setor turístico próspero. Assim, diversos pesquisadores escreveram sobre como a incidência da violência e crimes contra turistas afeta negativamente o setor, ou seja, pode-se entender como problema, uma possível queda da demanda turística, gerada pela violência e criminalidade urbana.

Segundo GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH (2002, p. 235), a OMT publicou a obra “*Best Practice Manual on Traveler Safety and Security*” reforçando esta idéia e ainda na Conferência sobre turismo da Casa Branca, reforçou em seu objetivo número cinco que é preciso “[...] mobilizar o setor para que responda a preocupações sobre segurança e proteção do viajante, através de parceiras comunitárias e programas de prontidão de desastres”.

Essa posição é reforçada por Silveira (2002, p. 30) ao lembrar que outro estudo da OMT, chamado “*Changes in leisure time. The impact on tourism*”, apontou os principais fatores que deverão influenciar o turismo entre 1995 e 2020 e as mega-tendências desta atividade para o mesmo período e dentre os quais a segurança, ou seja, “[...] o turismo não deverá prosperar nos destinos que tenham distúrbios sociais, estejam em guerra, ou onde a saúde e a **segurança dos turistas** (grifo nosso) sejam ameaçadas”.

Esta preocupação foi demonstrada também pelos membros da OMT, durante a Assembléia Geral, realizada em Santiago (Chile), em 1º de outubro de 1999, diante do rápido e contínuo crescimento da atividade turística.

Com a finalidade de promover um turismo responsável, nesta Assembléia foi proclamado o “O Código Mundial de Ética para o Turismo”, onde se lê em seu Artigo 1º que:

“04 – As autoridades públicas têm por missão assegurar a proteção dos turistas e visitantes, bem como dos seus bens; devem conceder especial atenção à segurança dos turistas estrangeiros, por causa da sua particular vulnerabilidade; disponibilizar meios específicos de informação, de prevenção, de proteção, de seguros e de assistência, correspondendo às necessidades deles; os atentados, agressões, raptos ou ameaças visando os turistas e os trabalhadores da indústria turística, bem como as destruições voluntárias de instalações turísticas ou de elementos do patrimônio cultural ou natural, devem ser severamente condenadas e reprimidas em conformidade com as respectivas legislações nacionais [...]” (RAPOSO, CAPELLA e SANTOS, 2002, p. 169).

A maioria dos turistas escolhe seus destinos baseados não apenas no preço ou na imagem, mas também na segurança e proteção pessoais.

Portanto, destinos que ganham notoriedade como locais de crime têm probabilidades de passar por dificuldades na manutenção de seu setor turístico.

Vernay (2000, p. 45), reforça esta mesma posição ao fazer referência à palestra do Professor Mário José René, ocorrida no dia 01 de outubro de 1999, em Curitiba, durante a abertura do 27º Congresso Brasileiro de Viagem e Exposição de Turismo, realizado pela Associação Brasileira de Agentes de Viagem (ABAV), quando disse que “[...] o turista quer segurança, pois está saindo do conforto de seu lar e sua cidade para um lugar que, na maioria das vezes, é distante e desconhecido por ele”.

Ou nas palavras de Trigueiro (1999, p. 19):

*“Os turistas escolhem seus destinos levando em consideração a segurança da localidade. Afinal, o turista gosta de ser bem tratado (e paga por isso), **estar em segurança** (grifo nosso), ter um atendimento com qualidade e, sobretudo, ser respeitado como cidadão”.*

Portanto, sendo a segurança um fato essencial para o fluxo de turistas, pode-se contrapor que a falta dela é um desestímulo ao movimento de turistas.

A mídia tradicionalmente dá muita divulgação aos crimes contra turistas, mesmo quando o número desses crimes está em decadência e essa cobertura da mídia resulta em medo para os potenciais visitantes.

No caso de Curitiba, por exemplo, a notícia de Luigi Poniwass, expressa no Jornal Gazeta do Povo, de 29 de julho de 2006, e reproduzida a seguir, diz que:

“Ladrões assaltam 30 pessoas em ônibus da Linha Turismo - Os assaltantes entraram na jardineira no Bairro Bigorriho e, enquanto roubavam todos, mantiveram o ônibus em movimento. Um grupo de cerca de 30 turistas que visitava Curitiba pode constatar que a cidade é bela, mas também violenta. Ele foi assaltado na altura da Praça da Ucrânia, no Bairro Bigorriho, quando estava dentro de um ônibus da Linha Turismo, uma jardineira que percorre os principais pontos de cartão postal da cidade. Por volta das 16h30 desta sexta-feira, quatro homens portando armas de fogo entraram no ônibus e deram voz de assalto, rendendo o cobrador e obrigando o motorista a manter o veículo em movimento. Na sequência forçaram o cobrador a abrir o cofre da catraca, de onde levaram R\$ 240, e abordaram todos os passageiros, de quem exigiram os pertences e objetos de valor. Dezesseis deles prestaram queixa no 12.º Distrito Policial (Santa Felicidade), onde foi lavrado o boletim de ocorrência. O policial que estava de plantão neste sábado não soube explicar como os ladrões fugiram e nem os procedimentos adotados no caso”. (PONIWASS, 2006).

Ou ainda, a notícia de Lenise Klenk, divulgada na rádio CBN – Curitiba, em 02 de agosto de 2006, tratando de crime contra turistas:

“A Linha Turismo de Curitiba não era assaltada desde 23 de março deste ano. Antes disso, só há registro de mais um assalto a uma jardineira, em 30 de janeiro do ano passado. Na sexta-feira passada, quatro homens armados fizeram um arrastão num ônibus que passava pelo bairro Cascatinha, perto do Parque Tingüi. Eles levaram R\$ 240,00 do caixa, além de dinheiro e objetos dos passageiros. A ousadia dos assaltantes fez a URBS, que administra o transporte público na cidade, pensar em alternativas para aumentar a segurança na linha turística. Segundo o gerente de Operações do Transporte Coletivo de Curitiba, Luiz Filla, as características do assalto fugiram do padrão de outras ocorrências. Nos ônibus coletivos turísticos, a circulação de dinheiro é maior do que em outras linhas, nas quais muitos passageiros usam cartão de transporte e a passagem custa R\$ 1,80. Nas jardineiras, não existe cartão e a passagem custa R\$ 15,00 [...] Segundo o gerente de Operações Luiz Filla, a Polícia Militar e a Guarda Municipal fazem um monitoramento estratégico das linhas de ônibus para diminuir o número de assaltos” (KLENK, 2006).

Vale destacar também, dada a relevância, a notícia de Jorge Olavo, também expressa no Jornal Gazeta do Povo, de 21 de setembro de 2006, e reproduzida a seguir, diz que:

“Rapazes fingindo estar armados assaltaram cinco hotéis na região central de Curitiba durante dois dias do feriadão da Independência. Um sexto caso também aconteceu com três homens que se passaram por hóspedes de um estabelecimento. Não acreditamos que foi uma coisa orquestrada ou profissional. Foi oportunismo”, afirma o presidente da Associação Brasileira de Indústria de Hotéis (ABIH), Cláudio José Antunes. A delegacia especializada de Furtos e Roubos (DFR) foi notificada apenas sobre uma das ocorrências. “Desde o início de agosto temos conhecimento de cinco assaltos a hotéis”, relata o delegado Rubens Recalcatti, titular da DFR. Os investigadores acreditam que os roubos são praticados por um mesmo grupo, formado por quatro homens e uma mulher, em busca de dinheiro para sustentar o vício em drogas e pagar hospedagens em pousadas. “Eles não trabalham sempre juntos, mas sempre chegam como hóspedes do local. Já temos pistas. Fizemos uma batida no Centro da cidade para localizá-los, mas não conseguimos, conta o delegado” (OLAVO, 2006).

Em pesquisa inédita realizada pelo Fórum Econômico Mundial (PORTAL G1, 2007), o Brasil ficou com a 59ª colocação como destino mais indicado a turistas, levando em consideração a infraestrutura e os serviços. Pelo levantamento, para se tornar mais atraente para o turismo, o Brasil precisa vencer três barreiras: a falta de infraestrutura, a burocracia e a **violência**.

É preciso reconhecer a conexão entre a criminalidade que afeta uma comunidade e a criminalidade que afeta ao turista. Nesta direção, encontramos as conclusões apresentadas em pesquisa realizada por Catai e Rejowski (2005, p. 255), dizendo que “o resultado da pesquisa permite concluir que [...] O crescimento dos registros de ocorrência envolvendo turistas é reflexo de igual aumento das taxas de violência das cidades brasileiras”.

Curitiba vem apresentando uma rápida evolução do crime, trazendo consigo um elevado impacto no bem-estar de toda a população, materializado através das perdas e gastos por toda a sociedade, cujos reflexos podem influir diretamente no turismo urbano.

Portanto, poucas pessoas viajam para locais nos quais onde se sentem ameaçadas e é reconhecido que a prevenção de atos violentos contra turistas é de responsabilidade conjunta dos setores turístico e público.

Ou seja, os efeitos da violência são extremamente negativos para a indústria do turismo, fazendo reduzir a demanda por viagens às regiões que têm essa característica marcante, mesmo sabendo que violência e criminalidade são fatores comuns em todas as cidades do mundo, inclusive aquelas que se apresentam como destino turístico, portanto a participação do governo, da população e de instituições ligadas ao turismo é de fundamental importância para reduzir os índices criminais, possibilitando melhor qualidade de vida aos turistas e a população local.

Curitiba – uma história, uma vocação para o turismo

Curitiba⁴ foi uma das primeiras povoações fundadas no Paraná, sendo detentora de considerável parcela do patrimônio histórico e cultural do Estado, representado principalmente por monumentos de valor arquitetônico, museus, igrejas, construções antigas, praças, ao lado de diversos atrativos construídos pelo homem (SILVEIRA, 2002, p. 180).

A cidade nasce ao redor de um pequeno povoado, fundado no ano de 1693, denominado de Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (Imagem 01), com a instalação de uma Câmara Municipal, a instauração da Justiça e o reerguimento do “Pelourinho”.



Imagem 01 – Representação gráfica da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais
Fonte: www.curitiba.pr.gov.br/.../Historia/index.html

⁴ A hipótese mais popular para a origem do nome da cidade é a de que este derivaria da expressão indígena "*cury'i ty(b) ba*", que em língua guarani significa "lugar onde existem pinheiros". Mais precisamente, "*Cury'i*" significa "pinheiro-do-paraná", ou talvez "pinhão" (a semente do pinheiro), "*tyb*" vem do verbo existencial "*i tyb*" e "*ba*" é um sufixo locativo, livremente traduzido para "lugar onde". Outra hipótese se refere à língua Tupi, falada pelos colonizadores portugueses na época. Em Tupi, "*kury*" seria algo como pinheiro, pinhão. E "*tyba*" é um sufixo que indica ajuntamento, portanto seria algo como ajuntamento de pinheiros.

Em 1721, a Vila recebeu a visita do ouvidor Rafael Pires Pardinho que veio para instruir os membros da Câmara Municipal sobre a administração do município (TRINDADE, 1997, p. 10). Entre algumas exigências, estava a manutenção e preservação, por parte dos moradores na área central, do “Ribeiro” (rio Belém), para evitar que o banhado que se formava a partir dele comprometesse as instalações da Igreja Matriz.

Algumas orientações determinavam que a cidade deveria comportar apenas atividades comerciais, artesanais e de moradia, e ainda que as ruas já iniciadas teriam de ser continuadas, para que a Vila crescesse com uniformidade. Portanto, é possível se observar uma preocupação para que a cidade pudesse se desenvolver organizadamente (RIBEIRO, 2005, p. 41).

Neste período, o comportamento dos habitantes era fiscalizado pela Câmara Municipal e por funcionários ligados diretamente ao governo português, visando estabelecer uma nítida separação entre o ambiente urbano e o rural.

Apesar de pequena, a região central da Vila, em 1783, já recebia alguns cuidados urbanísticos que buscavam a preservação do aspecto público. A região se desenvolvia no ritmo rendoso do comércio da erva-mate e constituía ponto de passagem para tropeiros. O tropeirismo⁵, aliás, trouxe prosperidade à cidade, já que Curitiba era ponto estratégico no caminho entre Viamão, no Rio Grande do Sul, e Sorocaba, em São Paulo, e Minas Gerais, fazendo crescer o comércio com a passagem das tropas.

Em 1842, a então Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais foi elevada à categoria de cidade (Imagem 02).

A emancipação política do Paraná, em 1853, representa a iminência da cidade se tornar Capital da nova província, fazendo com que Curitiba tentasse estabelecer um perfil de cidade organizada através do controle do uso do solo urbano.

⁵ É a designação dada ao movimento dos condutores de tropas, assim consideradas as manadas de bois, cavalos e mulas, entre outros animais, entre a região de sua produção e os centros consumidores a partir do século XVII no Brasil.



Imagem 02 – Panorama de Curitiba, em gravura de Jean-Baptiste Debret, por volta de 1850
Fonte: <http://www.wikipedia.org/wiki/Curitiba>

Segundo Menezes (2001, p. 62), “A estratégia era afastar da zona central tudo aquilo que interferisse negativamente na estética e na funcionalidade da cidade”.

Em 1853, através da Lei Imperial nº 704, ao tornar-se a capital da província do Paraná, a Câmara Municipal e o Governo do Provincial passaram a considerar medidas que controlassem as mudanças que inevitavelmente deveriam ocorrer na cidade (TRINDADE, 1997, p. 19). A partir daí, alguns moradores já vislumbravam a possibilidade da elaboração de um plano que estabelecesse normas que regulassem os aspectos da forma urbana da cidade.

Como capital, a cidade de Curitiba deveria ainda, constituir-se em símbolo do poder e gerar uma identidade social, exibindo monumentos e referências culturais que representassem e eternizassem a formação histórica do Paraná (TRINDADE, 1997, p. 19).

Em 1875, a preocupação com a natureza se torna mais evidente e são plantadas as primeiras árvores nas praças e ruas de Curitiba. Desde então, se cogitava a idéia da construção de um jardim botânico na cidade. O primeiro passo foi efetivado em maio de 1886 com a inauguração do Passeio

Público (Imagem 03), que contemplava os valores estéticos e a criação de um local de lazer em contato com a natureza para os moradores (TRINDADE, 1997, p. 21).



Imagem 03 – Passeio Público de Curitiba

Fonte: www.curitiba-parana.net/.../passeio-publico.html

Este cenário começou a transformar-se mais nitidamente por volta de 1904, quando a população curitibana recebia melhorias na sua infra-estrutura urbana da cidade, num momento de afirmação do novo e do moderno, através da substituição dos calçamentos de pedras irregulares por macadame, por paralelepípedo, pelo calçamento “*petit pavé*” e, na seqüência, o asfalto e o concreto. Vieram ainda, os bondes elétricos, a iluminação pública e os automóveis (Imagem 04).

A rua XV de Novembro (Imagem 05), seu principal logradouro, recebe nivelamento e passeios em mosaico, perdendo seu ar provinciano e oferecendo uma perspectiva de sobrados mais leves e elegantes (TRINDADE, 1997, p. 29).



Imagem 04 – Pavimentação e trânsito na rua XV de Novembro
Fonte: <http://www.klepsidra.net/klepsidra3/carnaval.jpg>



Imagem 05 – Rua XV de Novembro, em 1907, entre a ruas Monsenhor Celso e Mal. Floriano Peixoto
Fonte: http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/agencia/fotos/rua_xv_30anos/source/rua_xv_antiga05.html

Em 1895, foi elaborado o primeiro Código de Posturas de Curitiba, e em 1905, foi proibida a construção de casas de madeira no centro da cidade (RIBEIRO, 2005, p. 41). Neste mesmo ano, foram iniciadas grandes mudanças, como o calçamento das ruas centrais (Imagem 06).



Imagem 06 – Rua XV de Novembro em 1905, que foi uma das primeiras ruas definidas de Curitiba
Fonte: www.curitiba-parana.net/historia.htm

E em 1913 os bondes puxados por mulas foram substituídos por bondes elétricos (Imagem 07).



Imagem 07 – Rua XV de Novembro, em 1925, e os bondes elétricos
Fonte: www2.uol.com.br/urbanauta/centro.htm

Neste período, o principal manual de urbanidade era o “Código de Postura” do Município, que definia arruamentos, alinhamentos prediais, técnicas de construção, normas de higiene e saneamento, arborização e regras de comportamento.

Em 1919, foi criada a Universidade Federal do Paraná (UFPR), na Praça Santos Andrade (imagem 08), considerada a Universidade mais antiga do país. Foi neste período que discussões surgiram para um novo plano urbanístico que viesse a contribuir para a reorganização da cidade (IPPUC, 2004).



Imagem 08 – Prédio da Universidade Federal do Paraná na Praça Santos Andrade
Fonte: www.curitiba.pr.gov.br/.../source/ufpr2.html

Questões ambientais também receberam atenção, proibindo-se o corte ou a derrubada de matas protetoras de mananciais ou que defendessem o solo da invasão humana de qualquer curso d’água (TRINDADE, 1997, p. 34).

A década de 1940 marca uma nova fase nos destinos da urbanização e do tratamento da questão urbana em Curitiba. Pela primeira vez, a cidade sofre uma intervenção urbanística, pois segundo Trindade (1997, p. 42), esse era o momento de repensar o urbano.

O primeiro plano urbanístico de Curitiba, o Plano Agache (Anexo A), elaborado em 1942-43 pelo urbanista francês Donat-Alfred Agache (1875 – 1959) contratado pela empresa Coimbra Bueno & Cia. Ltda., do Rio de Janeiro, se destaca não apenas pela questão higiênico-funcional, mas também pela concepção orgânica da cidade, pela estruturação viária, pela preocupação estética e com a monumentalidade (Imagem 09).



Imagem 09 – Planta mostrando as avenidas projetadas pelo Plano Agache, de 1943
Fonte: Acervo Casa da Memória – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC)

O Plano Agache dividiu a cidade em diferentes zonas funcionais: um centro comercial (o centro tradicional), um centro administrativo, atual Centro Cívico (Imagem 10), um centro universitário, hoje, o Centro Politécnico da UFPR (Imagem 11) e um centro militar, onde hoje se localizam a Base Aérea do Bacacheri e outras instalações militares (Imagem 12) (TRINDADE, 1997, p. 48).



Imagem 10 – Centro Cívico de Curitiba

Fonte: www.curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros



Imagem 11 – Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná

Fonte: www.floresta.ufpr.br/.../fotos/foto12.html



Imagem 12 – bairro Bacacheri

Fonte: www.floresta.ufpr.br/.../fotos/foto12.html

O Plano Agache reconhecia Curitiba como um centro de convergência e de distribuição de grande parte da produção econômica do Estado. E ainda, como um centro político, econômico, militar, estudantil e cultural, que vinha experimentando um acentuado desenvolvimento desde a década de 1910 (TRINDADE, 1997, p. 47).

Devido aos problemas financeiros e às ocupações irregulares, o Plano Agache nunca foi implantado em sua totalidade (TRINDADE, 1997, p. 50).

Na década de cinquenta, o Paraná viveu um momento de grande desenvolvimento, impulsionado pela cultura cafeeira, cuja prosperidade econômica possibilitava a modernização do Estado. Obviamente, tais sinais deveriam estar presentes em sua capital, assim Curitiba deveria apresentar-se como uma nova metrópole.

Em 1952, foi iniciada a construção do Centro Cívico, proposto em 1943, dentro da idéia de centralização administrativa estadual e municipal.

Em 1953, o Paraná comemoraria o primeiro Centenário de sua emancipação política, e numa preocupação de definir Curitiba como palco privilegiado para a instalação dos símbolos do progresso, da modernização e da identidade da sociedade paranaense é iniciada a reforma da praça Dezenove de Dezembro, com a colocação de duas grandes estátuas de pedra (Imagem 13), um obelisco, um repuxo d'água e um mural em alto relevo (Imagem 14). (TRINDADE, 1997, p. 52).



Imagem 13 – Estátuas de pedra na praça Dezenove de Dezembro
Fonte: curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros/bairr...



Imagem 14 – Obelisco e mural em alto relevo na praça Dezenove de Dezembro
Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio:Mathieu_Struck

Até o ano de 1960, o crescimento populacional de Curitiba caracterizou-se pelo extravasamento de seu núcleo primitivo, pois com o esgotamento de áreas disponíveis e a crescente especialização do centro da cidade como área prestadora de serviço e comércio, essas atividades começam a ocupar os bairros limítrofes.

Nesta década, um grupo de urbanistas da UFPR dedicou-se a estudar o desenvolvimento urbano ao perceber as transformações que seriam necessárias ao progresso das cidades brasileiras. O objeto deste estudo foi a capital paranaense.

A pretensão era contribuir para com as inovações do planejamento urbano com o auxílio de bases teóricas e aplicação prática, com o propósito de colaborar com o desenvolvimento de Curitiba (RIBEIRO, 2005, p. 42).

Desde meados da década de setenta, as transformações começavam a pairar pela atual metrópole. Esse desprender das raízes provincianas, herança dos imigrantes que adotaram e ajudaram a construir Curitiba, sinalizava para o advento de sua modernização.

Nos anos setenta inicia-se um processo que se consolida em 1980 como modelo de ocupação da periferia (Imagem 15) (IPPUC, 2004).

Isso acontece em função do desenvolvimento de um Plano Diretor de Curitiba, que teve suas diretrizes básicas implantadas na década de setenta, especialmente na primeira gestão do prefeito Jaime Lerner (1971 – 1975).

Segundo Trindade (1997, p. 73), essas diretrizes estavam baseadas na idéia de que Curitiba estava sendo planejada para seus habitantes, suas necessidades e seus lazeres. Ou, nas palavras de Jaime Lerner:

“[...] a cidade não é um emaranhado de suas ruas, nem uma soma de unidades produtivas, nem um conjunto de casas e edifícios: a cidade é o cenário do encontro” (TRINDADE, 1997, p. 73).

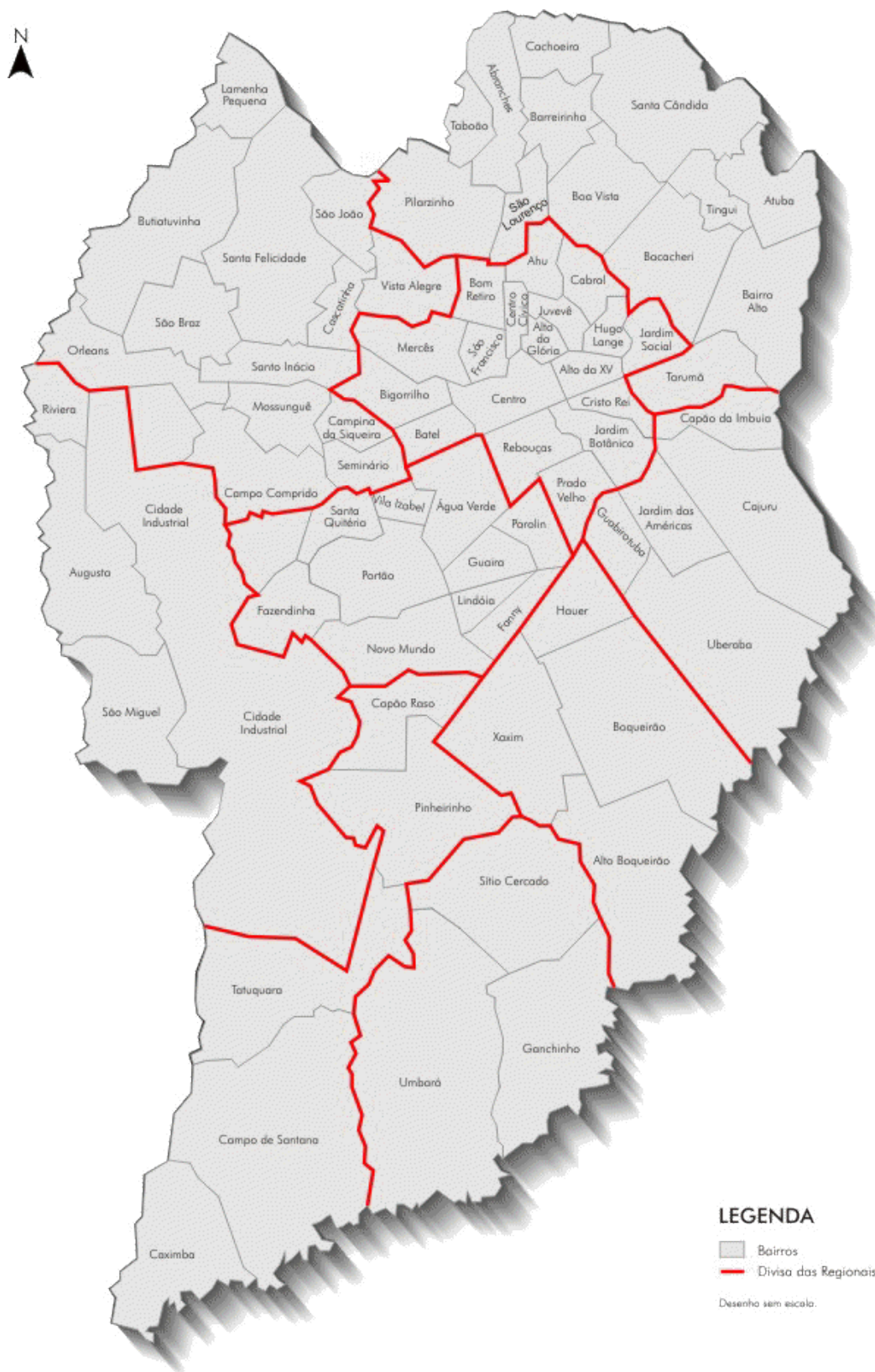


Imagem 15 – Divisão de bairros de Curitiba
Fonte: www.ippuc.org.br

Busca-se assim, uma mudança na mentalidade do cidadão ou, mais exatamente, a criação de uma identidade coletiva.

As alterações estruturais iniciaram-se pela criação do calçadão da rua XV de Novembro em 1972, a primeira rua exclusiva para trânsito de pedestres no Brasil. Este marco anunciou o início de uma série de mudanças urbanas no ordenamento do sistema viário.

Estas mudanças também foram percebidas pelas novidades no sistema de transporte coletivo de Curitiba, com a criação do ônibus expresso e das canaletas de uso exclusivo do transporte urbano, com a entrega dos vinte primeiros ônibus expressos de Curitiba, em 22 de setembro de 1974 (Imagem 16).



Imagem 16 – Sistema de Ônibus Expresso, inaugurado em 1974
Fonte: www.curitiba.pr.gov.br/Multimidia.aspx?n=6669&t=i

Este período conferiu também as questões ambientais uma dinâmica inédita. Entre os anos de 1972 e 1982 foram abertos à população os parques do Barigüi (1972), da Barreirinha (1972), do São Lourenço (1972) e do Iguaçu (1978), que recebeu em 1982, as instalações de um amplo zoológico. No

mesmo período foram inaugurados o bosque Boa Vista (1974), o bosque João Paulo II (1978) e o bosque do Capão da Imbuia (1980) (TRINDADE, 1997, p. 83).

Desta maneira, a cidade foi reconhecida como um “modelo de urbanismo”, sendo percebida como a “[...] melhor e mais inovadora cidade do País. Uma cidade onde os ônibus funcionam, ruas são limpas, funcionários públicos são educados e freqüentam-se parques e bosques nos fins de semana” (GOMES e SILVA, 1993, p. 68).

No ano de 1980, a Cidade reorganizou a implantação de equipamentos sociais em áreas periféricas e incentivou a gestão compartilhada através da criação de mecanismos de participação popular e ainda nesta época, a cidade produziu um amplo diagnóstico, utilizando como ferramenta de planejamento, o Plano Municipal de Desenvolvimento Urbano (IPPUC, 2004), que propunha diretrizes para um modelo de desenvolvimento.

Curitiba inicia a década de 1990 com discussões sobre a ampliação do poder e desenvolvimento local, através de seminários internacionais e da troca de experiências bem sucedidas entre diversas cidades.

Adaptando-se aos novos tons da modernidade urbana, Curitiba é apresentada por sua municipalidade, a partir de 1992, como uma verdadeira “Capital Ecológica do Brasil” (TRINDADE, 1997, p. 120), depois como a “Capital Social”, denominação advinda dos programas sociais e de preservação ambiental e cultural adotadas pelos gestores da cidade, e mais recentemente como a “Cidade da Gente”.

São criados ainda seis novos parques, o Jardim Botânico (Imagem 17), em 1992, foi uma homenagem à engenheira Francisca Maria Garfunkel Rischbieter, falecida em 1989 e uma das idealizadoras do Plano Diretor de Curitiba e oito bosques, que somados totalizam mais de oito milhões de metros quadrados em áreas verdes públicas (IPPUC, 2004), bem como outra mudança significativa diz respeito ao crescimento dos equipamentos e espaços culturais e memoriais que homenageiam as várias etnias que compõem a população curitibana.

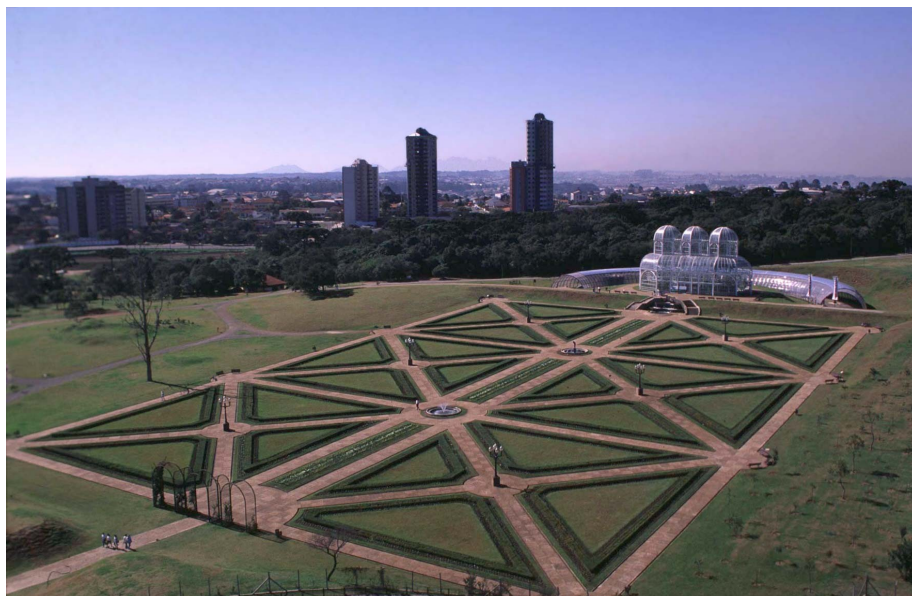


Imagem 17 – Jardim Botânico de Curitiba, inaugurado em 1992
Fonte: www.viaje.curitiba.pr.gov.br/.../source/5.html

Ainda na década de noventa, dois importantes marcos turísticos são levantados na cidade, o da Rua 24 Horas (Imagem 18) com seu inovador relógio, em 1991, e as modernas estruturas da Ópera de Arame (Imagem 19), em 1992.



Imagem 18 – Rua 24 Horas
Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/Image:Rua_24_horas...

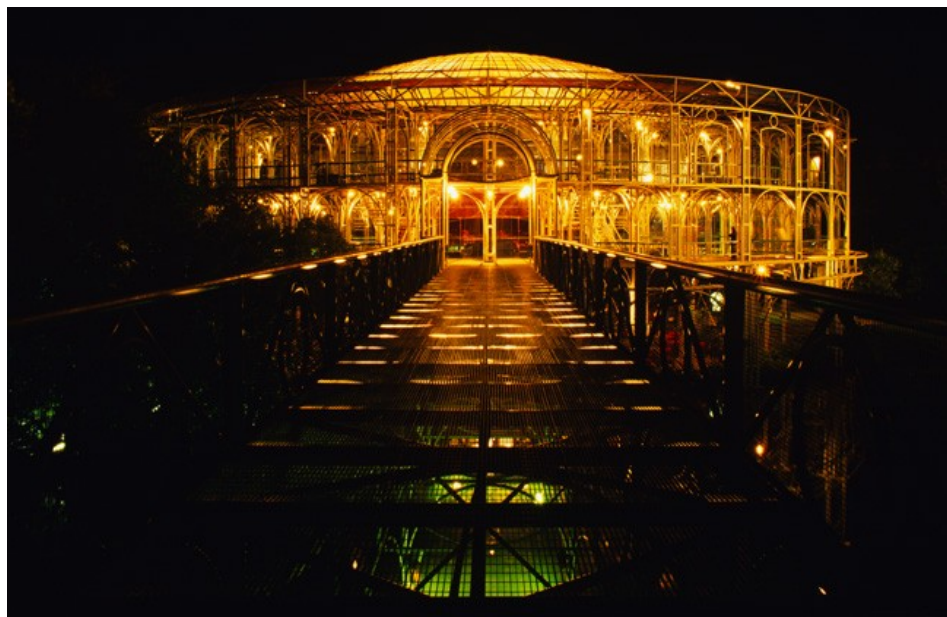


Imagem 19 – Ópera do Arame

Fonte: http://www.braziltour.com/site/pl/galeria_multimidia/lista.php?cidades=7397&estados

Foram vários os fatores contribuíram para que Curitiba fosse projetada nos cenários nacional e internacional, pois além de sua localização geográfica como ponto de referência para novos negócios relacionados com o Mercosul, é importante relembrar que Curitiba e sua Região Metropolitana (Imagem 20) passaram na segunda metade da década de 90 por um processo de expansão e consolidação do um setor automobilístico.

Nas palavras de Firkowski (2004, p.96), “[...] a internacionalização em Curitiba relaciona-se de forma direta com a implantação da indústria automobilística, em particular as montadoras Renault e Audi / Volkswagen e seus fornecedores”.

Esta expansão provocou maior conhecimento das pessoas em relação à cidade, e conseqüentemente seu interesse em conhecê-la, pois além de suas qualidades urbanísticas, fortalecia-se um novo pólo de negócios.

Além disso, Curitiba produziu e vendeu uma imagem positiva de um viver urbano saudável, desta vez, como atrativo turístico.

REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS - Desenho sem escala



Imagem 20 – Curitiba e sua Região Metropolitana
Fonte: www.curitibasa.com.br/inv/inv_rmc.htm

Considerando este cenário, os administradores de Curitiba que desde os anos sessenta sempre valorizaram o papel do planejamento urbano (SILVEIRA, 1998b, p. 66) procuram manter a tradição em planejar, fortalecendo uma condição primordial para que a imagem positiva da cidade, ou como afirmou Silveira (1998b, p. 67), “[...] imagem esta que tem sido bastante utilizada por governantes locais, tanto para atender interesses políticos, quanto para atrair e / ou ampliar novos tipos de investimento de consumo, como é o caso do turismo e do lazer”.

Assim, considerou-se que os visitantes que freqüentam a cidade a negócios, passam a se inserir em seu cotidiano urbano e conhecer suas opções de lazer.

Neste sentido, Paixão (2005, p. 15) ao falar sobre Curitiba, diz que “[...] está considerada como uno de los principales destinos em dicho país, que está desarrollando el segmento de turismo urbano con sus respectivos sub-segmentos de negocios y de congresos y eventos”.

Bem como, que (idem, p. 131):

“Curitiba comparte con Foz do Iguazu (ciudad de las internacionalmente famosas cataratas) el liderazgo en las entradas de turistas del estado paranaense, pero sus visitantes son en su gran mayoría profesionales que viajan por negocios y a eventos, gracias a que la ciudad posee una buena estructura para estas actividades”.

Confirmando essa visão, Cássio Taniguchi, prefeito de Curitiba entre 1997 e 2004, afirmou em 06 de fevereiro de 2002 que:

“[...] hoje, o turismo representa de 5% a 6% do PIB de nossa cidade. Queremos que chegue a 9%, que é a média nacional. Esse crescimento do turismo vai depender dos atrativos que forem oferecidos aos visitantes [...]” (SEBRAE, 2002, p. 05).

Na organização e gestão urbana, Curitiba conta com um Instituto Municipal de Turismo que tem como missão promover o turismo sustentável, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico da população local, através da formulação de diretrizes da política de turismo, objetivando o desenvolvimento econômico e social do município, bem como planejar, implementar e apoiar ações visando o fomento e a dinamização da atividade turística, levando em conta os princípios norteadores do desenvolvimento sustentável.

Hoje as ações do Instituto são delineadas num cenário da regionalização do turismo, seguindo o programa do Ministério do Turismo, a partir da criação de roteiros específicos e integrados que contemplem as potencialidades regionais, e que se configurem como produtos acabados para comercialização (SIVIERO, 2005, p. 53).

Para tanto, cabe ao Instituto, mobilizar a população, as entidades de classe e todos os envolvidos no "negócio turismo", num processo contínuo e sistemático de bem atender a todos que, por qualquer motivo, visitam a cidade, bem como fomentar e criar, de forma integrada, novos produtos turísticos, razões essas que estimularam a necessidade da criação de uma entidade específica com o objetivo de promover o desenvolvimento da atividade turística em Curitiba.

Contudo, esse planejamento urbano de Curitiba voltado para a prática do turismo acontece por volta do ano de 1990, tendo como marco inicial o surgimento da “Linha Pinhão” (Imagem 21), inaugurada em 1993, que se caracteriza por caminhos turísticos, culturais e históricos, através das chamadas “Pegadas da Memória”, impressas no chão da cidade e traçadas no solo com pegadas acastanhadas como o pinhão, assinalando 51 pontos no centro de Curitiba.

A “Linha Pinhão” é um convite a um passeio a pé, sem pressa, nas pegadas sobre pedra, asfalto e “*petit pavé*”, apresentando Curitiba pelos caminhos da história, capturando o olhar e a atenção do transeunte para edificações, ruas, praças e monumentos com o objetivo apresentar alguns aspectos da paisagem urbana que testemunharam a história da cidade.



Imagem 21 – Roteiro da Linha do Pinhão

Fonte: http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/a_cidade/Roteiros/LinhaPinhao/images/mapa.jpg

Foi idealizada através de seis diferentes caminhos para serem realizados a pé, partindo de três elementos, dois “logradouros” e um “marco”, quais sejam: a Praça João Cândido, a Praça Osório e a Universidade Federal do Paraná (Imagem 22).



Imagem 22 – Ponto de partida para o roteiro da Linha do Pinhão – UFPR
Fonte: Do autor

A encruzilhada destes caminhos era representada pela “Pinha-dos-Ventos”, que foi estabelecida no encontro das ruas Barão do Rio Branco e XV de Novembro (Imagem 23).



Imagem 23 – Pinha-dos-Ventos
Fonte: Do autor

Os elementos que compõem a “Linha Pinhão” são identificados por placas instaladas (Imagem 24) quando da criação desse roteiro histórico, em comemoração ao tricentenário da cidade de Curitiba.



Imagem 24 – Pontos identificados no roteiro da Linha do Pinhão
Fonte: Do autor

Cabe destacar que são poucos os elementos da Linha Pinhão que ainda encontram-se identificados por meio da placa, ou de qualquer outro instrumento de sinalização, que permita identificá-los como parte do roteiro. Por conseguinte, é de se supor que seu uso turístico está comprometido, uma vez que não há comunicação visual dos elementos.

Assim, é possível aceitar que a Linha Pinhão está sub-aproveitada, resultando em prejuízo para o turismo e, sobretudo para a comunidade. Portanto, sua análise implica também, numa tentativa de resgatar essa opção de lazer e educação associada à história e cultura de Curitiba (SIVIERO, 2005, p. 60).

Pode-se destacar também o projeto denominado “Linha do Turismo” (Imagem 25), que reafirma valores culturais para o visitante e o cidadão local (IPPUC, 2004). Este serviço implantado em 1994 (SILVEIRA, 1998b, p. 76) pela Secretaria Municipal de Turismo de Curitiba em parceria com a Urbanização de Curitiba S. A. (URBS).

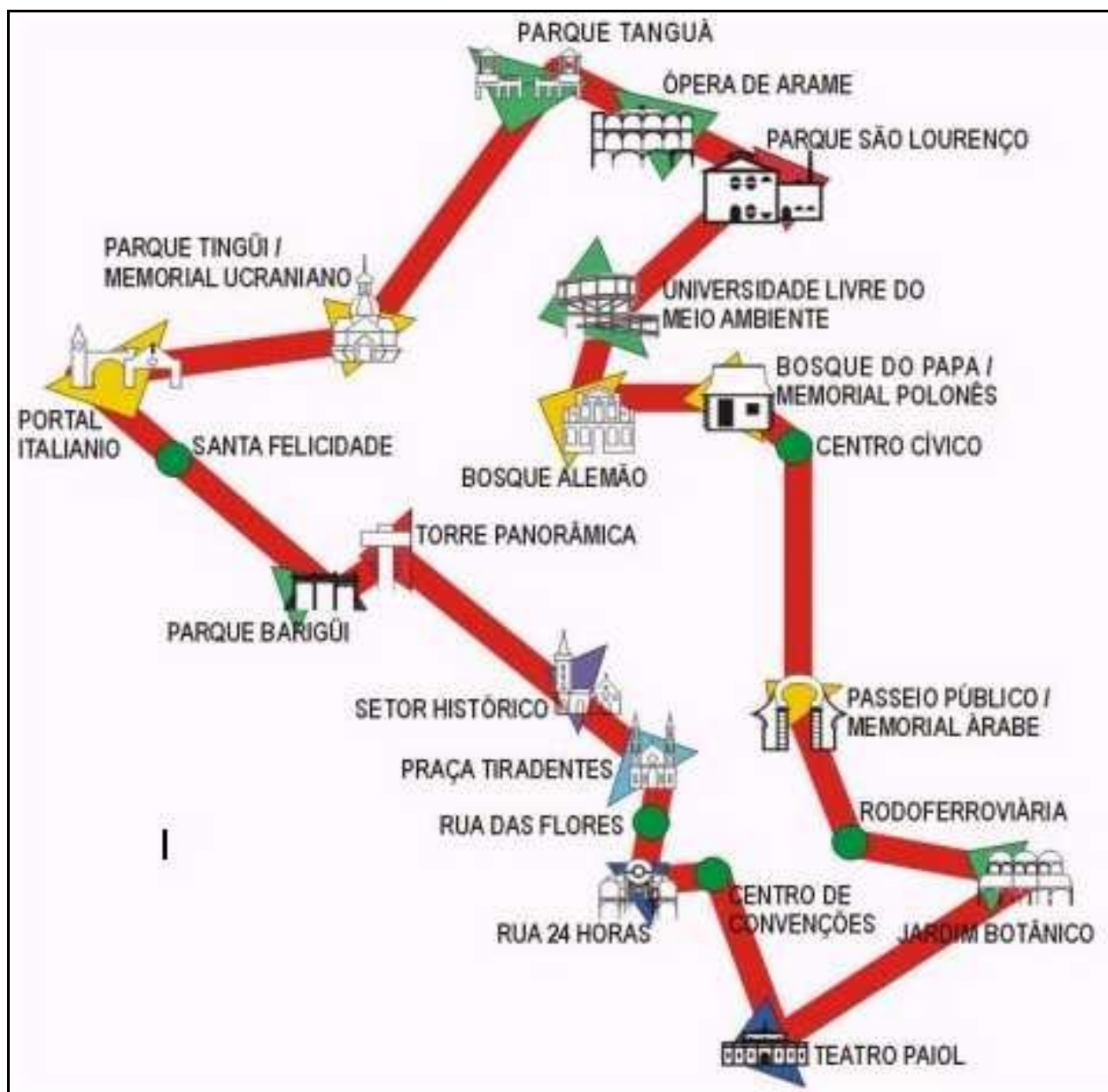


Imagem 25 – Sinalização com o roteiro da Linha Turismo
 Fonte: Instituto Municipal do Turismo / Prefeitura de Curitiba

A Linha Turismo se trata de um roteiro onde o passageiro (o turista, em especial) embarca em ônibus-jardineira (Imagem 26) especialmente preparado para a visita aos vinte e cinco pontos turísticos mais interessantes da cidade.



Imagem 26 – Ônibus especial utilizado na Linha Turismo
Fonte: www.viaje.curitiba.pr.gov.br

Os dados estatísticos disponibilizados pelo Instituto Municipal de Turismo demonstram que o número de passageiros que utilizam a Linha Turismo vem aumentando. Em 1999, houve 211.572 embarques, no ano de 2004 o número cresceu para 269.672 e no ano de 2005 foram 270.146 embarques.

Já em 2006, o número saltou para 306.156 embarques, representando um acréscimo estimado em 15%, demonstrando que este serviço ganha força como atrativo turístico por sua capacidade de conduzir o turista a diversos pontos da cidade, permitindo que o passageiro possa desembarcar em qualquer parada e visitar mais pormenorizadamente o local ou locais que mais lhe agradarem.

Nos últimos anos outros fatores se adicionaram aos atrativos históricos e culturais da cidade, redirecionando a atividade turística local. Conhecida pela beleza do Jardim Botânico, pelos restaurantes de

Santa Felicidade e pelos inúmeros parques e praças, Curitiba almeja mais do que o simples rótulo de cidade-dormitório, corredor de paisagem e ligação entre o Sudeste do país e a região do Extremo Sul.

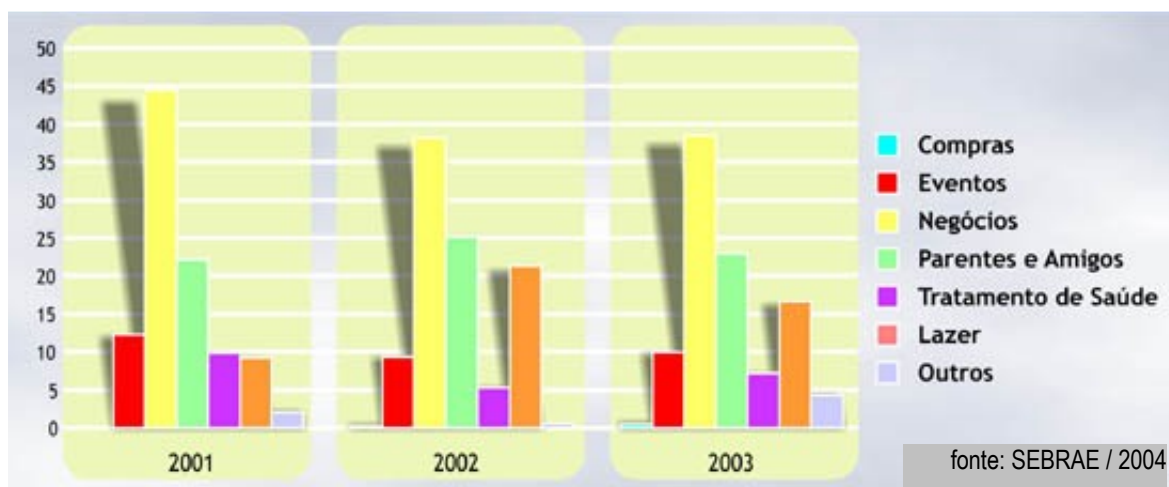
Porém, Curitiba mudou radicalmente nas últimas décadas. Mudou rápido. Mudança de profundidade, de natureza estrutural, e que mexeu com todas as dimensões da vida coletiva.

Este cenário de mudança se reflete no processo de internacionalização da cidade, representado pela chegada de diversos grupos internacionais que passam a dominar vários segmentos comerciais.

Para a compreensão desta nova dimensão de Curitiba e das repercussões das mudanças observadas, Firkowski (2004, p. 97) ressalta que “[...] a intensidade com que o processo se apresenta é tão significativa, e as transformações que provoca tão relevantes, que se tem a impressão de que tudo o que existe na cidade em termos de comércio e serviços tenha que ser reformulado, de modo a se ajustar ao novo momento econômico e à nova dimensão da cidade, qual seja, a metrópole”.

A vinda de um pólo automobilístico para a região gerou um despertar industrial em Curitiba e sua Região Metropolitana, tornando-se um propulsor da abertura do turismo de negócios e de eventos para a capital, antes restrita ao tradicional eixo Rio – São Paulo (Gráfico 03).

GRÁFICO 03 – MOTIVO DE VIAGEM DE TURISTAS EM CURITIBA



Nesta direção, a análise de alguns indicadores mais recentes, aponta Curitiba como o mais importante centro de recepção e redistribuição dos fluxos de turistas provenientes de outros estados brasileiros e que têm como destino o Paraná ou até mesmo os outros Estados da região sul do Brasil.

Portanto, a imagem de cidade ordenada em termos urbanísticos, somada à oferta de atrativos de caráter histórico-cultural e à oferta de equipamentos e serviços voltados ao turismo e ao lazer, colocou Curitiba entre os principais destinos no âmbito nacional.

Diante da expansão observada no turismo de negócios e no turismo de eventos, é possível constatar que Curitiba passou a figurar como centro de eventos de projeção nacional e internacional.

Entre especulações, presunções e realidade, a capital paranaense coleciona alguns rótulos que vangloriam seus aspectos favoráveis ao desenvolvimento do turismo negócios.

Desde 2001, o crescimento do fluxo turístico da cidade é acompanhado pelo incremento percentual de turistas que tem como principal motivo de viagem a realização de negócios na capital.

Em números, essa significância representa, segundo estudo do Fórum para o Turismo Sustentável no Paraná (SEBRAE, 2002, p. 13), 32,7% do total de visitantes que desembarcam na cidade anualmente.

Curitiba se estrutura para concretizar o turismo de negócios e adentrar ao concorrido mercado de eventos e feiras também destinados a esse nicho de interesse.

Confirmando essa visão, Curitiba em 2002, conforme revista Exame (2003 *apud* revista SEBRAE 2003) foi eleita pela terceira vez consecutiva a melhor cidade brasileira para fazer negócios (Gráfico 04).

GRÁFICO 04 – AS MELHORES CIDADES PARA FAZER NEGÓCIOS NO MUNDO

Rk 03	Rk 02	Cidade	País	Pop. Milh.	Poder de compra US\$ milh.	Var.(em %) Poder de compra 1998 - 2002	PIB Per Capita Ajustado por Violência	Poder de marca (base 100)
1	1	Miami	EUA	2,3	37.269	19	27.045	100
2	2	São Paulo	BRA	18,5	62.588	-51	7.553	51
3	3	Santiago	CHI	66,3	23.383	-24	8.283	83
4	4	Monterrey	MÉX	3,3	23.394	80	5.845	34
5	5	Cidade do México	MÉX	21,0	146.772	36	6.355	54
6	7	Curitiba	BRA	2,8	2.107	-39	4.355	14
7	8	Guadalajara	MÉX	4,0	24.457	60	6.366	-
8	11	Brasília	BRA	2,1	8.817	214	10.268	-
9	6	Buenos Aires	ARG	12,9	29.801	-66	6.532	32
10	13	Porto Alegre	BRA	4,0	6.962	-41	4.312	-
11	9	Belo Horizonte	BRA	4,7	8.747	-42	4.903	-
12	10	Rio de Janeiro	BRA	11,2	21.376	-48	3.987	18
13	14	San José	C.Rica	1,5	6.219	114	3.811	14
14	12	Montevideo	URU	1,7	7.149	-29	4.748	-
15	15	San Juan	P.Rico	2,0	28.297	105	6.113	-
16	16	Bogotá	BOL	6,7	18.415	-27	4.560	15
17	20	Cidade do Panamá	PAN	1,2	4.546	53	5.729	11
18	19	Puebla	MÉX	2,5	10.347	131	4.438	-
19	17	Cidade Juarez	MÉX	1,3	9.576	178	4.046	-
20	23	Tijuana	MÉX	1,4	6.340	106	4.094	-

fonte: SEBRAE / 2003

E de acordo com pesquisa da revista América Economia (COLODORO e VEGA, 2006, p. 23), publicada na edição “Especial Cidades 2006”, Curitiba ocupou a quinta colocação no ranking das melhores cidades para se fazer negócios em 2006.

A pesquisa considerou as principais economias latino-americanas ou aquelas que têm relevância para os negócios realizados no continente, sob os aspectos de potencial inovador, competitividade das telecomunicações, qualidade de vida, indicador de segurança e imagem urbana.

Contudo, no aspecto segurança, Curitiba ficou em 11º lugar no ranking, atrás de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires, considerando um indicador construído de acordo com o estudo de periculosidade da empresa Holder International e as taxas de criminalidade oficiais como número de homicídios, delitos contra a propriedade e roubos com violência, levantados pela mesma revista.

Também, segundo a revista Viagem e Turismo (CURITIBA, 2006b), Curitiba foi considerada a quarta melhor cidade dentro do “ranking” das Melhores Cidades do Brasil para Viagens e Turismo. Foram avaliados quesitos sobre beleza urbana, segurança, hospitalidade, comida, compras, atrações, vida noturna e preços.

Além da infra-estrutura urbana, Curitiba também alcançou as melhores notas em atrações, por oferecer ao turista as melhores condições de lazer nos bosques e parques da cidade.

Na verdade, Curitiba alcança esta posição ao se levar em conta alguns fatores que lhe dão uma condição estratégica. Por exemplo, Curitiba é uma das principais cidades na articulação do sistema de transportes do Paraná e da Região Sul do Brasil se for considerado que por Curitiba e região, passam importantes rotas de transporte rodoviário, ferroviário e aéreo (ULTRAMARI e MOURA, 1994, p. 28).

De fato, em termos de infra-estrutura, estas rotas formam corredores por onde circulam pessoas, produtos e serviços provenientes de diversas origens e que vão para vários destinos regionais, nacionais e até internacionais.

Curitiba apresenta uma configuração urbano-territorial bastante atraente para um número crescente de visitantes, onde seu modelo de planejamento urbano é reconhecido nacional e internacionalmente como sendo moderno e funcional, se destacando o sistema de transporte coletivo e diversos equipamentos urbanos.

Nas palavras de Gândara (2000) e Silveira (2002) (*apud* PAIXÃO, 2005, p. 18):

“[...] és evidente que esa condición alcanzada por la capital paranaense se debe a algunos factores, tales como:

1 – su localización privilegiada en el Mercosur, sus accesos fáciles a todos los estados del sur y sureste de Brasil, además de su aeropuerto internacional, que es la principal entrada de flujos turísticos del estado;

2 – un modelo de estructuración urbana reconocido nacional e internacionalmente por su modernidad y funcionalidad, en el cual se destacan el sistema de transporte colectivo y los equipamientos urbanos implantados tales como parques; atractivos históricos, culturales y arquitectónicos; bosques, áreas verdes, jardines y plazas; y otros centros de ocio y entretenimiento;

3 – su calidad de vida urbana, que se debe a sus indicadores económicos y sociales, que la distinguen de otras capitales de Brasil.

4 – sus proyectos ambientales y de imagen; por los cuales, Curitiba es reconocida como la “Capital Ecológica” o “Ciudad Modelo” de Brasil. Esta imagen há proyectado la ciudad en el escenario nacional e internacional”.

Curitiba é, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1994 *apud* Ultramari e Moura, p. 130), “[...] a metrópole de uma área que exerce influência sobre o Estado do Paraná, grande parte de Santa Catarina e algumas áreas de São Paulo e Mato Grosso do Sul”, aspecto que justifica sua escolha como objeto de estudo.

Assim, no próximo capítulo, teremos a possibilidade de verificar dados sobre a cidade de Curitiba, que retratam o cenário apresentado por órgãos oficiais e tratando de turismo e criminalidade locais, permitindo uma análise direta sobre os elementos tabulados pelo Governo do Estado do Paraná e pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

Isto permitirá avaliar o grau de interação entre os elementos “criminalidade e violência” e “turismo urbano”, analisando seus múltiplos e possíveis impactos.

Turismo urbano e criminalidade em Curitiba – uma radiografia

Em metrópoles como Curitiba, conhecer o grau de segurança ou insegurança da cidade e sua interação com o turismo urbano permite propor ações, buscando tornar o ambiente social mais habitável, pois em Curitiba, se observa um viver urbano saudável para seus moradores, o que se converte em atratividade para a contemplação dos turistas (BENEVIDES e GARCIA, 2000, p. 71).

Os administradores de Curitiba têm procurado ver o turismo com um dos carros-chefe de sua economia e pode começar a sofrer com a evasão de turistas se a criminalidade começar a espantá-los.

Atualmente, quando um turista procura por um destino para conhecer, certamente um dos critérios para realizar sua escolha é a segurança, a confiança de que não terá as suas férias estragadas por qualquer tipo de violência. Portanto, turismo e violência são incompatíveis, não combinam.

A experiência tem mostrado que a criminalidade pode ser contida nos locais turísticos com a expansão e adoção de espaços iluminados e bem cuidados, gerando um ambiente social mais seguro, impedindo a ação da delinquência e permitindo a circulação de pessoas, através do consumo do serviço policial.

Por outro lado, observa-se que a violência nasce muitas vezes da ação do próprio turista, pois de acordo com Coriolano (2000, p. 130) “[...] há muitas maneiras de fazer turismo, e algumas trazem mais aborrecimentos do que satisfação. Há turistas no mundo todo, envolvidos com narcotráfico, fraudes e prostituição”.

Considerando que a sociedade necessita de espaços onde a integração para o lazer possa ser possível de forma democrática, mostra-se a importância do planejamento urbano, pois o turismo pode ser um grande aliado da cidade na sua promoção e crescimento econômico.

Tyler, Guerrier e Robertson (2003, p. 27) observam que "[...] a utilização do turismo como mecanismo de regeneração de áreas urbanas, por intermédio da criação de ambientes desejáveis para o lazer-turismo da classe média, parece ser quase universal na sociedade ocidental", bem como o turismo pode ser descrito como um dos componentes da estratégia de recriação da imagem urbana para atrair e reter o interesse de profissionais e de executivos, além do dinheiro gasto por turistas e investidores.

Dessa perspectiva, ao se focalizar a correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba, é necessário cautela na abordagem científica do tema, pois segundo Felix (1989, p.01) "[...] o crime constitui-se talvez no maior problema da sociedade urbana".

A criminalidade tem a capacidade de afastar o residente e o turista. A violência e sua superexposição pela mídia não constroem um lugar exatamente atraente para se passar férias ou momentos de lazer ou ainda, realizar negócios.

Segurança é necessária em todos os ambientes, sejam eles turísticos ou não, daí a segurança do turista se constituir num requisito mais que necessário, pois a violência é o grande incômodo enfrentado por visitantes e também por empreendedores em qualquer localidade turística.

O turista deseja e precisa sentir-se seguro para conhecer o lugar que escolheu para visitar, freqüentar ou organizar um evento, pois embora viajar tenha se tornado um fenômeno social popular, há uma série de razões pelas quais as pessoas não viajam amplamente ou simplesmente não viajam, e podemos observar que entre as barreiras à viagem estão os medos da violência e da criminalidade.

Nas palavras de Richter (1992 *apud* OPPERMANN e CHON, 1997, p.149):

"[...] also argues that another affecting perceptions is how the violence in question is labelled. Politically inspired violence, urban guerrillas, terrorism or civil strife strike irrational fears among potential tourists, deflecting travel decisions away from controversial destinations".

Portanto, cada vez mais a necessidade de sentir-se seguro está modificando o hábito do turista.

Santana (1998 apud GÂNDARA, 2001, p. 98) afirma que:

“Las personas viajan por varias razones o motivaciones. Independientemente de su propósito sus decisiones de viajar se basan en varios trazos psicológicos, como deseo de aventura, paz y aventura, confort, educación y experiencia, etc. Aunque, ninguno de estos deseos tiene la capacidad de superar uno de los más básicos deseos del hombre (o necesidades), la seguridad. Es importante enfatizar que seguridad, en este caso, no es la seguridad real, la seguridad concreta, pero sí la seguridad percibida”.

Ou seja, crimes violentos de natureza social (homicídio, estupro e roubo a mão armada, por exemplo) e de natureza política (atentados terroristas, por exemplo) fazem com que muitas pessoas tenham medo de viajar, de um modo geral, e medo de viajar para destinos específicos que são percebidos como inseguros. A violência afeta diretamente a imagem de um destino turístico, pois poucas pessoas viajam para locais nos quais se sentem ameaçadas (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p. 234).

Curitiba recebeu em 2005 um total de 1.986.150 turistas, segundo estimativa de pesquisa para elaboração do Estudo de Demanda Turística, realizada pela Paraná Turismo / Secretaria de Estado do Turismo (PARANÁ TURISMO, 2006a) e exibida no *site* do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC, 2006), e esse fluxo é 6% maior que o número de visitantes de 2004 e 47% maior que do ano de 2000.

Os impactos positivos do turismo influenciam diretamente diversos setores da economia local, como hospedagem, alimentação, transporte, entretenimento e divulgação, entre outros, gerando divisas e criando empregos. Pretende-se, a seguir, apresentar os impactos gerados pelo turismo em Curitiba para depois abordar os dados relativos à segurança pública na capital paranaense.

Na busca destes dados, a Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo ao realizar o **Estudo da Demanda Turística** (SILVEIRA, 1998b, p. 76), desenvolve um trabalho permanente de

compilação de informações e montagem de bancos de dados estatísticos sobre o turismo em Curitiba, utilizando, entre outras estratégias, de pesquisas primárias e secundárias, com o objetivo delinear o perfil do turista que vem a cidade, considerando não apenas os aspectos quantitativos de demanda, mas também sua origem, características sócio-econômicas e satisfação, bem como o impacto econômico que o turismo oferece e as impressões que os turistas e excursionistas pesquisados levam da cidade.

Os dados apresentados referem-se às pesquisas realizadas por formulários previamente elaborados (Anexo B), aplicados aos turistas⁶ e excursionistas⁷, além de residentes em Curitiba e Região Metropolitana, que chegam através do Aeroporto Internacional Afonso Pena, em São José dos Pinhais, da Rodoferroviária, em Curitiba, bem como através das principais rodovias (BR 277 – saída para o norte do Estado, BR 116 – saída para São Paulo e BR 376 – saída para Santa Catarina) de acesso à cidade (PARANÁ TURISMO, 2006b). A Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo esclarece que os números obtidos através dos questionários aplicados demonstram a realidade e cientificidade do estudo.

Contudo, procurando limitar o foco da análise a ser realizada, abordaremos neste trabalho somente os dados referentes aos turistas que visitaram Curitiba no período escolhido, deixando de lado os dados sobre excursionistas, quando existirem, exceto na análise sobre a qualificação da infra-estrutura quando se fará também uma abordagem dos dados coletados sobre o residente entrevistado.

A análise destes números reforça a importância do planejamento turístico urbano e, por outro lado, ao serem comparados com os dados sobre crime e criminalidade de se estabelecer parâmetros para a pesquisa de uma possível correlação entre turismo urbano e criminalidade.

Assim, os dados do Estudo da Demanda Turística realizado pela Secretaria de Estado do Turismo do Governo do Paraná, bem como os dados apresentados pela Seção de Planejamento do Comando do Policiamento da Capital da Polícia Militar do Paraná, do Serviço de Atendimento ao Turista,

⁶ Pessoa que tenha permanecido na cidade por 24 horas com um pernoite e no máximo 45 dias.

⁷ Visitante que tenha permanecido na cidade por menos de 24 horas e sem pernoitar.

vinculado ao Primeiro Distrito Policial, e da Delegacia de Polícia do Aeroporto Afonso Pena, vinculada à Divisão de Polícia Metropolitana, estes dois últimos da Polícia Civil do Paraná, podem auxiliar numa compreensão inicial do quadro relacional entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba.

Contudo, é importante esclarecer que estes órgãos policiais, para elaboração de seu trabalho estatístico, não fazem distinção entre turistas e residentes, limitando a classificação de delitos quanto a natureza das ocorrências e dados geográficos e temporais para sua localização estatística.

Segundo Catai e Rejowski (2005, p. 255), este fato pode ser um problema para diagnosticar a violência que envolve o turista, diante da impossibilidade de uma quantificação precisa e comparativa.

A cidade de Curitiba vem registrando um aumento no número de visitantes e é hoje um dos principais destinos turísticos do Brasil (CURITIBA, 2006a), e ao se observar o fluxo de turistas que visitaram a cidade nestes últimos anos (Tabela 01) é possível constatar, de maneira clara, que houve uma significativa evolução no número de visitantes.

Este crescimento pode ser decorrente de vários fatores, tais como a construção de parques e novos equipamentos urbanos, que se tornaram atrativos turísticos, além de centros de eventos e a instalação de diversas empresas na cidade e sua Região Metropolitana, as quais favoreceram o turismo de negócios e eventos.

Entre os anos de 1995 e 2005 é observada uma evolução estimada em quase o dobro do número de turistas que visitaram a cidade. Já entre os anos de 2004 e 2005 é observada uma evolução de aproximadamente 6%, de modo que o número de turistas superou o número de habitantes da cidade que, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006) para o dia 01 de julho de 2006, é de 1.788.559 habitantes.

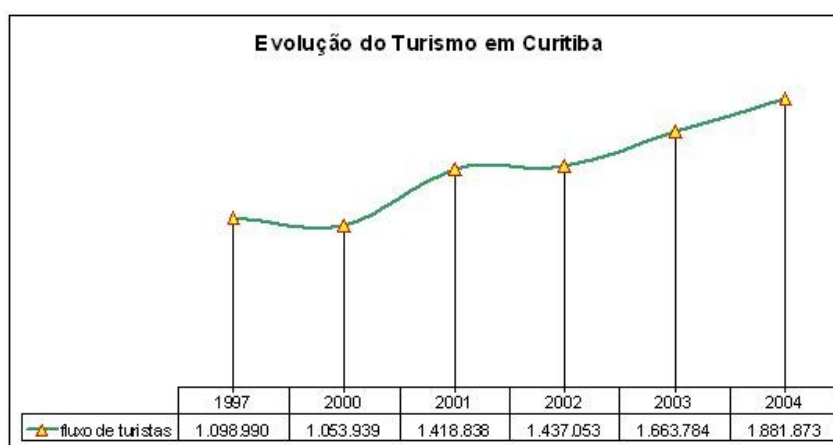
TABELA 01 – FLUXO DE TURISTAS EM CURITIBA E NÚMERO DE ENTREVISTADOS

VARIÁVEL	ANOS						
	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Estimativa de fluxo	998.495	1.053.939	1.418.838	1.437.053	1.663.784	1.881.873	1.986.150
Entrevistados	2.693	4.979	2.865	*	2.304	*	14.799

*coleta de dados não efetuada

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Diante destes números é possível observar uma clara tendência (Gráfico 01) de crescimento de fluxo de turistas e de uma consolidação de Curitiba como um pólo turístico.

GRÁFICO 05 – EVOLUÇÃO DE TURISTAS EM CURITIBAfonte: <http://rg.imap.org.br/rg/?q=rGestao/realizacoes/produto/735/orgao/27>

Quanto ao sexo do turista, podemos constatar (Tabela 02) a vantagem do visitante do sexo masculino, cerca de 70,6% do total, provavelmente fruto da principal motivação que leva o turista a visitar Curitiba, ou seja, baseada no turismo de negócios (Tabela 03). Esta afirmação está baseada na expectativa de que o mercado de trabalho ainda seja dominado pelo sexo masculino, com uma rápida tendência de mudança na direção de um equilíbrio entre homens e mulheres.

Portanto, o fato de Curitiba ser um ótimo destino para a realização de negócios, na esteira do crescimento empresarial em toda sua Região Metropolitana, fez com que a maioria dos visitantes que

desembarcasse na cidade viesse a negócios. Ou seja, a cidade passa a figurar no cenário brasileiro como centro de reuniões e eventos de projeção nacional e internacional.

TABELA 02 – SEXO DO TURISTA QUE VISITA CURITIBA

SEXO	ANOS (%)					
	1995	2000	2001	2002e	2003	2005
Masculino	65,9	65,4	66,0	68,2	74,2	70,6
Feminino	34,1	34,6	34,0	31,8	25,8	29,4
TOTAL (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

e – estimativa

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Curitiba consolidou-se com um destino para a realização de negócios, sendo uma excelente cidade para se investir. Localizada estrategicamente, recebe diversas missões estrangeiras de empresários, urbanistas e gestores públicos.

Podemos observar que em relação ao motivo de viagem dos turistas (Tabela 03), os negócios figuram como primeira motivação para visitar, acompanhado muito próximo pela motivação para visita a parentes e amigos.

TABELA 03 – MOTIVO DE TURISTAS VIAJAREM PARA CURITIBA

MOTIVOS	ANOS (%)					
	1995	2000	2001	2002e	2003	2005
Compras	1,1	0,9	*	0,2	0,5	0,5
Eventos	*	6,7	12,3	9,3	9,9	6,6
Negócios	38,8	32,7	44,5	38,2	38,5	33,9
Parente/Amigo	30,0	36,8	22,2	25,1	23,0	30,3
Trat. de Saúde	8,3	6,2	9,8	5,3	7,2	6,3
Lazer	16,1	16,7	9,2	21,3	16,6	19,3
Outros	5,7	*	2,0	0,6	4,3	3,1
TOTAL (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

e – estimativa

* - dado desconhecido, pode existir

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Outro aspecto importante para constatação desta tendência é o dos grupos profissionais dos turistas que visitam a cidade de Curitiba (Tabela 04).

TABELA 04 – ENTREVISTADOS SEGUNDO GRUPOS PROFISSIONAIS

OCUPAÇÃO	ANOS (%)					
	2001		2003		2005	
	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros
Dirigente*	10,6	24,5	13,4	13,5	11,9	10,1
Aposentado	6,5	1,9	5,2	2,1	4,5	5,7
**Saúde/Biologia	5,8	5,7	7,4	2,1	5,5	5,7
** Escritório	****	****	****	****	3,7	1,9
Comerciante	14,9	7,5	14,6	15,6	12,8	8,2
Estudante	11,5	6,6	6,9	11,5	6,3	10,8
** Exatas	5,6	9,4	6,9	20,8	9,9	14,6
Func. Público	5,0	1,9	5,2	2,1	5,5	0,6
Técnicos	8,4	22,6	7,2	6,3	5,5	6,3
Do Lar	6,6	0,2	3,0	2,1	3,4	3,2
Professor	4,6	4,7	5,3	5,2	6,2	7,6
*** Humanas	****	****	****	****	9,2	11,4
** Liberal	6,6	9,4	8,8	9,4	1,8	1,3
Outros	13,9	13,0	16,1	1,0	13,0	11,4
Não declarado	****	****	****	****	0,8	1,2
TOTAL (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* - [...] e ou Industriário

** - Profissional de [...]

*** - Profissional [...] e Religiosos

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2001 / 2003 / 2006b

**** - Dado desconhecido, pode existir

Quanto a forma de viajar do turista que visita Curitiba (Tabela 05), se observa que as pessoas, na maioria das vezes, viajam sozinhas, fato que pode estar vinculado também ao principal motivo da viagem para Curitiba, ou seja a realização de negócios, contudo, esta afirmação necessita de uma melhor pesquisa, avaliação e análise, o que deixa de ser realizado diante da irrelevância para este trabalho.

TABELA 05 – FORMA DO TURISTA VIAJAR PARA CURITIBA

FORMA	ANOS (%)					
	1995	2000	2001	2002e	2003	2005
Só	50,9	53,2	63,2	63,4	46,5	46,2
Em grupo	14,9	16,1	16,9	17,5	15,5	14,4
Com família	33,9	30,2	19,6	18,1	36,6	38,2
Em excursão	0,3	0,5	0,3	1,0	1,4	1,2
TOTAL (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

e – estimativa

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Com seus peculiares aspectos urbanos, históricos, culturais e boa qualidade de vida, Curitiba atrai turistas de todos os estados do Brasil e de diversos países.

Assim, com relação à procedência dos turistas (Tabela 06) que visitam Curitiba, verifica-se que turistas paranaenses são maioria, seguidos pelos oriundos do estados de São Paulo e Santa Catarina, estados que dividem fronteiras com o Paraná.

Segundo Silveira (1998a, p. 50), isso ressalta o emergente turismo interno ou doméstico cuja importância é destacada nas palavras do economista e professor Affonso Celso Pastore (SEBRAE, 2002, p. 06) em sua apresentação “Perspectivas da Economia Brasileira”, em 24 de outubro de 2001:

*“Ante a um ciclo de retração econômica como o que estamos passando, o mais aconselhável é seguir uma linha conservadora, sem ousar nem tentar expandir. O melhor é procurar outros nichos, como por exemplo, o **turismo interno** (grifo nosso), que não deve sofrer tanta compressão”.*

Outro aspecto que, provavelmente pode ser considerado, está vinculado ao turismo de negócios, pois Curitiba se apresenta como pólo financeiro paranaense, e São Paulo assume este papel no cenário brasileiro, portanto suas relações comerciais são diretas.

Nesta tabela (Tabela 06), observa-se também que o turista internacional ainda apresenta pouca expressão na cidade.

TABELA 06 – RESIDÊNCIA PERMANENTE DOS TURISTAS QUE VISITAM CURITIBA

RESIDÊNCIA PERMANENTE	ANOS (%)						
	1995	2000	2001	2002e	2003	2004e	2005
Paraná	21,1	31,5	36,0	31,5	33,5	34,3	35,5
São Paulo	32,1	28,5	25,2	28,2	29,1	28,1	26,1
Santa Catarina	19,5	11,7	14,8	15,3	15,6	16,3	14,3
Rio de Janeiro	6,8	5,7	6,0	5,5	4,5	4,8	4,1
Rio G. do Sul	6,0	6,4	6,1	6,0	3,9	4,8	4,4
Outros	12,0	10,4	8,2	8,7	9,2	6,5	10,7
Alemanha	0,2	0,6	0,5	0,5	0,2	0,5	0,4
Argentina	0,8	1,0	0,4	0,6	0,4	0,4	0,6
Estados Unidos	0,2	0,8	0,6	0,6	1,1	1,1	0,9
Paraguai	0,4	0,5	0,3	0,4	0,4	0,4	0,7
Outros	0,9	2,9	1,9	2,7	2,1	2,8	2,3
TOTAL (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

e – estimativa

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Outro aspecto que merece observação é o perfil do meio de transporte utilizado pelo turista que visita Curitiba. Podemos constatar que o automóvel apresentou em 2003 e 2005 uma evolução bastante significativa, ultrapassando em mais do dobro dos que utilizam ônibus e avião (Tabela 07).

A supremacia do automóvel pode ser explicada, talvez, por uma melhoria significativa na malha viária disponível para o usuário se deslocar das mais variadas origens até a cidade de Curitiba, bem como o fato do maior número de turistas ser oriundo do próprio Estado, e ainda de São Paulo e Santa Catarina.

TABELA 07 – MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA DESLOCAR ATÉ CURITIBA

MEIO DE TRANSPORTE	ANOS (%)					
	1995	2000	2001	2002e	2003	2005
Avião	26,5	30,8	29,6	29,4	20,7	22,8
Ônibus	40,3	35,9	41,8	38,9	22,7	24,3
Automóvel	33,0	32,6	27,9	31,0	53,1	51,5
Outros	0,2	0,7	0,7	0,7	3,5	1,4
TOTAL (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

e – estimativa

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Contudo, é possível observar (Tabela 08) que turista estrangeiro movimentou até o ano de 2003, um volume maior de dinheiro na economia local, porém esta constatação seria óbvia, considerando as realidades monetárias do visitante local e do visitante estrangeiro, contudo na avaliação do ano de 2005 se observa um equilíbrio entre o visitante estrangeiro e o visitante brasileiro, sugerindo um aprofundamento na pesquisa para entender com maior clareza esta mudança, diante de uma nova realidade econômica brasileira dentro de cenário internacional.

TABELA 08 – GASTO MÉDIO DIÁRIO INDIVIDUAL POR TURISTAS EM CURITIBA

GASTO TOTAL EM US\$	ANOS					
	1995	2000	2001	2002e	2003	2005
Brasileiros	86,8	58,5	51,4	72,4	60,8	75,5
Estrangeiros	128,3	90,2	88,2	103,8	97,9	78,5
Com hospedagem						
Brasileiros	65,1	40,2	29,9	52,3	29,1	35,9
Estrangeiros	82,5	54,9	47,6	73,4	25,2	34,6

e – estimativa

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Nas Tabelas 09 e 10, observamos os dados sobre a qualificação da cidade e sua definição de sua imagem perante o turista. É possível notar que os dados mostram que as qualificações referentes ao trânsito urbano e a qualidade de tráfego apresentam os índices mais baixos de avaliação pelo turista, e que a definição de “Cidade Turística” ainda é pouco reconhecida, ficando a definição de imagem de “Cidade com Qualidade de Vida” com o melhor reconhecimento por parte dos pesquisados.

É possível perceber a forma como a cidade de Curitiba vem se destacando por seu planejamento urbano, proporcionando à população melhores níveis de qualidade de vida, fazendo com que se tornasse referência em todo o mundo e fazendo também com que a imagem da cidade se fortalecesse. Os dados apresentados na Tabela 10 comprovam de forma significativa às imagens atribuídas à cidade.

Conseqüentemente, Curitiba foi adquirindo vários *slogans* como: “Capital Ecológica”, “Cidade Modelo”, “Cidade com Qualidade de Vida”, “Cidade de Primeiro Mundo” e mais recentemente, “Capital Social” e “Cidade da Gente”, e estes *slogans* marcaram fortemente a cidade.

TABELA 09 – QUALIFICAÇÃO DA CIDADE DE CURITIBA SEGUNDO OS TURISTAS

ITENS AVALIADOS	ANOS (% de BOM)		
	2001	2003	2005
Áreas verdes	89,8	90,4	85,9
Conservação dos edifícios	72,5	76,6	65,9
Poluição do ar	62,9	64,7	62,7
Poluição sonora	44,0	50,4	47,6
Qualidade de vida	82,6	87,2	83,3
Qualidade do tráfego	48,0	51,4	51,4

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

TABELA 10 – DEFINIÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE DE CURITIBA PELOS TURISTAS

IMAGEM	ANOS (%)		
	2001	2003	2005
Cidade Ecológica	26,8	22,2	21,0
Cidade com Qualidade de Vida	40,5	37,3	33,7
Cidade Cultural	17,3	14,5	16,2
Cidade Turística	8,8	11,7	14,4
Cidade Universitária	1,4	6,8	6,3
Outras	5,2	7,5	8,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Contudo, quando se fala em satisfação do turista (Tabela 11), apesar da avaliação muito boa que se observa nas Tabelas 09 e 10, o item que apresenta os mais baixos índices é justamente o referente à segurança, com números bem abaixo de uma expectativa positiva.

Diante desta constatação é possível supor que deficiência na segurança pública é um dos principais problemas que podem impedir o crescimento do turismo em Curitiba e isso merece atenção de administradores e gestores das áreas de turismo e segurança pública.

Por outro lado, como se observa um crescimento anual no número de turistas que visitam Curitiba, esta constatação evoca uma reflexão sobre a existência, ou não, de uma correlação que se pretende analisar no próximo capítulo.

TABELA 11 – SATISFAÇÃO DO TURISTA QUE VISITA CURITIBA

ITENS AVALIADOS	ANOS (% do índice BOM)					
	1995	2000	2001	2002e	2003	2005
Comércio	87,4	86,2	85,8	84,0	88,2	89,9
Restaurantes	90,0	91,4	90,4	89,2	92,4	93,1
Hotéis	86,2	88,4	88,9	85,0	92,4	84,0
Vida noturna	72,5	76,1	79,2	77,1	83,7	84,0
Limpeza pública	89,3	88,2	87,5	87,3	89,4	86,8
Segurança	82,1	70,9	63,5	70,1	60,6	62,0
Transp. Coletivo	91,3	90,7	89,2	89,5	91,9	89,5
Atrativo Turístico	96,1	96,2	83,7	87,4	92,8	93,9

e – estimativa

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2006b

Com relação à qualificação da infra-estrutura (Tabela 12), vamos aproveitar os dados que tratam a opinião dos residentes em 2003 e 2005 (Tabela 13), informação também levantada pelos pesquisadores e que permite um elemento de comparação bastante interessante, pois ao confrontar a opinião do turista com a opinião do residente, a avaliação quanto à segurança pública encontra números completamente conflitantes, conforme destacado no Gráfico 06.

TABELA 12 – QUALIFICAÇÃO DE INFRA-ESTRUTURA SEGUNDO OS TURISTAS

INFRA-ESTRUTURA	TIPO / CONCEITO (%)								
	2001			2003			2005		
	Turista			Turista			Turista		
	Ruim	Regular	Bom	Ruim	Regular	Bom	Ruim	Regular	Bom
Atend. Médico	4,0	9,2	86,8	2,7	9,6	87,7	6,1	11,2	82,7
Limpeza Pública	1,0	11,5	87,5	1,1	9,5	89,4	1,2	12,0	86,8
Seg. Pública	8,3	28,2	63,5	10,4	29,0	60,6	9,7	28,3	62,0
Serviços Táxi	2,0	10,1	87,9	2,1	11,1	86,9	2,4	8,5	89,1
Sinaliz. Urbana	3,5	15,0	81,5	*	*	*	4,3	14,8	80,9
Telefonia	2,9	10,3	86,8	2,5	9,0	88,5	3,7	10,4	85,9
Transp. Coletivo	2,0	8,8	89,2	1,5	6,6	91,9	2,1	8,4	89,5
Vias Urbanas	*	*	*	*	*	*	3,3	16,7	80,0
Infra-Estrutura	3,5	14,3	82,2	3,9	14,0	82,1	4,2	14,1	81,7

* - Não pesquisado

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2001 / 2003 / 2006b

TABELA 13 – QUALIFICAÇÃO DE INFRA-ESTRUTURA SEGUNDO OS RESIDENTES

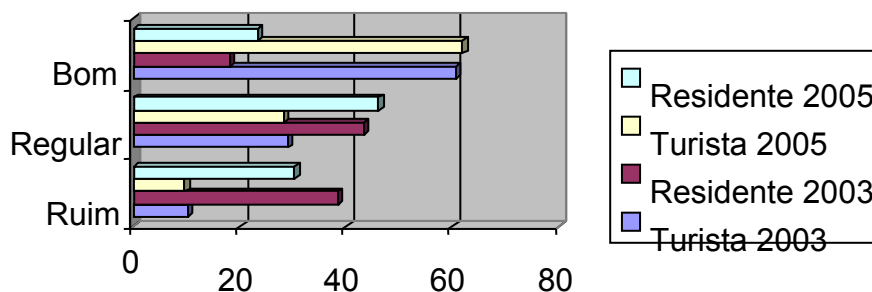
INFRA-ESTRUTURA	TIPO / CONCEITO (%)								
	2001			2003			2005		
	Residente			Residente			Residentes		
	Ruim	Regular	Bom	Ruim	Regular	Bom	Ruim	Regular	Bom
Atend. Médico	*	*	*	17,5	23,8	58,7	16,3	29,9	53,8
Limpeza Pública	*	*	*	2,2	17,9	79,9	3,7	17,7	78,6
Seg. Pública	*	*	*	38,4	43,5	18,1	30,4	46,2	23,4
Serviços Táxi	*	*	*	1,9	14,4	83,7	1,9	9,1	89,0
Sinaliz. Urbana	*	*	*	*	*	*	4,9	24,5	70,6
Telefonia	*	*	*	3,8	14,6	81,6	6,8	17,2	76,0
Transp. Coletivo	*	*	*	3,5	13,3	83,2	4,2	15,8	80,0
Vias Urbanas	*	*	*	*	*	*	7,7	31,4	60,9
Infra-Estrutura	*	*	*	10,6	21,8	67,6	10,7	23,0	66,3

* - Não pesquisado

fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2003 / 2006b

Assim, podemos observar que a segurança pública é item de relevância para os entrevistados residentes que não estão satisfeitos com o serviço público que está sendo oferecido, fato que não é acompanhado pela opinião dos turistas entrevistados.

Gráfico 06 - Comparativo da opinião sobre segurança pública entre turistas e residentes



fonte: Secretaria de Estado do Turismo / Paraná Turismo 2003 / 2006b

Para se compreender a crescente violência e criminalidade em Curitiba foram buscados primeiramente os dados disponíveis e relativos aos registros de ocorrências realizados pela comunidade através do telefone 190 e tabulados para consulta na Seção de Planejamento do Comando do Policiamento da Capital (CPC) da Polícia Militar do Paraná (Tabela 14).

Contudo, é necessário esclarecer que estes dados não representam crimes, exclusivamente, contra turistas, pois não existe na Polícia Militar, tampouco na Polícia Civil, trabalho estatístico abordando o tema violência contra o turista, bem como nos Boletins de Ocorrência não existe um campo de preenchimento que diferencie o turista do residente, portanto seria necessário ler cada um dos Boletins de Ocorrência em seu campo “descrição do fato” para se tentar identificar àqueles que tratam de crimes contra turistas, o que não é possível, pois o material não está disponível para consulta.

O tratamento destes dados iniciou-se com a seleção de crimes, de uma extensa listagem, que pudessem afetar ao turista visitante e, conseqüentemente, influir no turismo urbano em Curitiba.

Vinte crimes foram considerados como possíveis influenciadores sobre o turismo na cidade, sendo mais suscetíveis de se abater sobre o turista visitante.

TABELA 14 – QUANTITATIVO DE CRIMES POR NATUREZA

	NATUREZA	2000	2001	2002	2003	2004	2005
CRIME	AMEACA	9686	9374	15578	16374	16027	15900
	ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR	100	99	146	106	91	124
	CALOTE	808	702	771	826	708	667
	DANO	5092	4739	6856	6576	6246	5681
	DISPARO DE ARMA	854	909	2391	2630	2465	2552
	ESTELIONATO	456	443	586	553	482	483
	ESTUPRO	187	162	189	190	173	214
	EXTORSAO	19	18	21	33	33	58
	EXTORSAO MED. SEQUESTRO	10	21	23	25	37	33
	FURTO QUALIFICADO	6870	7875	8869	9899	11833	9185
	FURTO SIMPLES	9066	8410	11827	13824	15312	13638
	HOMICIDIO	406	415	384	449	613	710
	LESAO CORPORAL	6012	5740	8407	8272	8597	9363
	PORTE DE ARMA	1198	1350	1690	1545	1829	1804
	RIXA	755	643	1345	1681	1858	2237
	ROUBO	12056	14402	16387	19775	20354	20684
	SEQUESTRO / CARCERE PRIV.	66	58	107	142	133	173
	TRAFICO DE TOXICO	136	164	329	464	523	516
	USUARIO DE TOXICO	2364	1920	3801	2568	2482	2515
	VIAS DE FATO	8077	8055	18965	15560	15253	15007

fonte: PMPR / CPC / SISCOP 2006

Estes dados podem sofrer alteração com a realidade no que diz respeito ao quantitativo de crimes relatados, pois muitas vítimas optam por não comunicar a ocorrência de crimes, bem como o fato de que as polícias, Militar e Civil, possuem bancos de dados ainda não integrados.

Reforçando esta dificuldade, podemos constatar também que os dados obtidos pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) nos anos de 2001, 2002 e 2003 (Anexo C), sobre homicídios, lesão corporal, estupros, atentados violentos ao pudor, extorsão mediante seqüestro, roubos e furtos, diferem (Tabela 15) dos dados apresentados pela Seção de Planejamento do CPC da Polícia Militar do Paraná.

TABELA 15 – QUADRO COMPARATIVO ENTRE REGISTROS DE OCORRÊNCIAS

	2001		2002		2003	
	CPC	SENASP	CPC	SENASP	CPC	SENASP
Homicídios	415	442	384	497	449	515
Lesão Corporal	5740	3563	8407	3070	8272	4237
Estupro	162	111	189	128	190	165
Atentado Violento Pudor	99	68	146	94	106	100
Extorsão Med. Seqüestro	21	03	23	04	25	0
Roubo	14402	11271	16387	12275	19775	16939
Furto	16285	32517	20696	28310	23723	39605

fonte: CPC / SISCOP 2006 e SENASP / Ministério da Justiça

Os dados estatísticos colhidos pela SENASP são elaborados a partir do número de ocorrências registradas pela Polícia Civil, cabendo à SENASP apenas sistematizar os dados produzidos e organizar a sua divulgação.

Contudo, alguns aspectos específicos em relação ao fluxo de elaboração dos Boletins de Ocorrência devem ser destacados para que se tenha uma maior clareza a respeito do significado e dos limites dos dados apresentados.

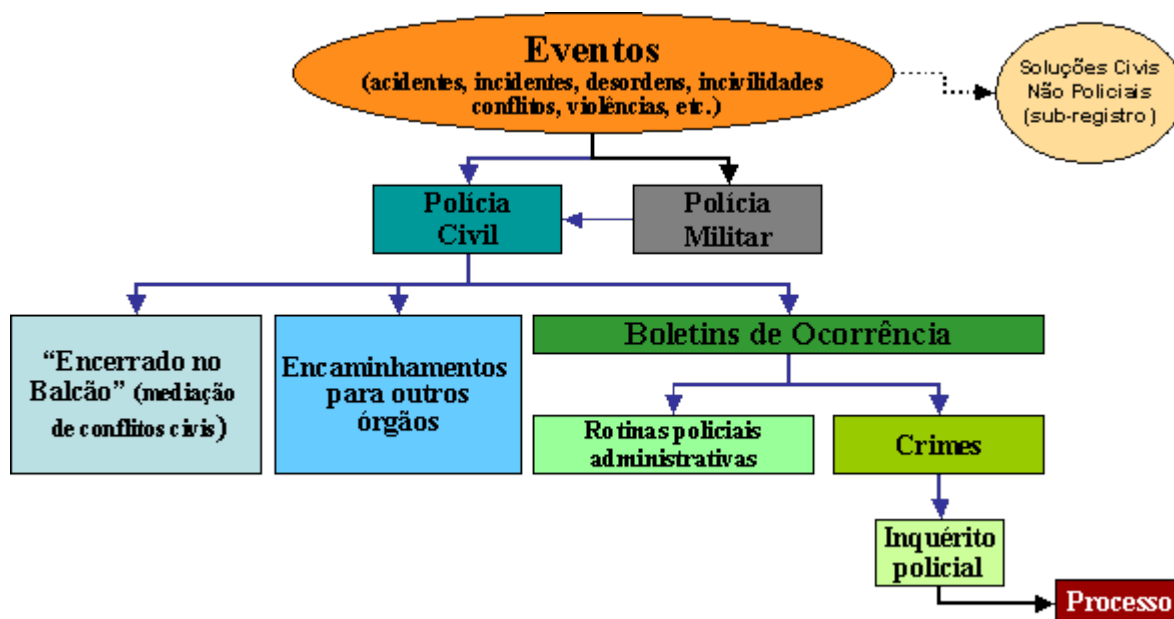
É preciso reconhecer que a elaboração de um Boletim de Ocorrência envolve avaliações e decisões de diversos atores (cidadãos e policiais, em especial) que participaram de um certo evento e que foi interpretado por eles como um “assunto de polícia”. Pode-se identificar um padrão (Gráfico 07) de encaminhamento dos eventos.

Assim, grande parte dos eventos, acidentes, incidentes, desordens, conflitos e violências a que está submetida a população, tem como resposta soluções não policiais. Este fenômeno é designado comumente pelo termo sub-registro e resulta da decisão da população de não registrar nos órgãos de segurança pública os eventos a que tenham sido vítimas.

Quanto ao turista em especial, muitas vezes a preocupação em fazer um Boletim de Ocorrência reside somente no registro oficial para solicitação de seguro feito na localidade de origem e também deve

ser lembrada a dificuldade de registrar ocorrência diante do pouco tempo disponível ao turista, dependendo da menor gravidade do crime (CATAI e REJOWSKI, 2005, p. 253).

GRÁFICO 07 – FLUXO DE ELABORAÇÃO DE UM BOLETIM DE OCORRÊNCIA



fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

É bom salientar, que este fenômeno ocorre de forma generalizada em todas as sociedades e que ele varia de intensidade entre diferentes grupos sociais e também em função do tipo de ocorrência a que estamos nos referindo.

Portanto, o fato das pessoas confiarem mais nas organizações públicas ou mais especificamente nas organizações policiais faz com que elas tenham uma maior tendência de as procurarem quando se encontram na condição de vítima.

Por outro lado, a Secretaria Estadual da Segurança Pública do Paraná, em 03 de fevereiro de 2005, assinou um termo de cooperação com a Secretaria de Estado do Turismo, com a Polícia Federal e

com o Curitiba Convention & Visitors Bureau, para a criação do Serviço de Atendimento ao Turista (SAT) em Curitiba (Imagem 27).



Imagem 27 – Serviço de Atendimento ao Turista
Fonte: Do autor

A iniciativa é uma espécie de delegacia especializada para dar suporte aos casos de furtos, roubos, acidentes e perda de documentos, envolvendo turistas brasileiros e estrangeiros. A unidade funciona junto ao Primeiro Distrito Policial da Capital, contando com um Investigador, bem como dispõe de um posto 24 horas na Rodoferroviária, onde prestam serviço, estagiários contratados.

O SAT é divulgado através de folhetos e cartilhas (Anexo D) que são distribuídos aos turistas em diversos pontos de chegada na cidade de Curitiba.

Os atendimentos realizados pelo SAT somente ocorrem quando o plantonista do Primeiro Distrito Policial, por limitação quanto ao domínio de idiomas estrangeiros, sente dificuldade no atendimento ao solicitante (vítima), portanto os dados referentes aos registros (Tabela 16) do SAT não representam com fidelidade o número de ocorrências policiais, onde o turista figura como vítima.

Como os dados disponíveis para consulta referem-se parcialmente ao ano de 2005 e ao ano de 2006, optou-se por lançar estes números para uma simples análise, pois é óbvio que os mesmos não

refletem a realidade dos casos em que turistas são vítimas em ocorrências policiais, somente demonstram o número de turistas atendidos pelo Serviço de Atendimento ao Turista.

TABELA 16 – REGISTROS DE OCORRÊNCIAS JUNTO AO SAT

	2005	2006
Furto*	30	29
Roubo	06	08
Lesão Corporal	03	**
Ameaça	01	03
Extravio de documento	32	20
Dano	01	**
Estelionato	04	**

* (simples e qualificado)

** - Dado desconhecido, pode existir

fonte: Polícia Civil / SAT

A Secretaria Estadual da Segurança Pública dispõe também de uma Delegacia de Polícia no Aeroporto Afonso Pena, subordinada à Divisão de Polícia Metropolitana da Polícia Civil, que por sua localização poderia reunir dados e informações a respeito de crimes envolvendo turistas (brasileiros e estrangeiros).

A unidade funciona no interior do Aeroporto Internacional Afonso Pena e está vinculada ao Distrito Policial de São José dos Pinhais – Paraná, contando com um efetivo de duas Investigadoras de Polícia e uma Delegada, que acumula também a função de Delegada da Mulher daquele município.

Contudo, ao se observar os boletins de ocorrência lavrados no período de 2000 até 2005 não se constata qualquer informação que identifique a vítima como turista. Diante desta dificuldade, buscou-se verificar e analisar àquelas ocorrências policiais em que a vítima declara que sua residência não esta localizada em Curitiba ou em sua Região Metropolitana.

Mesmo assim, os dados obtidos não são esclarecedores, pois não é possível afirmar que as vítimas sejam turistas.

Outro elemento complicador residiu no fato que muitos boletins de ocorrência não apresentam o local de residência da vítima, bem como a grande maioria dos registros trata de fatos que ocorreram durante os vôos ou no manuseio de bagagens na área operacional do aeroporto, ou ainda, o crime aconteceu em outra localidade e a vítima somente deu conta do ocorrido naquele aeroporto.

Grande número de registros de ocorrência diz respeito a perda ou extravio de documentos e a lavratura do boletim substitui o documento extraviado (muitas vezes esquecido pelo noticiante) permitindo ao passageiro embarcar em um vôo comercial.

Diante desta realidade, da mesma maneira como os dados fornecidos pelo Serviço de Atendimento ao Turista, optou-se por lançar os números obtidos (Tabela 17) para uma simples análise, pois os mesmos não refletem a realidade dos casos em que turistas são vítimas em ocorrências policiais, somente demonstrando a quantidade de pessoas atendidas pela Delegacia de Polícia no Aeroporto Internacional Afonso Pena.

TABELA 17 – REGISTROS DE OCORRÊNCIAS JUNTO À DELEGACIA DO AEROPORTO

	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Furto*	21	27	28	31	38	54
Roubo	1	1		2	3	
Violação		2				
Moeda Falsa						1
Ameaça				1		
Acidente de Trânsito		1				
Apropriação Indébita		2				
Crime contra o Consumidor				7		
Constrangimento Ilegal		1				
Extorsão mediante Seqüestro		3				
Dano	1	2	1	14	17	1
Estelionato	3		2	3	2	

* (simples e qualificado)

fonte: Polícia Civil / Delegacia de Polícia do Aeroporto Afonso Pena

Apenas recentemente a Secretaria de Estado da Segurança Pública criou um programa de unificação dos boletins de ocorrência entre as duas polícias estaduais, através da implantação de mapeamento das áreas de maior índice de violência para redirecionar melhor e dar maior eficiência aos recursos policiais e permitir uma estatística policial mais próxima da realidade. Este programa é denominado de “Mapa do Crime”.

Baseado no geoprocessamento⁸, o projeto “Mapa do Crime” entra em fase final para sua implantação efetiva no Paraná, especialmente em Curitiba, sendo que o sistema é similar ao usado por diversas cidades norte-americanas e européias.

O sistema já vem sendo utilizado pela Secretaria de Estado da Segurança Pública há mais de seis meses e passará a ser automatizado com a implantação definitiva de um boletim de ocorrência único.

Com o geoprocessamento e a utilização deste boletim de ocorrência unificado será possível estabelecer o mapeamento do crime para que possam ser adotadas medidas preventivas nos locais de maior concentração de práticas criminosas.

Também permite que a polícia possa agir na tentativa de evitar a ocorrência de atos criminosos, bem como as informações unificadas permitem apontar áreas e regiões de desestruturação e de desigualdade social que favoreçam ao crime, e ainda tentar identificar a origem geográfica dos criminosos.

Como qualquer outra metrópole brasileira, Curitiba ainda sofre com alguns problemas sociais, como a existência de favelas no entorno do município e de moradores de rua. O índice de criminalidade, no entanto, ainda é baixo, se comparado a outras cidades do mesmo porte.

Esta afirmação está baseada ao se comparar os números da criminalidade em Curitiba com os de outros centros urbanos do mesmo porte.

⁸ O geoprocessamento é o processamento informatizado de dados georreferenciados. Utiliza programas de computador que permitem o uso de informações cartográficas (mapas, cartas topográficas e plantas) e informações a que se possa associar coordenadas desses mapas, cartas ou plantas.

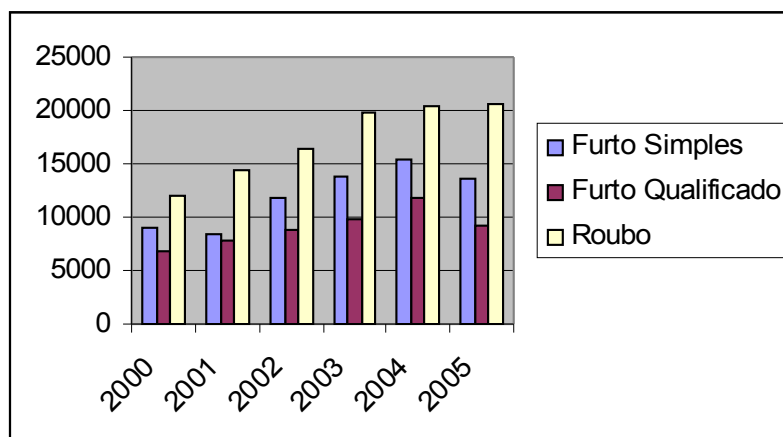
Nesta mesma direção, ao tratar de Curitiba, Gândara (2001, p. 99) afirma que:

“La consultora inglesa Control Risks, una de las mayores empresas consultoras de riesgo del mundo, al elaborar un ranking de la violencia en las ciudades, ha calificado a Curitiba muy positivamente, destacando que los bajos índices de criminalidad, en relación con otras ciudades brasileñas, otorgan a Curitiba la reputación de ser una de las más seguras de Brasil.”

Porém, dos dados apresentados anteriormente, se pode perceber que houve uma evolução da criminalidade em Curitiba, com base nos crimes selecionados para demonstração, o que aparentemente parece não ter exercido influência no sentido de afastar o turista que buscou a cidade, pois o número de turistas não diminuiu apesar dos dados apresentados sobre criminalidade, ao contrário, Curitiba, diante dos números observados, se consolida como um promissor destino turístico.

Mas não se deve descuidar da preocupação com a crescente criminalidade em Curitiba. Por exemplo, ao se observar o número de furtos (simples e qualificado) e roubos nos anos de 2000 até 2005 (gráfico 08), podemos constatar que houve, somente nestes crimes, um acréscimo de 55% no período.

GRÁFICO 08 – EVOLUÇÃO DE FURTOS (SIMPLES E QUALIFICADO) E ROUBOS



fonte: CPC / SISCOP 2006

A imprensa de um modo geral divulga que a criminalidade tem apresentado taxas crescentes no mundo todo. De fato, constata-se que os índices relativos a cidade de Curitiba, especialmente os que tratam dos crimes, também sofreram um sensível acréscimo.

Neste contexto, os dados apresentados sugerem inúmeros questionamentos que demandam a averiguação detalhada dos fatores correlacionados à elevação da criminalidade com a baixa avaliação apresentada pelos turistas a respeito da segurança pública em Curitiba e mesmo assim, os números tratados anteriormente demonstram que o fluxo de turistas não foi afetado por uma evolução da criminalidade em Curitiba, tampouco a consciência de que a segurança pública é insuficiente ou deficitária afastou a presença de pessoas que visitam a capital paranaense.

Contudo, a percepção referente à qualificação da infra-estrutura, observada nas Tabelas 12 e 13, permite constatar que o residente também é uma grande fonte de observações pertinentes ao nosso estudo, pois suas opiniões mais críticas podem fornecer dados úteis para a busca de uma possível correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba, bem como podem auxiliar na dotação do setor público de dados essenciais que possibilitem o conhecimento de elementos necessários ao planejamento da atividade turística.

Esta informação é reforçada pelos números observados no Estudo de Demanda Turística realizada pela Secretaria de Estado do Turismo em 2003 (PARANÁ TURISMO, 2003), quanto é solicitado ao turista e ao excursionista que apresentem sugestões sobre aspectos urbanos de Curitiba e o item mais citado por turistas, com 32,05%, e excursionistas, com 26,6%, é “mais segurança pública”.

Os dados abordados neste capítulo, somente ganham importância quando é possível buscar no trabalho de campo, elementos que dêem suporte testemunhal aos resultados estatísticos coletados. Assim, no próximo capítulo se descreve o trabalho de campo realizado com o registro dos relatos obtidos de diversas autoridades públicas e de turistas em Curitiba.

Ouvindo pessoas para a percepção de uma correlação

Considerando que o objetivo geral deste trabalho é analisar os impactos da violência e da criminalidade na demanda turística na cidade de Curitiba, no período entre os anos de 2000 e 2005, na busca de uma possível correlação entre turismo urbano e criminalidade, bem como tentar oferecer elementos para uma reflexão futura de gestores e administradores públicos como base para se adotarem políticas públicas que auxiliem não somente ao turista, como também ao morador residente, houve a necessidade de buscar conhecimentos básicos na abordagem sobre estes dois temas para que esta “possível” correlação, se exir, possa ser entendida e analisada, visando diminuir a possibilidade de erro na avaliação efetuada.

É preciso reforçar que este pesquisador trabalhou com suposições prováveis, e não com verdades absolutas, buscando o conhecimento para a compreensão mais próxima da realidade de maneira concreta na análise da influência da violência e criminalidade da demanda turística na cidade de Curitiba.

Parte-se, portanto, da percepção de que o estudo da correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba é importante, em função do interesse numa possível complementação do conhecimento geográfico.

Desta maneira, a correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba como objeto de estudo se constituiu em um núcleo no qual diferentes disciplinas se entrelaçaram, a exemplo da antropologia, da psicologia, da sociologia, da economia, da administração, do direito, entre outros, e em especialmente da Geografia (DENCKER, 2000, p. 30), buscando quantificar, qualificar e analisar os dados relativos à violência e criminalidade, como fatores de influência da demanda turística na cidade de Curitiba.

Assim, acreditou-se que o elemento mais importante para identificação do que se buscava seria o procedimento para a coleta de dados, com sua divisão em dois grandes grupos. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. E no segundo grupo a pesquisa experimental, o levantamento e o trabalho de campo.

Foi realizada, para a compreensão do que se propunha, a busca de fontes bibliográficas e documentais para pesquisa. Inicialmente, as fontes primárias como: revistas, informes, livros e obras acadêmicas, serviram de base para a construção da revisão bibliográfica. A seguir, buscou-se, como fonte secundária, bases e bancos de dados oficiais.

E num segundo momento, partiu-se para a coleta de dados através de entrevistas com funcionários públicos e um trabalho de campo qualitativo, com questionamentos formulados à turistas. Esta fase foi fundamental para a pesquisa, pois a expressão verbal dos entrevistados através da resposta a perguntas formuladas por este pesquisador permitiu obter informações sobre variáveis que influenciaram na pesquisa e que não poderiam ser observadas através da revisão bibliográfica e documental.

Quanto à realização de entrevistas, o objetivo principal foi determinar, primeiro, como as instituições policiais e de segurança, percebem seu papel na prevenção de crimes contra os turistas, segundo, o papel de profissionais do setor público do turismo na orientação ao turista quanto a aspectos de segurança pessoal e patrimonial e, terceira, a existência de políticas públicas que tenham o turismo como elemento propulsor de planejamento, no campo da segurança pública.

Por outro lado, ao entrevistar turistas se buscou compreender o que motiva uma pessoa a visitar Curitiba, se nesta escolha o fator “segurança” tem algum peso e, ainda, se num cenário contemporâneo é possível comparar Curitiba com outros grandes centros, levando em consideração o critério da segurança, bem como a percepção e a impressão do turista sobre a segurança da cidade.

Quanto ao trabalho de campo qualitativo é importante enfatizar que em função do formato e do tamanho limitado da amostragem, não é possível afirmar que as conclusões obtidas nestas entrevistas

sejam representativas de toda a comunidade de turistas, ou ainda, que possam ser aplicáveis em outros lugares. Contudo, espera-se que a análise dos resultados possa estimular o desenvolvimento de níveis mais elevados de pesquisa.

Primeiramente, responderam ao questionário de coleta de dados (Anexo E), quarenta turistas abordados e entrevistados nos dias 23, 24, 30 e 31 de dezembro de 2006, no Jardim Botânico (10), na Ópera do Arame (10), na Universidade Livre do Meio Ambiente (10), e ainda, passageiros da Linha Turismo (10), sempre na busca de percepções, impressões e ainda, sobre a satisfação dos turistas, e somente dos turistas (não se entrevistou excursionistas), especialmente sobre os seguintes aspectos:

- a. Qual o motivo da escolha de Curitiba como destino?
- b. Considera Curitiba uma cidade segura? Por que?
- c. É possível compará-la com outros centros urbanos, considerando sua segurança?
- d. Buscou informações sobre a segurança na cidade antes de visitá-la?
- e. Pôde perceber algum aparato de segurança na cidade?
- f. Indicaria Curitiba para ser visitada por outra pessoa, diante de sua segurança?
- g. Está satisfeito com a visita, diante da segurança que a cidade oferece?

A decisão de abordar somente quarenta turistas foi motivada pela busca qualitativa de respostas e a seleção dos turistas abordados para a entrevista estruturada e o preenchimento do questionário foi aleatória, respeitando somente os percentuais apresentados pelo Estudo de Demanda Turística realizado em 2005, quanto ao sexo dos mesmos, ou seja, 28 homens e 12 mulheres, e ainda optou-se somente pela abordagem de turistas brasileiros. Das respostas obtidas aos questionamentos relacionados acima, sobre as experiências pessoais, opiniões e atitudes dos turistas, e aliando-se aos dados apurados pelos Estudos de Demanda Turística, comentados no capítulo anterior, este pesquisador pode concluir que:

01º) A maioria dos entrevistados escolhidos é oriunda de outros estados e metade destes vem de cidades do estado de São Paulo, contudo esta informação serve somente como “pano de fundo” para as demais teorizações a seguir;

02º) Considerando que as entrevistas aconteceram num período de férias (proximidades do Natal e do Ano Novo) é possível constatar que os turistas que visitavam a cidade a passeio vieram impulsionados, estando de passagem ou não, pela beleza da cidade, fruto de seu planejamento urbano e representado na qualidade de seus pontos turísticos;

03º) Diante do baixo número de entrevistados que declararam estar na cidade por motivo de serviço, caracterizando o chamado “turismo de negócios”, é possível imaginar que este tipo de turista dificilmente dispõe de tempo para visitar um ponto turístico ou realizar um passeio em uma jardineira pela cidade;

04º) É possível perceber que Curitiba é uma cidade repleta de particularidades no campo do turismo, pois sua trajetória rumo ao conceito de “cidade inovadora” dura mais de trinta anos, desde o primeiro “calçadão”, das primeiras “canaletas exclusivas para ônibus coletivos” e dos primeiros olhares para a importância do “verde” e do cuidado com a “reciclagem do lixo”;

05º) Quanto mais distante a cidade de origem do turista, maior é o interesse em conhecer a “cidade que deu certo” ou a “cidade da qualidade de vida”, trazendo consigo o (pré) conceito de que Curitiba é uma cidade “segura”, pois qualidade de vida também é segurança;

06º) Percebe-se um consenso de que Curitiba é uma cidade que agrada, mas não empolga, considerando que o número de turistas que estão de passagem pela capital paranaense é bastante grande. Isto demonstra que igual ao tempo dos “tropeiros”, Curitiba continua sendo um lugar de passagem e um ponto de parada no caminho entre norte e sul;

07º) Infelizmente, não existe pesquisa disponível que avalie quantas vezes um mesmo turista já visitou a cidade, na tentativa de derrubar a “tese do acaso” ou a “tese da passagem”, pois isto permitiria mostrar que ninguém visita uma cidade por mais de uma vez se ela não apresentar bons atrativos;

08º) O contato com os entrevistados levantou também o fator “curiosidade” em conhecer a capital que é um “mito” das soluções urbanísticas e dos equipamentos urbanos inovadores, saber o que fez de Curitiba uma cidade tão falada, causando ótima impressão ao visitante os pontos turísticos bem cuidados e apresentáveis, uma frota de ônibus coletivos visualmente atraente e ruas espantosamente limpas se comparadas com as de sua cidade de origem;

09º) A aplicação do policiamento ostensivo (viaturas, motocicletas e policiais), por parte da Polícia Militar, assim como o posicionamento dos agentes da Guarda Municipal (viaturas, bicicletas e guardas), próximo aos principais pontos de visitação permite transmitir uma sensação de segurança, considerando que dificilmente um turista irá comprar um jornal para saber das ocorrências policiais na cidade ou em sua Região Metropolitana, restando a ele avaliar aquilo que vê ou o que ouve;

10º) A apresentação pessoal (fardamento, cabelo e postura) e a conservação de viaturas (limpeza e frota aparentemente nova) foram destaque nas impressões dos entrevistados, inclusive no Jardim Botânico a existência de policiamento com bicicleta (aliás, com uma apresentação excelente do guarda municipal e do uso de bicicleta para realizar o patrulhamento) causou espanto nos entrevistados;

11º) Entre os entrevistados nos ônibus da “Linha Turismo” é unânime o deslumbre quanto ao sistema de transporte coletivo de Curitiba, impressão que vai dos elogios a caracterização dos ônibus e seus diferentes tamanhos, até a limpeza interna, contudo os seguidos crimes contra turistas embarcados em ônibus no Rio de Janeiro, estimula uma sensação de que o mesmo também pode ocorrer em Curitiba;

12º) Existe uma percepção, diante do que se apresenta de Curitiba através do “*city marketing*”, que a cidade é ideal para se morar, pois este desejo é apresentado por diversos entrevistados;

13º) Cariocas e paulistas foram os entrevistados que mais ressaltaram a questão da “segurança” de Curitiba, destacando a índole da população residente e as boas referências que tiveram previamente sobre a cidade, por conta de notícias ou de um trabalho de divulgação adotado pelas agências de viagem, provavelmente com apoio dos governos estadual e / ou municipal;

14º) Pontos turísticos, cuja atração se dá também durante a visita noturna (rua 24 horas e rua XV de Novembro, por exemplo), estão perdendo sua atratividade diante da apropriação destes espaços por marginais que praticam desde pequenos furtos até agressões, pela conseqüente diminuição no fluxo de pessoas associado a presença deficitária do policiamento ostensivo. Neste caso, seria conveniente divulgar que na rua XV de Novembro existe um sistema de monitoramento por câmeras de vídeo;

15º) Locais estratégicos da cidade, como os próximos à Rodoferroviária e à Biblioteca Pública e à rua 24 horas, locais de passagem da maioria dos turistas, carecem de uma presença mais intensa e constante de policiamento ostensivo, por se tratarem de espaços freqüentados por criminosos que se valem da ausência policial para agir contra o turista;

16º) A importância do aprendizado de uma segunda língua por parte de policiais, preferencialmente o inglês, pois esta foi citada como uma barreira, pelos entrevistados, para uma melhor prestação do serviço para o turista estrangeiro, apesar das entrevistas se limitarem a turistas brasileiros;

17º) Foi sugerido o fornecimento de informações quanto aos procedimentos de segurança a serem adotados pelos turistas, assim como informações sobre locais perigosos para a circulação;

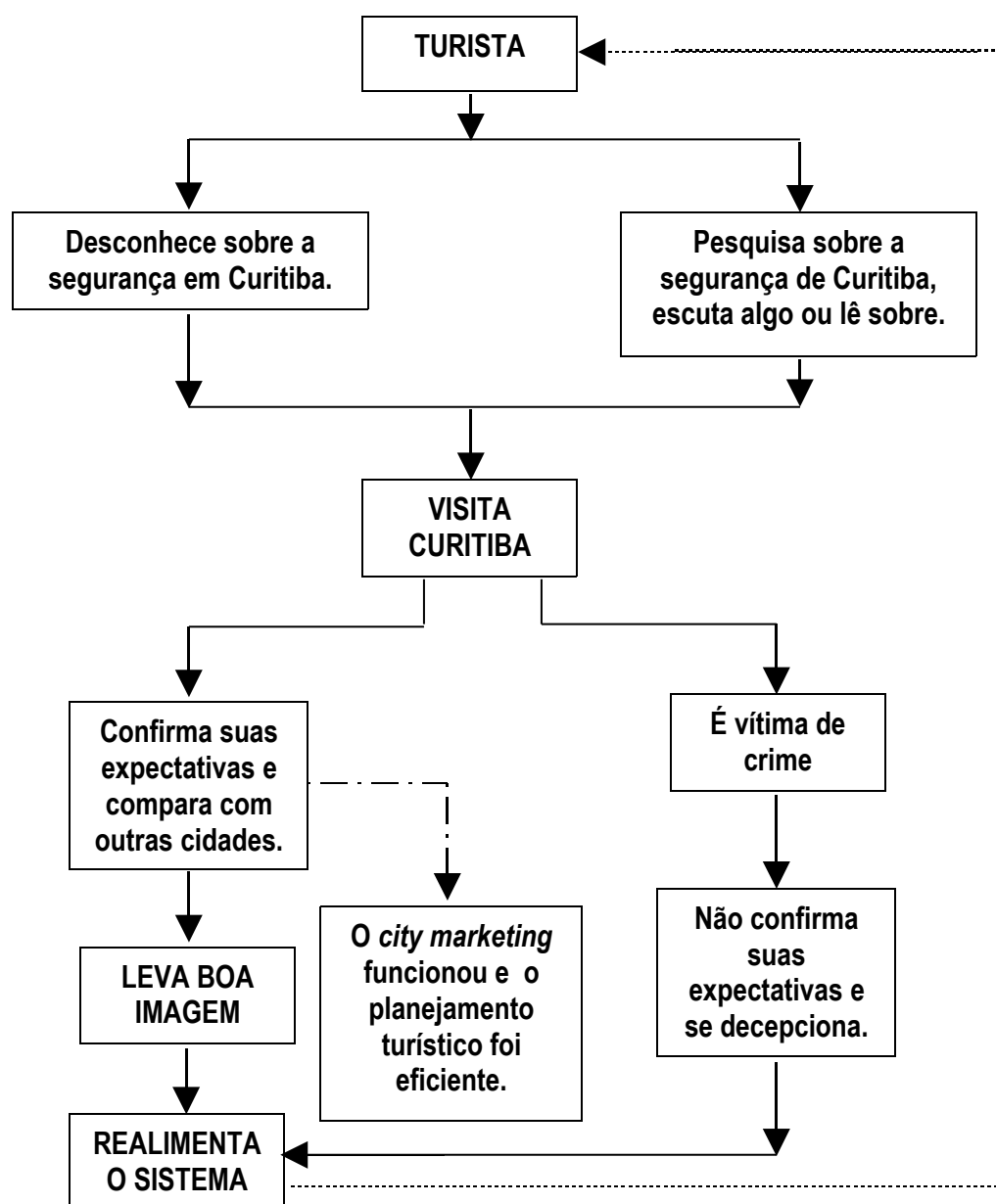
18º) Criação de um serviço telefônico gratuito (0800), disponível 24 horas, para orientação ao turista, com atendentes bilingües que possam direcionar suas necessidades, especialmente às relativas a segurança pessoal e patrimonial, preferencialmente um número que seja padronizado em todo o país;

19º) O turista acredita que o “clima de segurança” percebido nos espaços visitados é compartilhado pela população residente, contudo a realidade é bem diferente, como se pôde observar no Gráfico 02.

Do que foi possível captar durante as entrevistas realizadas com os turistas, foi construído um esquema (representado abaixo) decorrente da leitura que este autor faz quanto a visão do visitante sobre a segurança pública em Curitiba.

ESQUEMA DA PERCEPÇÃO (DO AUTOR) QUANTO A VISÃO DO TURISTA SOBRE SEGURANÇA EM

CURITIBA



O aspecto interessante do esquema apresentado anteriormente é o fato de que os órgãos de segurança, seja na esfera municipal, seja na esfera estadual, não tomam conhecimento da impressão do turista sobre a segurança de Curitiba e desta maneira não possuem a capacidade, ou não tem interesse em contribuir com o “city marketing” de Curitiba, ou ainda fazer com que a realimentação do sistema leve uma opinião favorável sobre este tema aos futuros turistas.

Outro aspecto que este pesquisador destaca, diz respeito a qualificação do capital humano para atender ao turista, pois se percebe a importância da participação das pessoas na formação da impressão do turista sobre a cidade.

Nesta mesma direção, Paixão (2005, p. 07) afirma que:

“Cabe resaltar, que la ausencia y la dificultad en la capacitación de personas, en gran parte de los casos, se constituye como uno de los elementos responsables por el bajo rendimiento del turismo brasileño. No se puede dejar de considerar datos que identifican e indican la existencia de una gran y notable carencia de personal apto a atender adecuadamente al flujo turístico creciente y cada vez más exigente”.

Numa segunda etapa de entrevistas, foram procuradas pessoas em órgãos públicos vinculados ao turismo e à segurança pública que pudessem contribuir com informações esclarecedoras aos objetivos desta pesquisa.

Foi entrevistada a senhora Gilce Zelinda Battistuz, pesquisadora do Setor de Estatística da Secretaria de Estado do Turismo, na busca de informações sobre a realização do Estudo de Demanda Turística e a intenção desse estudo na busca da percepção do turista quanto a segurança em Curitiba.

Primeiramente, procurou-se saber se o entrevistado daquela pesquisa, ao ser questionado sobre “como define a cidade”, se dispunha de uma resposta que definisse Curitiba como uma “cidade segura”.

De acordo com a pesquisadora, o turista tratou do assunto “segurança pública”, segundo o formato das perguntas, em dois momentos. Primeiro, quando se manifestou a respeito de sua satisfação, e

neste momento se observa uma avaliação mais baixa a cada ano, numa tendência de queda dos índices e, segundo, quando é questionado sobre a qualificação da infra-estrutura, onde se percebe uma relativa estabilidade nos índices de avaliação, contudo quanto a avaliar a definição da imagem de Curitiba como “Cidade Segura”, não foi apreciada.

Neste momento, este pesquisador sugeriu que ao se questionar o turista, no que diz respeito a “definição de imagem da cidade”, seria conveniente incluir também CIDADE COM SEGURANÇA como um item a ser avaliado, utilizando este aspecto como possível diferencial da cidade como destino turístico.

Finalizando a entrevista, indagou-se a pesquisadora sobre a pergunta do estudo a respeito da infra-estrutura de Curitiba, e como a pesquisadora imagina que o turista pode ter uma percepção sobre segurança pública em Curitiba para poder avaliá-la. Ela acredita que o turista ao avaliar a segurança pública da cidade, usa como base de seu julgamento o que ele vê nas ruas, se há policiamento perto dos locais turísticos onde ele está e em outras regiões também, bem como o que ouve de outros turistas e até mesmo de residentes com quem tem contato. Contudo, o fato de ver policiamento nas ruas já o tranquiliza e faz com que o modo de pensar seja positivo sobre a segurança da cidade.

Foi entrevistado também o Major Douglas Sabatini Dabul, responsável pelo planejamento e instrução do Comando do Policiamento da Capital, na tentativa de compreender a postura da Polícia Militar em Curitiba no trato de assuntos no campo da segurança pública que envolva os turistas, bem como, a qualificação do efetivo policial militar no trato do visitante em Curitiba.

A entrevista iniciou-se com uma discussão sobre a evolução da criminalidade na cidade de Curitiba entre os anos de 1995 e 2005, bem como sobre os dados gerais a respeito do número de turistas que visitaram a cidade neste mesmo período, considerando que em 2005 o número de turistas em Curitiba superou o número de habitantes da cidade, conforme dados do IBGE.

Outro aspecto abordado diz respeito do conceito de Curitiba como cidade que se destaca como destino turístico no Brasil, diante dos números apresentados e ainda a importância do fator segurança pública na manutenção deste cenário favorável ao turismo urbano na cidade.

Neste sentido, ao se questionar se a Polícia Militar, através do Comando do Policiamento da Capital ou de qualquer uma das Unidades Operacionais vinculadas a este Comando, desenvolve algum plano diferenciado de trabalho, ou se existe algum programa de capacitação ou de orientação dos policiais militares para atendimento ao turista que visita Curitiba, constatou-se que não existe nenhum programa específico neste sentido, contudo durante a realização dos eventos COP 8 – Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica e MOP 3 – Reunião das Partes do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança, em 2006, a Polícia Militar disponibilizou mais de 600 homens para o reforço do policiamento nos lugares do evento e hotéis e policiamento de trânsito em diversos pontos chave, com orientação especial quanto ao atendimento aos participantes, neste caso, turistas brasileiros e estrangeiros, pois do ponto de vista internacional foi o maior evento que a cidade já sediou.

Quanto ao planejamento para aplicação do efetivo policial militar em pontos turísticos de Curitiba, o entrevistado esclareceu que a distribuição de policiais e viaturas acontece diante dos dados referentes aos locais de maior incidência de ocorrências, independente de serem pontos turísticos ou não, ficando as unidades operacionais encarregadas de planejar a aplicação do policiamento dentro de suas áreas de responsabilidade.

Esclarecendo ainda que não existe uma seleção do efetivo por habilidades para atuar junto a pontos turísticos, e o mesmo acontece no Aeroporto Internacional Afonso Pena, onde existe um posto policial militar para atendimento de pessoas que necessitem de intervenção policial naquele local.

A Polícia Militar, não dispõe de dados estatísticos sobre a criminalidade contra turistas em Curitiba, bem como não dispõe de troca de informações com o Serviço de Atendimento ao Turista, da Polícia Civil, em Curitiba. O entrevistado desconhece se o SAT não está em funcionamento.

Quanto ao policiamento especializado em veículos do transporte coletivo em Curitiba, as Unidades Operacionais vinculadas ao CPC desenvolvem um trabalho especial neste sentido, atuando nas linhas onde o volume de ocorrências é mais significativo, diante do número de registros realizados por vítimas ou pelas concessionárias deste serviço público. No que diz respeito aos ônibus da “Linha Turismo”, diante de possíveis furtos ocorridos, não existe policiamento específico para atendimento destes ônibus, provavelmente pelos números não representarem uma situação crítica.

Esclareceu o entrevistado, por fim, que a realização dos eventos COP8 e MOP3, em 2006, estimulou o desenvolvimento de programa específico de atendimento ao turista, em conjunto com a Guarda Municipal, para a capacitação de policiais militares, inclusive com o domínio línguas estrangeiras.

Outro entrevistado foi o Coronel Itamar do Santos, Secretário Municipal da Defesa Social, órgão da administração municipal de Curitiba que tem responsabilidade sobre a Guarda Municipal. O objetivo da entrevista foi compreender a postura deste órgão de segurança e sua política de atenção ao turista, bem como uma possível atuação integrada com o Instituto Municipal de Turismo.

Iniciou-se a entrevista com a discussão a respeito do disque Guarda Municipal (telefone 153), implementado pela Prefeitura Municipal de Curitiba, através da Secretaria Municipal da Defesa Social, com o objetivo ampliar ainda mais a segurança da população em situações de crimes em flagrante e emergências policiais, em âmbito municipal. E considerando que o serviço pode ser acionado 24 horas por dia, de qualquer telefone público, sem a necessidade de ficha ou cartão, se o mesmo também é divulgado para o turista que visita Curitiba. Sendo esclarecido que o atendimento através do telefone 153 é estendido a todas as pessoas que se encontram em Curitiba, turistas ou residentes, sendo a divulgação realizada através dos meios de comunicação, folders, nos diversos equipamentos públicos, ônibus, terminais viários, totens e nas viaturas da Guarda Municipal, contudo não é realizado trabalho diferenciado para a divulgação aos turistas que visitam Curitiba.

Abordou-se também o fato da excelente avaliação de Curitiba como pólo turístico e se Guarda Municipal desenvolve algum plano de trabalho para atendimento diferenciado ao turista, ou ainda, se existe algum programa de capacitação dos integrantes da Guarda Municipal neste sentido.

Foi esclarecido que no Curso de Formação Técnico Profissional para Guarda Municipal, o agente recebe conteúdos direcionados para o atendimento à população e em especial ao turista, com o conhecimento dos principais pontos turísticos e providências para o bom atendimento aos visitantes.

Quanto à aplicação do efetivo da guarda Municipal em pontos turísticos da cidade, o entrevistado esclarece que não existe uma seleção específica dos Guardas Municipais para atuação em pontos turísticos, porém em alguns locais estão escalados aqueles que possuem domínio de outros idiomas, para uma melhor comunicação e orientação de turistas estrangeiros.

Outro aspecto questionado, diz respeito aos cuidados com os usuários da “Linha Turismo”, por seu destaque como roteiro procurado pelo turista que visita Curitiba, sendo destacado pelo entrevistado que existem Guardas Municipais atuando na maioria dos pontos visitados pelos ônibus da “Linha Turismo” e nestes locais o agente realiza a proteção do patrimônio público, dentro dos limites legais de sua atuação, bem como, dos visitantes, que ali se encontram, dando orientações, quando solicitado e tomando providências dentro de sua competência profissional.

Contudo, não existem guardas municipais no interior dos ônibus da “Linha Turismo”, pois não estaria enquadrado dentro de sua atuação legal.

Quanto a qualificação do guarda municipal para atendimento ao turista, o agente além dos conteúdos recebidos no Curso de Formação Técnico Profissional – Guarda Municipal, também recebe treinamentos complementares, através do Instituto Municipal de Administração Pública e do Instituto Municipal do Turismo, especialmente os agentes que atuam na área central da cidade, bosques e parques. Ainda existe um convênio da Guarda Municipal com a Pontifícia Universidade Católica para a realização de curso de línguas estrangeiras (inglês e espanhol) para uma melhor capacitação dos guardas municipais.

Esclarece o entrevistado que a Guarda Municipal não possui dados específicos de atendimentos ao turista, bem como na estrutura da Secretaria Municipal da Defesa Social não há um setor específico de atendimento das demandas do turista que visita Curitiba e tem sua segurança ameaçada.

Finalizando, foi esclarecido que a Guarda Municipal dispõe de um grupo que realiza rondas em parques, praças e ciclovias da Cidade e considerando que estes locais são pontos turísticos, destacou-se que na atuação desta Ciclo-Patrolha, os agentes são orientados para o bom atendimento a toda a população e em especial ao turista, que normalmente solicita informações sobre o local e demais orientações sobre a Cidade.

A quarta e última entrevistada foi a senhora Adriane Vortolin, funcionária do setor de planejamento turístico, do Instituto Municipal de Turismo, da Prefeitura Municipal de Curitiba, buscando avaliar a importância do fator “segurança pública” no direcionamento das políticas municipais de expansão do turismo em Curitiba, bem como a existência de algum planejamento integrado entre órgãos municipais responsáveis pelo turismo e pela segurança pública em Curitiba ou ainda a exploração do diferencial de turístico de “cidade segura”.

Esclareceu a entrevistada que a satisfação do turista que visita Curitiba é a orientação de todos os trabalhos realizados pela equipe do Instituto. Isto levou a cidade a conquistar uma ótima posição como destino para viagens e turismo, contudo nunca se explorou o fator “segurança” como diferencial, pois se tratando de um destino consolidado como Curitiba, o entendimento é que a cidade ofereça a estrutura necessária ao visitante e a segurança, uma prioridade para a população, está embutida neste contexto.

Contudo, na opinião da entrevistada, a expectativa do turista ao visitar Curitiba em encontrar uma cidade inovadora e de soluções criativas para suas demandas urbanas e ambientais, inclui com certeza, a percepção de que Curitiba é uma cidade com qualidade de vida e isto inclui a segurança do residente, o que se estende ao turista também.

Reforça a entrevistada que Curitiba está colocada na quarta posição no ranking das Melhores Cidades do Brasil para Viagens e Turismo, segundo a revista Viagem e Turismo e para esta classificação foram avaliados diversos quesitos, entre os quais a segurança.

Assim, o Instituto Municipal do Turismo, desenvolve oficinas de sensibilização em atendimento e informações turísticas (Anexo F) aos integrantes da Guarda Municipal, em parceria com a Secretaria Municipal da Defesa Social, acreditando que o trabalho destes profissionais é fundamental para a consolidação da imagem de Curitiba como destino turístico de qualidade. Nestas oficinas, já foi qualificado 70% do efetivo da Guarda Municipal.

Contudo, o enfoque no aspecto “segurança”, quando abordado, acontece de maneira global, ou seja, não se dá destaque a segurança do turista, mas sim de todas as pessoas que estejam em ambientes que se caracterizam como atrativo turístico.

Finalizando a entrevista, discutiu-se sobre a importância da “Linha Turismo”, serviço de transporte público especializado oferecido pela Prefeitura Municipal àqueles que desejam conhecer os pontos turísticos de destaque em Curitiba. É uma alternativa utilizada por turistas que dispõem de tempo para visitar a cidade. O tema foi acompanhado de uma análise de crimes (furtos e roubos) ocorridos no interior destes coletivos, com reflexos danosos a imagem turística da cidade, diante da divulgação destes fatos pela imprensa.

Todos os entrevistados concordam que o papel do poder público, através de estruturas voltadas para o turismo e das polícias, bem como o empenho de associações, de entidades de classes, do setor privado, da comunidade residente e também dos turistas são fundamentais para se ter uma Curitiba mais segura de um modo geral, e especialmente no campo do turismo urbano.

Esta preocupação, segundo os entrevistados, terá seu primeiro passo preventivo no cuidado com a educação, pois assim será possível tornar a vida do residente mais segura com reflexos inevitáveis sobre o turista visitante.

Camargo (1998 *apud* Mendonça, 2002, p. 164), segue nesta mesma direção quando afirma que:

“[...] a verdadeira prevenção não consiste em apenas evitar que os bandidos cometam crimes, mas antes, que as crianças transformem-se em bandidos, única solução consistente para se evitar a exclusão anunciada”.

Diante do que se observou ao ouvir as percepções das mais diversas pessoas, este pesquisador acredita que mais trabalhos desta natureza precisam e devem ser realizados, pois a “possível” correlação entre turismo urbano e criminalidade, tema contemporâneo, precisa ser estudada com maior profundidade.

Nesta mesma direção, podemos aproveitar também as propostas levantadas por Catai e Rejowski (2005, p. 255), cuja pertinência merecem destaque, ou seja:

- “a) aprofundar os estudos teóricos que relacionam a criminalidade ao turismo, com ênfase no Brasil, e estudos comparativos com países do continente latino-americano;*
- b) desenvolver trabalhos que visem a coleta de dados estatísticos mais recentes;*
- c) elaborar estudos similares a este, tendo como foco outras cidades brasileiras;*
- d) relacionar tipos de crimes e origem do turista”.*

Portanto, se observa que há pessoas bastante interessadas neste tema, o que estimulou e estimula este pesquisador no trabalho realizado, bem como se apresenta como desafio para estudos futuros mais profundos.

Assim, seguimos para a apresentação das considerações finais desta obra, mas esclarecendo que elas não podem e nem pretendem esgotar a discussão que se mostra bastante frutífera.

Considerações finais

Caminhado em direção ao final desta dissertação, podemos concluir que este estudo teve como questão central à compreensão e análise de uma possível correlação entre turismo urbano e criminalidade em Curitiba, no período entre 2000 e 2005.

Baseado na análise dos dados e testemunhos disponíveis, concluímos que Curitiba é uma metrópole que apresenta um nível de criminalidade intermediário quando comparada com outras capitais brasileiras, porém tem sido observado um avanço do crime violento nos últimos anos.

Em função disso, esta dissertação constituiu-se num estudo da criminalidade abordando os aspectos sociais, econômicos e demográficos, e suas manifestações na organização do turismo urbano com o desejo de fornecer subsídios para a compreensão e, quem sabe, aprimorar o controle da criminalidade, intervindo positivamente nas suas causas, que são essencialmente sociais.

Para se elaborar este estudo, sob a perspectiva de correlação entre criminalidade e turismo urbano foi necessário trazer à discussão alguns recortes teóricos que serviram de suporte para a compreensão de uma abordagem interdisciplinar.

Reflexões teóricas fundamentaram esta investigação, procurando estabelecer um arcabouço robusto o suficiente para mostrar que a cidade de Curitiba, como a conhecemos, é resultado da ação do homem, e partindo desse pressuposto fez-se a análise de alguns indicadores sobre turismo urbano e criminalidade na cidade.

Para a análise do planejamento do espaço turístico urbano, partiu-se do princípio de que planejamento pressupõe não apenas se pensar cada elemento deste espaço isoladamente, como também

a articulação destes entre si e com o contexto onde estão inseridos. Buscou-se, ainda, identificar como os diferentes elementos deste espaço são trabalhados no planejamento turístico e no planejamento urbano.

No que se refere às limitações para realização desta pesquisa é possível ressaltar que a disponibilidade de dados sobre a criminalidade contra o turista em Curitiba é bastante escassa, pois não existe uma fonte de dados confiável o suficiente para se estabelecer correlações.

Buscando conhecer diversos pontos que não foram observadas nas fontes de dados disponíveis, foram entrevistados integrantes de órgãos correlatos com o objeto deste estudo, entre eles, um oficial do Comando do Policiamento da Capital da Polícia Militar, um representante da Secretaria Municipal da Defesa Social, uma pesquisadora do Setor de Estatística da Secretaria de Estado do Turismo e uma pesquisadora do planejamento turístico do Instituto Municipal do Turismo e ainda quarenta turistas.

Curitiba registra um constante aumento no número de visitantes e se consolida como um dos principais destinos turísticos do Brasil, pois em 2005 recebeu quase dois milhões de turistas, conforme estimativa da Secretaria de Estado do Turismo. Entre os anos de 2000 e 2005 o número de turistas que visitaram Curitiba quase dobrou, de 1.053.939 para 1.986.150.

Tudo decorrente de fatores tão diversos como a construção de parques e novos equipamentos urbanos, que se tornaram atrativos turísticos, ou da instalação de um parque industrial automotivo em sua Região Metropolitana, ou ainda da sua consagração como centro de negócios e eventos.

Por outro lado, a criminalidade deu um salto também significativo em todas as modalidades de crime, furtos (simples e qualificados) e roubos no ano de 2000, foram 27.992, e no ano de 2005, foram 43.507. Uma assustadora evolução de quase 56%.

Como destacado anteriormente, estes dados também podem sofrer alterações com a realidade, pois muitas vítimas não comunicam a ocorrência de crimes, muitas vezes por não acreditarem na eficiência policial na elucidação do crime e a respectiva penalização do culpado.

Outro dado interessantes diz respeito a satisfação do turista pesquisado no Estudo de Demanda Turística, que apresenta a segurança pública com os mais baixos índices aferidos pelo visitante em Curitiba, sendo possível supor que a deficiência neste campo é um importante fator que pode impedir o crescimento do turismo em Curitiba.

Por outro lado, como se observa um crescimento anual no número de turistas que visitam Curitiba, e de acordo com os dados apresentados anteriormente, verificou-se que “violência e criminalidade” não tiveram uma correlação direta com demanda turística, ou seja, não foram fatores determinantes, únicos e exclusivos para o aumento ou queda do número de turistas na cidade de Curitiba.

Portanto, foi observado que não há uma relação direta entre violência, criminalidade e a demanda turística em Curitiba, comprovando que as variações de aumentos nos índices de violência, não foram determinantes para as variações ocupacionais de turistas, e vice-versa.

Lembremos que o turismo requer um lugar para os sonhos se realizarem, as pessoas esperam ser bem recebidas e querem desfrutar de passeios tranquilos, sem correrem o risco de serem assaltadas a qualquer momento.

Assim, é importante reforçar que todos os perigos a que o cidadão residente está exposto são compartilhados também pelo visitante, que leva consigo uma imagem positiva ou negativa considerando o tratamento que recebe das autoridades ao protegê-lo ou ao atendê-lo em caso de ser vítima de um crime.

De fato, em virtude do surto de violência que invade espaços turísticos ao redor do mundo, os turistas têm procurado territórios mais pacíficos e menos sujeitos à insegurança. Daí a influência da violência no turismo, especialmente o urbano, que pode evidentemente provocar queda na demanda pela procura de determinada cidade.

Todavia, apesar do grande potencial, nota-se que a atividade turística em Curitiba convive ainda com uma série de carências e problemas de ordem estrutural e conjuntural e para solucioná-los é

necessário desenvolver programas e projetos responsáveis e sustentáveis sob o prisma do combate à criminalidade e à violência.

Sem conhecimento adequado sobre as particularidades das dinâmicas criminais, não haverá um diagnóstico acurado capaz de mapear as demandas do turismo urbano, de identificar prioridades, de orientar a alocação de recursos e de definir metas adequadas e realistas que produzam os resultados desejados.

Diante do exposto, pode-se supor que Curitiba poderia explorar a imagem de cidade segura em sua identidade turística e fixar esta característica diferencial como fator importante para influenciar o processo de decisão dos turistas na escolha da cidade como seu destino. Portanto pode ser preciso e conveniente trabalhar, em Curitiba, a imagem de turismo com segurança.

Pois, mesmo o turista mais interessado, ao se deparar com uma lista enorme de precauções, desde andar sem bolsa e nunca caminhar desacompanhado até, em hipótese alguma, circular depois de um determinado horário, acaba desistindo e procurando um lugar que ofereça mais segurança. Portanto, nenhum ponto turístico, sem uma minuciosa atenção à segurança, conseguirá promover-se.

Alguns fatores poderiam auxiliar nesta caminhada:

Primeiro – A adoção de linha telefônica para atendimento de emergência ao turista, devendo ser atendida por profissionais que dominem idiomas estrangeiros, com atendimento 24 horas e de utilização gratuita, se possível, que seja um número padronizado em todo o país para facilitar a memorização;

Segundo – Curitiba é uma cidade de particularidades, portanto deve ser explorada sua imagem de “cidade inovadora”, de “cidade que deu certo” ou “cidade da qualidade de vida”, pois qualidade de vida também é segurança;

Terceiro – Diante do grande número de turistas que está de passagem pela capital paranaense é possível dizer que Curitiba continua sendo um lugar de passagem e um ponto de parada no caminho entre

norte e sul, como no tempo dos “tropeiros”, tendência que precisa ser revertida, pois é consenso que Curitiba é uma cidade que agrada, mas não empolga;

Quarto – Intensificar a aplicação do policiamento ostensivo por parte da Polícia Militar, bem como o posicionamento dos agentes da Guarda Municipal, próximos aos principais pontos de visitação permitindo que o turista possa avaliar o que vê;

Quinto – Estabelecer um sistema diferenciado no policiamento nos ônibus da “Linha Turismo”, pois seguidos crimes contra turistas embarcados, estimula uma sensação de insegurança e a presença preventiva apresentaria retorno positivo;

Sexto – Ampliar a rede de segurança em pontos turísticos cuja atração também está na visitação noturna (rua 24 horas e rua XV de novembro, por exemplo);

Sétimo – Disponibilizar informações quanto aos procedimentos de segurança a serem adotados pelos turistas, descrevendo locais perigosos para a circulação; e

Oitavo – Estimular o aprendizado de uma segunda língua por parte de policiais, preferencialmente o inglês, diante da barreira que isto representa para uma melhor prestação do serviço para o turista estrangeiro, bem como, capacitar os agentes de segurança como estratégia básica de ação.

Este trabalho tentou discutir diversas questões sobre a insegurança pública e a necessidade de buscar soluções para sua influência sobre o turismo urbano com a certeza de que o turismo urbano em Curitiba não ficará mais seguro com medidas isoladas.

Por mais que tenha comentado as questões consideradas essenciais para a discussão do tema proposto, muitas delas continuam abertas. Deste modo, acredita-se que esta pesquisa é uma contribuição que pode ser analisada, criticada e superada.

Referências

- BANDUCCI JR, A. Turismo e antropologia no Brasil: Estudo preliminar. In: BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001. p. 21-47.
- BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.
- BEATO FILHO, C. C.; REIS I. K. **Desigualdade, desenvolvimento sócio-econômico e crime**. Minas Gerais: UFMG, 1999.
- BENEVIDES, I. P.; GARCIA, F. E. S. Imagens urbanas depuradas pelo Turismo. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo, Modernidade, Globalização**. 2ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2000. p. 66-79.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 2ª Ed. São Paulo: SENAC, 1998.
- CAMARGO, J. P. **Por uma educação turística: um conceito em construção**. Dissertação de Mestrado. Ponta Grossa: UEPG, 2005.
- CASTRO, C. A natureza turística do Rio de Janeiro. In: BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001. p. 117-126.
- CATAI, H.; REJOWSKI, M. Criminalidade e Turismo em São Paulo, Brasil: a violência registrada junto aos turistas estrangeiros. **Turismo em Análise**. v. 16, nº 02, novembro de 2005. p. 244-256.
- CAVALCANTI, L. S. (Org.): **Geografia da cidade**. Goiânia: Alternativa, 2001.
- CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- CLAVAL, P. A Revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Tradução Nathalie Dessartre – Mendonça. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 11-43.
- COLODORO, I.; VEGA, C. Especial Cidades 2006. **Revista América Econômica**. nº 12, 19 de maio de 2006.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. A sedução do turismo ao turismo de sedução. In: Rodrigues, A. B. **Turismo, Modernidade, Globalização**. 2º ed. São Paulo: HUCITEC, 2000. p. 119-135.
- CRUZ, R. C. A. O turismo no espaço – espaço no turismo: Reflexões acerca da participação do turismo na produção do espaço urbano brasileiro. **RA'E GA. O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba: Editora UFPR, nº 2, ano II, 1998. p. 31-41.

_____. **Introdução à geografia do turismo**. 2ª ed. São Paulo: ROCA, 2003.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Curitiba é eleita a 4ª melhor cidade para viagens e turismo**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Noticia.aspx?n=7546>>. Acesso em 05 de dezembro de 2006a.

_____. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br>>. Acesso em 08 de abril de 2006b.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4ª ed. São Paulo: Futura, 2000.

FELIX, S. A. **Geografia do crime: Análise da bibliografia da criminalidade numa perspectiva espacial**. Dissertação de Mestrado. Rio Claro: UNESP, 1989.

_____. Geografia do crime. **Revista de Geografia**, v. 13. São Paulo: UNESP, 1996. p. 145-166.

_____. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília: UNESP, 2002.

_____. **Geografia do Crime de Marília / SP: Aspectos da violência e criminalidade em uma cidade média brasileira**. In: Maria Celiá García. (Org.). ciudades Intermedias, problemas de su estructura y funciones, Conflictos ambientales y Sociales en los años 2000. 1ª ed. Tandil: REUN - Red de Ediciones de Universidades Nacionales, 2005, v. 01, p. 105-107.

FIRKOWSKI, O. L. C. F. Internacionalização e novos conteúdos de Curitiba. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. nº 107, jul/dez. Curitiba: IPARDES, 2004. p. 93-107.

GÂNDARA, J. M. G. **La imagen de calidad ambiental urbana como recurso turístico: el caso de Curitiba, Brasil**. Tesis doctoral. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 2001

GEIGER, P.P. Turismo e espacialidade. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.) **Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 55-61.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. **TURISMO – Princípios, práticas e filosofias**. 8ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOLDBERG, S. **O alarmante custo da violência**. Disponível em <<http://www.terra.com.br/dinheironaweb/139/entrevista>>. Acesso em: 14 de agosto de 2006.

GOMES, L.; SILVA, M. A Capital de País viável. **Revista Veja**, São Paulo. nº 1281 p. 68, 1996.

GONÇALVES, F. R. **Geografia e Turismo: um caminhar circunstancial**. Anais do II Simpósio Regional de Geografia “PERSPECTIVAS PARA O CERRADO NO SÉCULO XXI”. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia. 26 a 29 de novembro de 2003.

GUIDUGLI, O. S. Crime urbano e Geografia aplicada. **Geografia**, 10 (19), 1985. p. 231-234.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2006/estimativa.shtm?c=1>>. Acesso em: 14 de agosto de 2006.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Curitiba em dados 2004**. Curitiba: IPPUC, 2004.

_____. **Pesquisa Estatística do Turismo**. Disponível em <<http://www.ippuc.org>>. Acesso em: 15 de agosto de 2006.

ISER – Instituto de Estudos da Religião. **Informação para Tomada de Decisão: Indicadores da Violência e Acidentes no Rio de Janeiro**. Disponível em <http://www.iser.org.br>. Acesso em: 15 de agosto de 2005.

KHAN, T. Os custos da violência: quanto se gasta ou deixa de ganhar por causa do crime no Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, vol. 13, nº 04, 1999. p. 42-48.

KLENK, L. **URBS estuda mudanças no sistema de cobrança de passagens nas jardineiras**. Disponível em <<http://www.cbncuritiba.com.br>>. Acesso em: 21 de setembro de 2006.

KNAFOU, R. Turismo e território – por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 62-74.

LAGE, B. H. G; MILONE, P. C. **Turismo – teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LOPES, T. Rotas nacionais: Fragmentando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto. In: BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001. p. 65-88.

MENDONÇA, F. A. **Geografia e meio ambiente**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Clima e Criminalidade**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

MENEZES, C. L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente: a experiência de Curitiba**. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

OLAVO, J. **Seis hotéis são assaltados em dois dias**. Disponível em <<http://canais.ondarpc.com.br/noticias/parana/conteudo.php?id=598020>>. Acesso em: de 21 de setembro de 2006.

OLIVEN, R. G. A violência como mecanismo de dominação e como estratégia de sobrevivência. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: IUPERJ, v. 23, nº 03, 1980. p. 371-376.

OMT – Organización Mundial del Turismo. **Seguridad en Turismo: Medidas prácticas para los destinos**. Madrid: OMT, 1997.

OPPERMANN M.; CHON K. S. **Tourism in developing countries**. Boston: International Thomson Business Press, 1997.

PAIXÃO, D. L. D. **La empleabilidad de los recursos humanos como factor estratégico para las empresas turísticas: El caso de la hotelería en Curitiba – Brasil**. Tesis Doctoral. Málaga: Universidad de Málaga, 2005.

PARANÁ TURISMO. **Estudo da Demanda Turística – Curitiba**. Curitiba: Secretaria de Estado do Turismo, 2001.

_____. **Estudo da Demanda Turística – Curitiba**. Curitiba: Secretaria de Estado do Turismo, 2003.

_____. **Estatísticas do Turismo no Paraná**. Disponível em <<http://www.pr.gov.br/turismo>>. Acesso em: 15 de agosto de 2006a.

_____. **Estudo da Demanda Turística – Curitiba**. Curitiba: Secretaria de Estado do Turismo, 2006b.

PASSOS, J. M. **Alerta contra o Brasil**. Disponível em <<http://www.clipping.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 13 de agosto de 2006.

PETROCCHI, M. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

PINTO, G. J. Planejamento estratégico e city marketing: A nova face das cidades no final do século XX. **Caminhos da Geografia**. Uberlândia: UFU. 2001. p. 18-22

PONIWASS, L. **Ladrões assaltam 30 pessoas em ônibus da Linha Turismo**. Disponível em <<http://canais.ondarpc.com.br/gazetadopovo/parana/conteudo.php?id=586655>>. Acesso em: 29 de julho de 2006.

PORTAL G1. **Brasil é 59º destino mais atraente para o turismo**. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MU18150-5599,00.html>>. Acesso em: 27 de março de 2007.

QUEIROZ, I. S. A cidade sitiada: da violência consentida ao medo com sentido. In: Pontuschka, N. N.; Oliveira, A. U. (Orgs.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 97-106.

RAPOSO, A.; CAPELLA, M.; SANTOS, C. C. **Turismo no Brasil: um guia para um guia**. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.

RIBEIRO, R. M. **Planejamento Urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba em Curitiba – PR**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2005.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Espaço – Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. (org.) **Turismo, Modernidade, Globalização**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.

_____. (org.) **Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.

RODRIGUES, A. M. Geografia e violência urbana. In: Pontuschka, N. N.; Oliveira, A. U. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 77-96.

RUSCHMANN, D. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1999.

SÁNCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada do Século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, nº 16. Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 31-49.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SCHERER, R.; GROSTEIN, M. D. A recuperação da história da intervenção pública do urbano como instrumento de planejamento: o exemplo do município de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal**. nº 196, São Paulo: DCR, 1984. p. 46-53.

SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Fórum para o turismo sustentável no Paraná. **Os números do Turismo no Mundo, no Brasil e no Paraná**. Curitiba: SEBRAE, 2002.

_____. Fórum para o turismo sustentável no Paraná. **Os números do Turismo no Mundo, no Brasil e no Paraná**. Curitiba: SEBRAE, 2003.

_____. Fórum para o turismo sustentável no Paraná. **Os números do Turismo no Mundo, no Brasil e no Paraná**. Curitiba: SEBRAE, 2004.

SILVA, Y. F. Pobreza, violência e crimes – Conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social. In: BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001. p. 175-193.

SILVEIRA, M. A. T. Políticas de desenvolvimento e sustentabilidade: Possibilidades e perspectivas com base no turismo. **RA'E GA. O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba: Editora UFPR, nº 2, ano II, 1998a. p. 43-65.

_____. Turismo e Espaço Urbano: Uma abordagem de Curitiba. **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: Editora FUNECE, 1998b. p. 60-81.

_____. **Turismo, Políticas de Ordenamento Territorial e Desenvolvimento – Um foco no Estado do Paraná no contexto regional**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2002.

SIVIERO, A. P. **Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: Uma análise da área central de Curitiba – PR**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2005.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPÓSITO, E. S. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1994.

TEIXEIRA, I. Qual o verdadeiro custo da violência? **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, dezembro de 1994. p. 88-90.

_____. A violência está matando o turismo no Brasil. **Conjuntura Econômica**. Rio de Janeiro, v. 51, nº 11, novembro de 1997. p. 32-34.

TRIGUEIRO, C. M. **Marketing e turismo: como planejar e administrar o marketing turístico para uma localidade**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

TRINDADE, E. M. C. A. *et al.* **Cidade, homem e natureza: uma história de políticas ambientais de Curitiba**. Curitiba: Unilivre, 1997.

TYLER, D.; GUERRIER, Y.; ROBERTSON, M. (Orgs.). **Gestão do Turismo Municipal: Teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos**. 2ª ed. Tradução Gleice Regina Guerra. São Paulo: Futura, 2003.

ULTRAMARI, C.; MOURA, R. (Orgs.). **Metrópole – Grande Curitiba: teoria e prática**. Curitiba: IPARDES, 1994.

VERNAY, H. B. **Segurança: Atributo fundamental do produto turístico**. Curitiba: FESP, 2000.

VIÉGAS, F. **Violência e crime**. Disponível em <<http://www.analisefinanceira.com.br/artigos/economiadocrime.htm>>. Acesso em: 18 de junho de 2005.

WTO. World Tourism Organization. **Another record year for world tourism**. Disponível em <<http://www.world-tourism.org>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2007.

YÁZIGI, E. **Civilização Urbana, planejamento e turismo**. São Paulo: Contexto, 2003.

Anexos

Anexo A – Plano Agache, inserido no contexto atual da cidade de Curitiba (página 68)

Anexo B – Formulário de pesquisa do Estudo da Demanda Turística / 2006 (página 95)

Anexo C – Coleta de dados pela SENASP (2001, 2002 e 2003) (página 107)

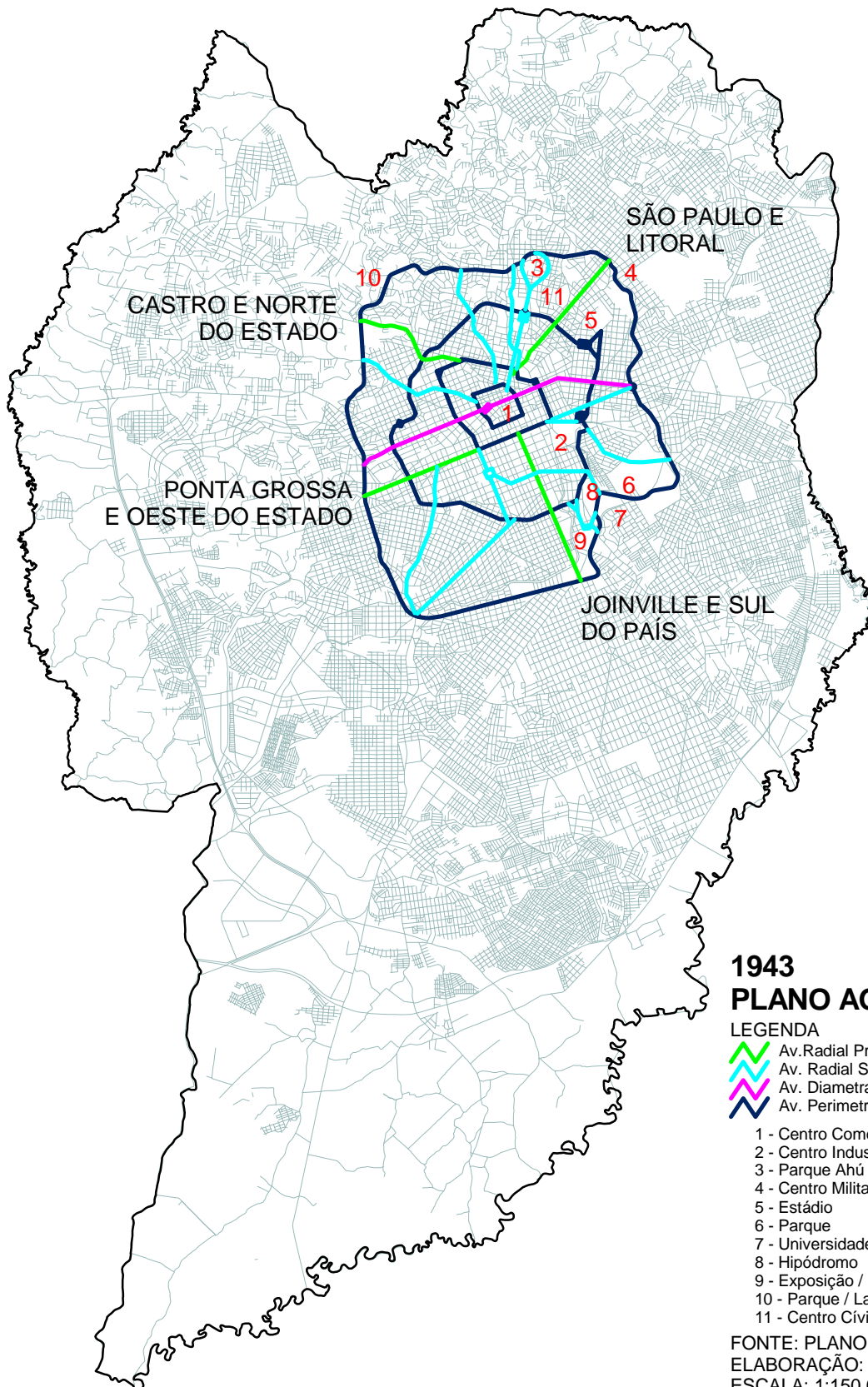
Anexo D – Cartilha de divulgação do Serviço de Atendimento ao Turista (página 110)

Anexo E – Questionário de coleta qualitativa de dados (página 118)

Anexo F – Apostila da Oficina de Sensibilização em Atendimento ao Turista (página 129)


Anexo A

Plano Agache, inserido no contexto atual da cidade de Curitiba



1943 PLANO AGACHE

LEGENDA

-  Av. Radial Principal
-  Av. Radial Secundária
-  Av. Diagonal
-  Av. Perimetral

- 1 - Centro Comercial
- 2 - Centro Industrial
- 3 - Parque Ahú
- 4 - Centro Militar
- 5 - Estádio
- 6 - Parque
- 7 - Universidade
- 8 - Hipódromo
- 9 - Exposição / Feira
- 10 - Parque / Lagoa
- 11 - Centro Cívico

FONTE: PLANO AGACHE 1943

ELABORAÇÃO: AGO/2001

ESCALA: 1:150.000

1000 0 1000 2000 3000 Metros



IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA
SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES

Rua Bom Jesus, 669 - Cabral - Curitiba - Paraná - Brasil - CEP 80.035-010 - Fone: (55 41) 3250-1414 - Fax: (55 41) 3254-8661 - E_mail: geo@ippuc.org.br

CE

Anexo B

Formulário de pesquisa do Estudo da Demanda Turística / 2006

Governo do Estado do Paraná/Secretaria de Estado do Turismo-SETU
Instituto Municipal de Turismo/CURITIBA TURISMO

ESTUDO DA DEMANDA TURÍSTICA / PESQUISA SOBRE TURISMO RECEPTIVO		Turno: M <input type="checkbox"/> T <input type="checkbox"/> N <input type="checkbox"/>
ENTREVISTADOR:	DATA:	LOCAL DA ENTREVISTA:
1. Qual a sua residência permanente?	1	13. Qualifique a infra-estrutura desta cidade.
1. Cidade _____		Ruim Regular Bom
2. Estado _____		1. Atendimento médico-hospitalar <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
3. País _____		2. Limpeza pública <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
2. Pernoitou na cidade?	2	3. Segurança pública <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
1. Sim _____ Número de pernites _____		4. Serviços de táxi <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
2. Não _____ Quantas horas _____		5. Sinalização turística <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
3. Sexo do entrevistado?	3	6. Sinalização urbana <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
1. Masculino _____ 2. Feminino _____		7. Vias urbanas <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
4. Qual sua idade?	4	8. Telefonia <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
1. Menor de 18 <input type="checkbox"/> 5. 35 a 49 <input type="checkbox"/>		9. Transporte coletivo <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
2. 18 ou 19 <input type="checkbox"/> 6. 50 a 64 <input type="checkbox"/>		10. Atendimento no aeroporto/rodoviária <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
3. 20 a 24 <input type="checkbox"/> 7. Mais de 65 <input type="checkbox"/>		11. Comércio <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
4. 25 a 34 <input type="checkbox"/>		12. Restaurantes <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
5. Qual o principal motivo que o trouxe a esta cidade?	5	13. Serviço das agências de turismo <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
1. Negócios <input type="checkbox"/>		14. Serviço de informações turísticas <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
2. Parente/Amigos <input type="checkbox"/>		15. Vias públicas <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
3. Compras <input type="checkbox"/>		14. Qual foi, aproximadamente, seu gasto nesta cidade?
4. Tratamento de Saúde <input type="checkbox"/>		1. Total \$ _____
5. Eventos / Acontecimentos Programados <input type="checkbox"/>		2. Hospedagem \$ _____
6. Lazer <input type="checkbox"/>		3. Evento \$ _____
7. Outro (especifique) _____		4. Compras \$ _____
6. Esta é a 1ª vez que visita Curitiba?	6	5. Lazer \$ _____
1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/>		6. Alimentação \$ _____
Se não, quantas vezes nos últimos 3 anos? _____		7. Combustível \$ _____
7. Qual o meio de hospedagem utilizado nesta cidade?	7	Moeda: _____
1. Hotel - Nome: _____		15. Quantas pessoas estão incluídas neste gasto?
2. Hospedaria / Pensão <input type="checkbox"/>		_____ pessoas
3. Imóvel Locado <input type="checkbox"/>		16. Qual sua ocupação principal?
4. Casa de Parentes / Amigos <input type="checkbox"/>		_____
5. Casa Própria <input type="checkbox"/>		17. Qual sua renda bruta mensal?
6. Outro (especifique) _____		1. Individual \$ _____
Qualifique: Ruim <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/>		2. Familiar \$ _____
8. Sua viagem foi organizada por agência de turismo?	8	Moeda _____
1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/>		18. Visitou atrativos turísticos de Curitiba e região nesta Viagem?
9. Forma de viajar - quantas pessoas incluindo você?	9	1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/> Cite e Qualifique: Ruim Regular Bom
1. Só <input type="checkbox"/>		_____
2. Em grupo _____		_____
3. Com família _____		_____
4. Em excursão _____		_____
10. Como você define a cidade?	10	_____
1. Cidade ecológica <input type="checkbox"/>		_____
2. Cidade com qualidade de vida <input type="checkbox"/>		_____
3. Cidade cultural <input type="checkbox"/>		_____
4. Cidade universitária <input type="checkbox"/>		_____
5. Cidade turística <input type="checkbox"/>		_____
6. Outra (especifique) _____		19. Já ouviu falar no atrativo UNILIVRE?
11. Avalie a qualidade ambiental da cidade (Ruim Regular Bom)	11	1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/> 3. Talvez <input type="checkbox"/>
1. Áreas verdes <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>		Visitou nos últimos 3 anos?
2. Conservação dos edifícios em geral <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>		1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/> 3. Não lembra <input type="checkbox"/>
3. Poluição do ar <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>		LER TEXTO EXPLICATIVO E MOSTRAR FOTO DO BONDE
4. Poluição Sonora <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>		20. Efetuaria o passeio?
5. Qualidade de vida <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>		1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/> 3. Talvez <input type="checkbox"/>
6. Tráfego <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>		21. Estaria disposto a pagar por este passeio?
12. Qual o meio de transporte utilizado	12	1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não <input type="checkbox"/> 3. Talvez <input type="checkbox"/>
1. Avião <input type="checkbox"/> 3. Automóvel <input type="checkbox"/>		Se sim, quanto?
2. Ônibus <input type="checkbox"/> 4. Utilitário/Van <input type="checkbox"/>		1. de 1,00 a 3,00 <input type="checkbox"/> 4. de 10,00 a 15,00 <input type="checkbox"/>
5. Outro (especifique) _____		2. de 4,00 a 6,00 <input type="checkbox"/> 5. \$ _____
		3. de 7,00 a 10,00 <input type="checkbox"/>
		22. Sugestões (escrever no verso)

Elaborado por: Gilce Zelinda Battistuzzi/Estatística-2007

Anexo C

Coleta de dados pela SENASP (2001, 2002 e 2003)

Tabela 01 – Homicídios dolosos em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Homicídio Doloso, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital.

Brasil - Capital / 2001.

Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Homicídio Doloso na Capital (%) ⁽²⁾
	População	Total de Ocorrências de Homicídios Dolosos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽¹⁾		População	Total de Ocorrências de Homicídios Dolosos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽¹⁾		
Brasil	172.385.776	39.942	23,2	Brasil	39.134.966	14.229	36,8	22,7%	38,0%
Região Norte	13.245.016	2.650	20,0	Região Norte	4.015.253	1.111	27,7	30,3%	41,9%
Roraima	1.407.878	594	42,2	Porto Velho	342.261	201	58,7	24,3%	33,8%
Acre	574.366	146	25,4	Rio Branco	281.432	110	42,1	45,5%	75,3%
Amazonas	2.900.218	410	14,1	Manaus	1.451.958	316	21,8	50,1%	77,1%
Roraima	337.253	72	21,3	Bom Vista	208.512	49	23,5	61,8%	68,1%
Pará	6.341.711	1.066	16,8	Belém	1.304.311	318	24,4	20,6%	29,8%
Amapá	498.735	151	30,3	Macapá	295.897	89	30,1	59,3%	58,9%
Tocantins	1.184.855	211	17,8	Palmas	150.882	28	18,6	12,7%	13,3%
Região Nordeste	48.331.118	9.480	19,6	Região Nordeste	10.339.836	3.730	36,1	21,4%	39,3%
Maranhão	5.730.432	523	9,1	São Luís	889.130	178	19,8	15,5%	33,7%
Piauí	2.872.983	177	6,2	Teresina	728.882	125	17,1	25,4%	70,6%
Ceará	7.547.684	1.296	17,2	Fortaleza	2.183.609	521	23,9	28,9%	40,2%
Rio Grande do Norte	2.815.203	260	9,2	Natal	722.143	75	10,4	25,7%	28,8%
Paraíba	3.488.534	590	17,0	João Pessoa	607.440	182	30,0	17,5%	30,8%
Pernambuco	8.008.255	2.626	32,8	Recife	1.437.189	1.131	78,7	17,9%	43,1%
Alagoas	2.856.583	1.041	36,4	Maceió	817.447	586	72,9	28,6%	57,3%
Sergipe	1.817.318	528	29,1	Aracaju	468.296	203	43,3	25,8%	38,4%
Bahia	13.214.148	2.439	18,5	Salvador	2.485.699	721	29,0	18,8%	29,6%
Região Sudeste	73.470.738	21.831	29,7	Região Sudeste	18.951.496	8.233	43,4	25,8%	37,7%
Minas Gerais ⁽³⁾	18.127.024	2.134	11,8	Belo Horizonte	2.258.856	681	30,1	12,5%	31,9%
Espírito Santo	3.195.048	1.597	50,8	Vitória	296.010	186	62,8	9,4%	11,6%
Rio de Janeiro	14.558.561	5.625	38,6	Rio de Janeiro	5.897.487	2.192	37,2	40,5%	39,0%
São Paulo	37.630.105	12.475	33,2	São Paulo	10.499.133	5.174	49,3	27,9%	41,5%
Região Sul	25.483.492	3.470	13,6	Região Sul	3.345.831	741	22,1	13,1%	21,4%
Paraná	9.694.769	1.941	20,0	Curitiba	1.620.221	442	27,3	16,7%	22,8%
Santa Catarina	5.449.702	268	4,9	Florianópolis	352.389	47	13,3	6,5%	17,5%
Rio Grande do Sul	10.310.021	1.261	12,2	Porto Alegre	1.373.312	252	18,3	13,3%	20,0%
Região Centro-Oeste	11.885.412	2.511	21,1	Região Centro-Oeste	2.482.461	414	20,8	20,9%	20,7%
Mato Grosso do Sul	2.111.030	560	26,5	Campo Grande	679.263	194	28,6	32,2%	34,6%
Mato Grosso	2.560.537	507	19,8	Cuiabá ⁽⁴⁾	492.891	19,2%	...
Goiás	5.116.395	904	17,7	Goiânia	1.111.823	198	17,8	21,7%	21,9%
Distrito Federal	2.097.450	540	25,7	Brasília	198.864	22	11,1	9,5%	4,1%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise de Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Database, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários. Nos casos específicos das taxas por 100 mil hab. para o Brasil e para a Região Centro-Oeste foi desconsiderada a população de Cuiabá (MT), já que não possuíamos o número de crimes nesta cidade.

2 - Nos casos específicos do Brasil e da Região Centro-Oeste, para o cálculo dos percentuais de registros ocorridos nas capitais em relação às Unidades da Federação, não foi considerado o total de ocorrências registradas no estado do Mato Grosso, já que não possuíamos o número de crimes na capital.

3 - A Secretaria de Minas Gerais informou dados de Homicídios. Não diferenciando Culpados e Dolosos.

4 - A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 14/03/2005

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 02 – Homicídios dolosos em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Homicídio Doloso, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital.

Brasil - Capital / 2002.

Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Homicídio Doloso na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Homicídios Dolosos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽¹⁾		População	Total de Ocorrências de Homicídios Dolosos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽¹⁾		
<i>Brasil</i>	174.632.932	41.083	23,5	<i>Brasil</i>	39.636.621	13.918	35,1	22,7%	33,9%
<i>Região Norte</i>	13.504.612	2.689	19,9	<i>Região Norte</i>	4.109.330	1.033	25,1	30,4%	38,4%
Rondônia	1.431.776	575	40,2	Porto Velho	347.843	180	51,7	24,3%	31,3%
Acre	586.946	180	30,7	Rio Branco	267.741	111	41,5	46,6%	61,7%
Amazonas	2.981.804	398	13,4	Manaus	1.488.805	357	24,0	50,3%	89,7%
Roraima	346.866	42	12,1	Boa Vista	214.541	35	16,3	61,9%	83,3%
Pará	6.453.699	1.187	18,4	Belém	1.322.682	231	17,5	20,5%	19,5%
Amapá	516.514	149	28,8	Macapá	306.580	90	29,4	59,4%	60,4%
Tocantins	1.207.008	158	13,1	Palmas	161.138	29	18,0	13,4%	18,4%
<i>Região Nordeste</i>	48.846.219	9.844	20,2	<i>Região Nordeste</i>	10.496.864	3.500	33,3	21,5%	35,6%
Maranhão	5.803.283	806	13,9	São Luís	906.567	137	15,1	15,6%	17,0%
Piauí ⁽²⁾	2.998.191	158	5,5	Teresina	740.016	151	20,4	25,5%	95,6%
Ceará	7.654.540	1.269	16,6	Fortaleza	2.219.836	426	19,2	29,0%	33,6%
Rio Grande do Norte	2.852.800	238	8,3	Natal	734.503	91	12,4	25,7%	38,2%
Paraíba	3.494.965	675	19,3	João Pessoa	619.051	217	35,1	17,7%	32,1%
Pernambuco	8.084.722	2.506	31,0	Recife	1.449.136	856	59,1	17,9%	34,2%
Alagoas	2.887.526	1.060	36,7	Maceió	833.260	582	69,8	28,9%	54,9%
Sergipe	1.946.042	600	32,5	Araçuaí	473.990	203	42,8	25,7%	33,8%
Bahia	13.323.150	2.532	19,0	Salvador	2.520.505	837	33,2	18,9%	33,1%
<i>Região Sudeste</i>	74.447.443	22.524	30,3	<i>Região Sudeste</i>	19.121.137	8.056	42,1	25,7%	35,6%
Minas Gerais ⁽³⁾	18.343.518	2.647	14,4	Belo Horizonte	2.284.469	834	36,5	12,5%	31,5%
Espírito Santo	3.201.712	1.763	55,1	Vitória	299.358	164	54,8	9,3%	9,3%
Rio de Janeiro	14.724.479	6.270	42,6	Rio de Janeiro	5.937.251	2.427	40,9	40,3%	38,7%
São Paulo	38.177.734	11.844	31,0	São Paulo	10.600.099	4.631	43,7	27,8%	39,1%
<i>Região Sul</i>	25.734.111	3.306	12,8	<i>Região Sul</i>	3.388.656	810	23,9	13,2%	24,5%
Paraná	9.797.965	1.622	16,6	Curitiba	1.644.599	487	30,2	16,8%	30,6%
Santa Catarina	5.527.718	381	6,9	Florianópolis	360.603	63	17,5	6,5%	16,5%
Rio Grande do Sul	10.408.428	1.303	12,5	Porto Alegre	1.383.454	250	18,1	13,3%	19,2%
<i>Região Centro-Oeste</i>	12.101.547	2.720	22,5	<i>Região Centro-Oeste</i>	2.520.634	519	20,6	20,8%	19,1%
Mato Grosso do Sul	2.140.620	604	28,2	Campo Grande ⁽⁴⁾	692.546	32,4%	...
Mato Grosso	2.804.723	597	22,9	Cuiabá	500.290	228	45,6	19,2%	38,2%
Goiás	5.210.366	1.022	19,6	Goiânia	1.129.274	280	24,8	21,7%	27,4%
Distrito Federal	2.145.838	497	23,2	Brasília ⁽⁵⁾	198.524	11	5,5	9,3%	2,2%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/Secretarias Estaduais de Segurança Pública/Departamento de Pesquisa, Análise de Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Censagem Populacional e Censimento de Mortalidade, a partir de dados populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensoitários.

2 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002.

3 - As Secretarias de Minas Gerais informou dados de Homicídios. Não diferenciando Culposo e Doloso.

4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1998 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 03 – Homicídios dolosos em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Homicídio Doloso, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital.									
Brasil - Capital / 2003.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Homicídio Doloso na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Homicídios Dolosos	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		População	Total de Ocorrências de Homicídios Dolosos	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		
Brasil	176.876.251	40.630	23,0	Brasil	40.114.051	13.684	34,1	22,7%	33,7%
Região Norte	13.784.895	2.547	18,5	Região Norte	4.209.029	998	23,7	30,5%	39,2%
Roraima	1.455.914	502	34,5	Porto Velho	353.965	142	40,1	24,3%	28,3%
Acre	600.607	151	25,1	Rio Branco	274.556	95	34,6	45,7%	62,9%
Amazonas	3.031.079	444	14,6	Manaus	1.527.314	407	26,6	50,4%	91,7%
Poraima	357.296	26	7,3	Boa Vista	221.029	22	10,0	61,9%	84,6%
Pará	6.574.930	1.129	17,2	Belém	1.342.201	213	15,9	20,4%	18,9%
Amapá	534.821	169	31,6	Macapá	317.787	96	30,2	59,4%	56,8%
Tocantins	1.230.198	126	10,2	Palmas	172.177	23	13,4	14,0%	18,3%
Região Nordeste	49.357.119	10.121	20,5	Região Nordeste	10.652.105	3.409	32,0	21,6%	33,7%
Maranhão	5.873.646	920	15,7	São Luís	923.527	200	21,7	15,7%	21,7%
Piauí ²	2.923.695	179	6,1	Teresina	751.463	168	22,4	25,7%	93,9%
Ceará	7.758.437	1.344	17,3	Fortaleza	2.256.235	457	20,3	29,1%	34,0%
Pernambuco	8.161.828	2.388	29,3	Natal	744.794	102	13,7	25,8%	36,6%
Alagoas	2.917.678	1.024	35,1	João Pessoa	628.837	255	40,6	17,9%	36,0%
Sergipe	1.874.597	508	27,1	Recife	1.461.318	676	46,3	17,9%	28,3%
Bahia	13.440.544	2.770	20,6	Maceió	849.734	531	62,5	29,1%	51,9%
				Aracaju	479.767	177	36,9	25,6%	34,8%
				Salvador	2.556.430	843	33,0	19,0%	30,4%
Região Sudeste	75.392.023	21.739	28,8	Região Sudeste	19.259.545	7.892	41,0	25,5%	36,3%
Minas Gerais ³	18.553.335	2.910	15,7	Belo Horizonte	2.305.813	1.166	50,6	12,4%	40,1%
Espírito Santo	3.250.205	1.855	57,1	Vitória	302.633	159	52,5	9,3%	8,6%
Rio de Janeiro	14.879.144	6.021	40,5	Rio de Janeiro	5.974.082	2.299	38,5	40,2%	38,2%
São Paulo	38.709.339	10.953	28,3	São Paulo	10.677.017	4.268	40,0	27,6%	39,0%
Região Sul	26.024.981	3.499	13,4	Região Sul	3.434.381	853	24,8	13,2%	24,4%
Paraná	9.906.812	1.616	16,3	Curitiba	1.671.193	515	30,8	16,9%	31,9%
Santa Catarina	5.607.160	545	9,7	Florianópolis	369.101	79	21,4	6,6%	14,5%
Rio Grande do Sul ⁴	10.511.009	1.338	12,7	Porto Alegre	1.394.087	259	18,6	13,3%	19,4%
Região C.Oeste	12.317.233	2.724	22,1	Região C.Oeste	2.558.991	532	20,8	20,8%	19,5%
Mato Grosso do Sul	2.169.704	559	25,8	Campo Grande ⁵	705.973	—	—	32,5%	—
Mato Grosso	2.651.313	574	21,6	Cuiabá	508.153	225	44,3	19,2%	39,2%
Goiás	5.306.424	1.005	18,9	Goiânia	1.146.103	290	25,3	21,6%	28,9%
Distrito Federal	2.189.792	586	26,8	Brasília ⁵	198.762	17	8,6	9,1%	2,9%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram informados os dados do interior.

3 - As Secretarias de Minas Gerais e Rio Grande do Sul informaram dados de Homicídios. Não diferenciando Culposo e Doloso.

4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 04 – Lesão corporal em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas à Lesão Corporal ¹ , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2001.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Lesões Corporais na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Lesões Corporais	Taxa por 100.000 Habitantes ²		População	Total de Ocorrências de Lesões Corporais	Taxa por 100.000 Habitantes ²		
Brasil	172.385.776	564.322	327,4	Brasil	39.134.966	146.929	375,4	22,7%	26,0%
Região Norte	13.245.016	48.103	363,2	Região Norte	4.015.253	31.430	782,8	30,3%	65,3%
Roraima	1.407.878	8.075	573,6	Porto Velho	342.261	3.811	1.113,5	24,3%	47,2%
Acre	574.366	3.124	543,9	Rio Branco	261.432	2.232	853,8	45,5%	71,4%
Amazonas	2.900.218	15.862	546,9	Manaus	1.451.958	13.319	917,3	50,1%	84,0%
Roraima	337.253	485	143,8	Boa Vista	208.512	439	210,5	61,8%	90,5%
Pará	6.341.711	14.253	224,8	Belém	1.304.311	7.904	606,0	20,6%	55,5%
Amapá	498.735	5.245	1.051,7	Macapá	295.897	3.462	1.170,0	59,3%	66,0%
Tocantins	1.184.855	1.059	89,4	Palmas	150.882	263	174,3	12,7%	24,8%
Região Nordeste	48.331.118	59.235	122,6	Região Nordeste	10.339.835	27.544	266,4	21,4%	46,5%
Maranhão	5.730.432	9.503	165,8	São Luís	889.130	5.822	654,8	15,5%	61,3%
Piauí	2.872.983	5.472	190,5	Teresina	728.882	4.015	550,8	25,4%	73,4%
Ceará	7.547.684	1.748	23,2	Fortaleza	2.183.609	814	37,3	28,9%	46,6%
Rio Grande do Norte	2.815.203	6.813	242,0	Natal	722.143	3.105	430,0	25,7%	45,6%
Paraíba	3.468.534	4.479	129,1	João Pessoa	607.440	1.834	301,9	17,5%	40,9%
Pernambuco	8.008.255	1.263	15,8	Recife	1.437.189	226	15,7	17,3%	17,9%
Alagoas	2.856.563	857	30,0	Maceió	817.447	244	29,8	28,6%	28,5%
Sergipe	1.817.318	1.497	82,4	Aracaju	468.296	957	204,4	25,8%	63,9%
Bahia	13.214.146	27.603	208,9	Salvador	2.485.699	10.527	423,5	18,8%	38,1%
Região Sudeste	73.470.738	300.863	409,5	Região Sudeste	18.951.486	61.096	322,4	25,8%	20,3%
Minas Gerais	18.127.024	57.976	319,8	Belo Horizonte	2.258.856	6.943	307,4	12,5%	12,0%
Espírito Santo	3.155.048	7.804	247,3	Vitória	296.010	1.338	452,0	9,4%	17,1%
Rio de Janeiro	14.558.561	61.352	421,4	Rio de Janeiro	5.897.487	22.927	388,8	40,5%	37,4%
São Paulo	37.630.105	173.731	461,7	São Paulo	10.499.133	29.888	284,7	27,9%	17,2%
Região Sul	25.453.492	118.968	467,4	Região Sul	3.345.931	21.820	652,1	13,1%	18,3%
Paraná	9.694.769	16.184	166,9	Curitiba	1.620.221	3.563	219,9	16,7%	22,0%
Santa Catarina	5.448.702	26.616	488,5	Florianópolis	352.398	3.026	858,7	6,5%	11,4%
Rio Grande do Sul	10.310.021	76.168	738,8	Porto Alegre	1.373.312	15.231	1.109,1	13,3%	20,0%
Região C. Oeste	11.885.412	37.153	312,6	Região C. Oeste	2.482.461	5.039	203,0	20,9%	13,6%
Mato Grosso do S	2.111.030	7.958	377,0	Campo Grande ³	679.283	32,2%	...
Mato Grosso	2.560.537	4.544	177,5	Cuiabá ⁴	492.891	19,2%	...
Goiás	5.116.395	12.400	242,4	Goiânia	1.111.623	3.248	292,2	21,7%	26,2%
Distrito Federal	2.097.450	12.251	584,1	Brasília ⁵	198.664	1.791	901,5	9,5%	14,6%
Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASPI Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.									
1 - Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Lesão Corporal", "Lesão Corporal Dolosa", "Lesão Corporal Seguida de Morte" e "Outras Lesões Corporais"									
2 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.									
3 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.									
4 - A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital									
5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.									
Data de elaboração da tabela: 07/07/2004									

Tabela 05 – Lesão corporal em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas à Lesão Corporal ¹ , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2002.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Lesões Corporais na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Lesões Corporais	Taxa por 100.000 Habitantes ²		População	Total de Ocorrências de Lesões Corporais	Taxa por 100.000 Habitantes ³		
Brasil	174.632.932	602.514	345,0	Brasil	39.636.621	151.850	383,1	22,7%	25,2%
Região Norte	13.504.612	52.787	390,9	Região Norte	4.109.330	34.688	844,1	30,4%	65,7%
Rorônia	1.431.776	8.919	622,9	Porto Velho	347.843	3.940	1.132,7	24,3%	44,2%
Acre	586.945	4.737	807,1	Rio Branco	267.741	3.430	1.281,1	45,6%	72,4%
Amazonas	2.961.804	14.537	490,8	Manaus	1.488.805	14.270	958,5	50,3%	98,2%
Roraima	346.866	261	75,2	Boa Vista	214.541	96	44,7	61,9%	36,8%
Pará	6.453.699	16.865	261,3	Belém	1.322.682	6.575	648,3	20,5%	50,8%
Amapá	516.514	6.254	1.210,8	Macapá	306.580	4.098	1.336,7	59,4%	65,5%
Tocantins	1.207.008	1.214	100,6	Palmas	161.138	279	173,1	13,4%	23,0%
Região	48.845.219	62.846	128,7	Região	10.496.864	26.572	253,1	21,5%	42,3%
Maranhão	5.803.283	11.634	200,5	São Luís	906.567	4.721	520,8	15,8%	40,8%
Piauí ⁴	2.898.191	3.570	123,2	Teresina	740.016	3.420	462,2	25,5%	95,8%
Ceará	7.654.540	2.056	26,9	Fortaleza	2.219.836	1.261	56,8	29,0%	61,3%
Rio Grande do Norte	2.852.800	7.598	266,3	Natal	734.503	3.330	453,4	25,7%	43,8%
Paraíba	3.494.965	4.717	135,0	João Pessoa	619.051	1.753	284,1	17,7%	37,3%
Pernambuco	8.084.722	1.825	22,6	Recife	1.449.136	296	20,4	17,9%	16,2%
Alagoas	2.887.526	1.035	35,8	Maceió	833.260	289	34,7	28,9%	27,9%
Sergipe	1.846.042	1.839	99,6	Aracaju	473.990	1.089	229,8	25,7%	59,2%
Bahia	13.323.150	28.572	214,5	Salvador	2.520.505	10.407	412,9	18,9%	36,4%
Região	74.447.443	326.290	438,3	Região Sudeste	19.121.137	65.171	340,8	25,7%	20,0%
Minas Gerais	18.343.518	65.275	355,8	Belo Horizonte	2.284.469	7.612	333,2	12,5%	11,7%
Espírito Santo	3.201.712	11.275	352,2	Vitória	299.358	2.097	700,5	9,3%	18,6%
Rio de Janeiro	14.724.479	64.413	437,5	Rio de Janeiro	5.937.251	22.940	386,4	40,3%	35,6%
São Paulo	38.177.734	185.327	485,4	São Paulo	10.600.059	32.522	306,8	27,8%	17,5%
Região Sul	25.734.111	118.503	460,5	Região Sul	3.388.656	18.613	549,3	13,2%	15,7%
Paraná	9.797.965	20.050	204,6	Curitiba	1.644.599	3.070	186,7	16,8%	15,3%
Santa Catarina	5.527.718	27.695	501,0	Florianópolis	360.603	2.893	802,3	6,5%	10,4%
Rio Grande do Sul	10.408.428	70.758	679,8	Porto Alegre	1.383.454	12.650	914,4	13,3%	17,9%
Região C.Oeste	12.101.547	42.088	347,8	Região C.Oeste	2.520.634	6.806	270,0	20,8%	16,2%
Mato Grosso do Sul	2.140.620	9.869	461,0	Campo Grande ⁵	692.546	32,4%	...
Mato Grosso	2.604.723	5.868	225,3	Cuiabá	500.290	1.670	333,8	19,2%	28,5%
Goiás	5.210.366	13.134	252,1	Goiânia	1.129.274	3.454	305,9	21,7%	26,3%
Distrito Federal	2.145.838	13.217	615,9	Brasília ⁵	198.524	1.682	847,3	9,3%	12,7%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Lesão Corporal", "Lesão Corporal Dolosa", "Lesão Corporal Seguida de Morte" e "Outras Lesões Corporais"

2 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

3 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002

4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 06 – Lesão corporal em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas à Lesão Corporal ¹. Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital

Brasil - Capital / 2003.

Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Lesões Corporais na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Lesões Corporais	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		População	Total de Ocorrências de Lesões Corporais	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		
Brasil	176.876.251	618.097	349,5	Brasil	40.114.051	156.713	390,7	22,7%	25,4%
Região Norte	13.784.895	52.000	377,2	Região Norte	4.209.029	32.491	771,9	30,5%	62,5%
Rorondônia	1.455.914	9.083	623,9	Porto Velho	353.965	3.959	1.118,5	24,3%	43,6%
Acre	600.607	5.466	910,1	Rio Branco	274.556	4.225	1.538,8	45,7%	77,3%
Amazonas	3.031.079	11.112	366,6	Manaus	1.527.314	10.996	720,0	50,4%	99,0%
Roraima	357.296	773	216,3	Boa Vista	221.029	601	271,9	61,9%	77,7%
Pará	6.574.990	16.932	257,5	Belém	1.342.201	8.002	596,2	20,4%	47,3%
Amapá	534.821	6.420	1.200,4	Macapá	317.787	4.019	1.264,7	59,4%	62,6%
Tocantins	1.230.188	2.214	180,0	Palmas	172.177	689	400,2	14,0%	31,1%
Região Nordeste	49.357.119	64.345	130,4	Região Nordeste	10.652.105	27.204	255,4	21,6%	42,3%
Maranhão	5.873.646	13.214	225,0	São Luís	923.527	4.814	521,3	15,7%	36,4%
Piauí ²	2.923.695	3.122	106,8	Teresina	751.463	2.880	383,3	25,7%	92,2%
Ceará	7.758.437	1.720	22,2	Fortaleza	2.256.235	1.090	48,3	29,1%	63,4%
Rio Grande do Norte	2.888.087	6.545	226,6	Natal	744.794	2.990	401,5	25,8%	45,7%
Paraíba	3.518.607	5.225	148,5	João Pessoa	628.837	2.286	363,5	17,9%	43,8%
Pernambuco	8.161.828	3.310	40,6	Recife	1.461.318	898	615	17,9%	27,1%
Alagoas	2.917.678	1.894	64,9	Maceió	849.734	1.545	181,8	29,1%	81,6%
Sergipe	1.874.597	2.078	110,9	Aracaju	479.767	1.212	252,6	25,6%	58,3%
Bahia	13.440.544	27.237	202,6	Salvador	2.556.430	9.489	371,2	19,0%	34,8%
Região Sudeste	75.392.023	325.072	431,2	Região Sudeste	19.259.545	68.304	354,7	25,5%	21,0%
Minas Gerais	18.553.335	59.834	322,5	Belo Horizonte	2.305.813	5.753	249,5	12,4%	9,6%
Espírito Santo	3.250.205	8.701	267,7	Vitória	302.633	2.309	763,0	9,3%	26,5%
Rio de Janeiro	14.879.144	64.617	434,3	Rio de Janeiro	5.974.082	23.458	392,7	40,2%	36,3%
São Paulo	38.709.339	191.920	495,8	São Paulo	10.677.017	36.784	344,5	27,6%	19,2%
Região Sul	26.024.981	133.065	511,3	Região Sul	3.434.381	20.944	609,8	13,2%	15,7%
Paraná	9.906.812	22.579	227,9	Curitiba	1.671.193	4.237	253,5	16,9%	18,8%
Santa Catarina	5.607.160	29.969	534,5	Florianópolis	369.101	2.858	774,3	6,6%	9,5%
Rio Grande do Sul	10.511.009	80.517	766,0	Porto Alegre	1.394.087	13.849	993,4	13,3%	17,2%
Região C.Oeste	12.317.233	43.615	354,1	Região C.Oeste	2.558.991	7.770	303,6	20,8%	17,8%
Mato Grosso do Sul	2.169.704	9.794	451,4	Campo Grande ³	705.973	32,5%	...
Mato Grosso	2.651.313	7.845	295,9	Cuiabá	508.153	2.389	470,1	19,2%	30,5%
Goiás	5.306.424	13.269	250,1	Goiânia	1.146.103	3.730	325,5	21,6%	28,1%
Distrito Federal	2.189.792	12.707	580,3	Brasília ⁴	198.762	1.651	830,6	9,1%	13,0%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

- 1 - Nesta tabela estão agregados os seguintes delitos: lesão corporal, lesão corporal dolosa, lesão corporal seguida de morte e outras lesões corporais.
- 2 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.
- 3 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram informados os dados do interior.
- 4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.
- 5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 07 – Estupros em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Estupro, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 mulheres, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2001.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Estupro na Capital (%)
	População Feminina	Total de Ocorrências de Estupro	Taxa por 100.000 Mulheres ^{III}		População Feminina	Total de Ocorrências de Estupro	Taxa por 100.000 Mulheres ^{III}		
Brasil	87.531.932	14.709	16,80	Brasil	20.582.160	4.345	21,11	23,51%	29,54%
Região Norte	6.536.734	1.502	22,98	Região Norte	2.064.613	803	38,89	31,58%	53,46%
Rorônia	685.089	289	42,18	Porto Velho	171.734	140	81,52	25,07%	48,44%
Acre	284.904	52	18,25	Rio Branco	134.108	31	23,12	47,07%	59,62%
Amazonas	1.441.864	389	26,98	Manaus	744.027	300	40,32	51,60%	77,12%
Roraima	164.621	78	47,38	Boa Vista	104.203	71	68,14	63,30%	91,03%
Pará	3.132.943	439	14,01	Belém	684.802	119	17,38	21,86%	27,11%
Amapá	248.373	147	59,19	Macapá	150.360	118	78,48	60,54%	80,27%
Tocantins	578.940	108	18,65	Palmas	75.379	24	31,84	13,02%	22,22%
Região Nordeste	24.629.738	2.537	10,30	Região Nordeste	5.494.498	962	17,51	22,31%	37,92%
Maranhão	2.878.743	355	12,33	São Luís	473.807	164	34,61	16,46%	46,20%
Piauí	1.460.187	154	10,55	Teresina	387.292	84	21,69	26,52%	54,55%
Ceará	3.862.257	105	2,72	Fortaleza	1.161.617	47	4,05	30,08%	44,76%
Rio Grande do Norte	1.436.391	180	12,53	Natal	383.175	73	19,05	26,68%	40,56%
Paraíba	1.784.666	186	10,42	João Pessoa	323.522	59	18,24	18,13%	31,72%
Pernambuco	4.138.261	310	7,49	Recife	768.857	50	6,50	18,58%	16,13%
Alagoas	1.461.334	73	5,00	Maceió	431.584	19	4,40	29,53%	26,03%
Sergipe	926.285	117	12,63	Aracaju	249.249	71	28,49	26,91%	60,68%
Bahia	6.681.614	1.057	15,82	Salvador	1.315.395	395	30,03	19,69%	37,37%
Região Sudeste	37.522.769	6.266	16,70	Região Sudeste	9.974.623	1.890	18,95	26,58%	30,16%
Minas Gerais	9.158.934	833	9,09	Belo Horizonte	1.191.990	163	13,67	13,01%	19,57%
Espírito Santo	1.591.696	244	15,33	Vitória	156.324	28	17,91	9,82%	11,48%
Rio de Janeiro	7.576.999	1.319	17,41	Rio de Janeiro	3.130.773	437	13,96	41,32%	33,13%
São Paulo	19.195.140	3.870	20,16	São Paulo	5.495.536	1.262	22,96	28,63%	32,61%
Região Sul	12.882.109	2.897	22,49	Região Sul	1.756.975	428	24,36	13,64%	14,77%
Paraná	4.892.768	797	16,29	Curitiba	843.598	111	13,16	17,24%	13,93%
Santa Catarina	2.733.857	566	20,70	Florianópolis	181.825	54	29,70	6,65%	9,54%
Rio Grande do Sul	5.255.484	1.534	29,19	Porto Alegre	731.552	263	35,95	13,92%	17,14%
Região Centro-Oeste	5.960.582	1.507	25,28	Região Centro-Oeste	1.291.451	262	20,29	21,67%	17,39%
Mato Grosso do Sul	1.054.568	250	23,71	Campo Grande ^{II}	348.963	33,09%	...
Mato Grosso	1.244.240	185	14,87	Cuiabá ^{III}	252.669	20,31%	...
Goiás	2.567.835	674	26,25	Goiânia	581.695	215	36,96	22,65%	31,90%
Distrito Federal	1.093.939	398	36,38	Brasília ^{IV}	108.124	47	43,47	9,88%	11,81%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

3 - A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital

4 - Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

Tabela 08 – Estupros em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Estupro, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 mulheres, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2002.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Estupro na Capital (%)
	População Feminina	Total de Ocorrências de Estupro	Taxa por 100.000 Mulheres ¹⁾		População Feminina	Total de Ocorrências de Estupro	Taxa por 100.000 Mulheres ¹⁾		
Brasil	88.672.139	14.220	16,04	Brasil	21.018.269	4.227	20,11	23,70%	29,73%
Região Norte	6.664.924	1.390	20,86	Região Norte	2.286.046	713	31,19	34,30%	51,29%
Roraima	696.570	303	43,50	Porto Velho	347.843	140	40,25	49,94%	46,20%
Acre	291.180	64	21,98	Rio Branco	137.341	34	24,76	47,17%	53,13%
Amazonas	1.472.712	280	19,01	Manaus	762.906	272	35,65	51,80%	97,14%
Roraima	169.315	67	39,57	Boa Vista	107.217	62	57,83	63,32%	92,54%
Pará	3.187.984	457	14,34	Belém	634.446	114	16,42	21,78%	24,95%
Amapá	257.238	106	41,21	Macapá	155.791	63	40,44	60,56%	59,43%
Tocantins	589.325	113	19,15	Palmas	80.502	28	34,78	13,65%	24,78%
Região Nordeste	24.893.465	2.543	10,22	Região Nordeste	5.577.905	847	15,18	22,41%	33,31%
Maranhão	2.915.430	424	14,54	São Luís	483.100	134	27,74	16,57%	31,60%
Piauí ²⁾	1.473.144	102	6,92	Teresina	393.203	94	23,91	26,69%	92,16%
Ceará	3.917.204	94	2,40	Fortaleza	1.180.891	46	3,90	30,15%	48,94%
Pernambuco	4.177.774	289	6,92	Recife	775.247	16	2,06	18,56%	5,54%
Alagoas	1.477.333	82	5,55	Maceló	439.931	10	2,27	29,78%	12,20%
Sergipe	940.913	119	12,65	Aracaju	252.275	52	20,61	26,81%	43,70%
Bahia	6.737.536	1.114	16,53	Salvador	1.333.811	395	29,61	19,80%	35,46%
Região Sudeste	38.019.846	6.294	16,55	Região Sudeste	10.063.845	1.961	19,49	26,47%	31,16%
Minas Gerais	9.268.684	910	9,82	Belo Horizonte	1.205.507	234	19,41	13,01%	25,71%
Espírito Santo	1.615.251	242	14,98	Vitória	158.031	71	44,31	9,79%	29,34%
Rio de Janeiro	7.662.602	1.150	15,01	Rio de Janeiro	3.151.884	353	11,20	41,13%	30,70%
São Paulo	19.473.269	3.992	20,50	São Paulo	5.548.363	1.303	23,48	28,49%	32,64%
Região Sul	13.024.550	2.494	19,15	Região Sul	1.779.297	379	21,30	13,66%	15,20%
Paraná	4.945.211	649	13,12	Curitiba	856.293	128	14,95	17,32%	19,72%
Santa Catarina	2.773.644	568	20,48	Florianópolis	186.058	58	31,17	6,71%	10,21%
Rio Grande do Sul	5.305.695	1.277	24,07	Porto Alegre	736.946	193	26,19	13,89%	15,11%
Região C.Oeste	6.069.354	1.499	24,70	Região C.Oeste	1.311.176	327	24,94	21,60%	21,81%
Mato Grosso do S	1.069.384	308	28,80	Campo Grande ³⁾	355.779	33,27%	...
Mato Grosso	1.265.577	187	14,78	Cuiabá	256.463	52	20,28	20,26%	27,81%
Goiás	2.615.216	649	24,82	Goiânia	590.927	250	42,31	22,60%	38,52%
Distrito Federal	1.119.177	355	31,72	Brasília ⁴⁾	108.007	25	23,15	9,65%	7,04%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1- Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2- A Secretaria de Segurança Pública do Piauí informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002.

3- A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

4- Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

Tabela 09 – Estupros em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Estupro, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 mulheres, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2003.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Estupro na Capital (%)
	População Feminina	Total de Ocorrências de Estupro	Taxa por 100.000 Mulheres ¹		População Feminina	Total de Ocorrências de Estupro	Taxa por 100.000 Mulheres ¹		
Brasil	89.807.838	14.280	15,90	Brasil	21.094.991	4.379	20,76	23,49%	30,67%
Região Norte	6.802.948	1.421	20,89	Região Norte	2.163.736	745	34,43	31,81%	52,43%
Rorondônia	708.100	280	39,72	Porto Velho	177.605	127	71,51	25,08%	48,85%
Acre	297.966	113	37,92	Rio Branco	140.838	71	50,41	47,27%	62,83%
Amazonas	1.507.305	253	16,78	Manaus	782.640	251	32,07	51,92%	99,21%
Roraima	174.403	53	30,39	Boa Vista	110.453	45	40,74	63,34%	84,91%
Pará	3.247.541	491	15,12	Belém	704.693	126	17,88	21,70%	25,66%
Amapá	266.346	140	52,56	Macapá	161.482	83	51,40	60,63%	59,29%
Tocantins	601.287	111	18,46	Palmas	86.019	42	48,83	14,31%	37,84%
Região Nordeste	25.156.040	2.745	10,91	Região Nordeste	5.660.367	910	16,08	22,50%	33,15%
Maranhão	2.951.212	511	17,31	São Luís	492.137	154	31,29	16,68%	30,14%
Piauí ²	1.486.185	70	4,71	Teresina	399.289	65	16,28	26,87%	92,86%
Ceará	3.970.527	92	2,32	Fortaleza	1.200.253	42	3,50	30,23%	45,65%
Rio Grande do Norte	1.473.685	133	9,02	Natal	395.194	72	18,22	26,82%	54,14%
Paraíba	1.810.732	146	8,06	João Pessoa	334.319	46	13,73	18,50%	31,51%
Pernambuco	4.217.652	468	11,10	Recife	781.766	98	12,54	18,54%	20,94%
Alagoas	1.493.043	110	7,37	Maceió	448.631	73	16,27	30,05%	66,36%
Sergipe	955.457	98	10,26	Aracaju	255.354	38	14,88	26,73%	38,78%
Bahia	6.797.547	1.117	16,43	Salvador	1.352.824	322	23,80	19,90%	28,83%
Região Sudeste	38.499.012	6.098	15,84	Região Sudeste	10.136.673	1.885	18,60	26,33%	30,91%
Minas Gerais	9.374.640	1.003	10,70	Belo Horizonte	1.216.768	249	20,46	12,98%	24,83%
Espírito Santo	1.639.838	132	8,05	Vitória	159.825	24	15,02	9,75%	18,18%
Rio de Janeiro	7.742.213	985	12,72	Rio de Janeiro	3.171.436	351	11,07	40,96%	35,63%
São Paulo	19.742.321	3.978	20,15	São Paulo	5.588.644	1.261	22,56	28,31%	31,70%
Região Sul	13.172.218	2.583	19,61	Região Sul	1.803.202	427	23,68	13,69%	16,53%
Paraná	5.000.529	673	13,46	Curitiba	870.138	165	18,96	17,40%	24,52%
Santa Catarina	2.813.750	581	20,65	Florianópolis	190.444	48	25,20	6,77%	8,26%
Rio Grande do Sul	5.357.939	1.329	24,80	Porto Alegre	742.620	214	28,82	13,86%	16,10%
Região Centro-Oeste	6.177.620	1.433	23,20	Região Centro-Oeste	1.331.013	412	30,95	21,55%	28,75%
Mato Grosso do Sul	1.083.971	250	23,06	Campo Grande ³	362.675	33,46%	...
Mato Grosso	1.287.997	270	20,96	Cuiabá	260.490	127	48,75	20,22%	47,04%
Goiás	2.663.551	618	23,20	Goiânia	599.735	254	42,35	22,52%	41,10%
Distrito Federal	1.142.101	295	25,83	Brasília ⁴	108.113	31	28,67	9,47%	10,51%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram informados os dados do interior.

3 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

4 - Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 10 – Atentado violento ao pudor em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Atentado Violento ao Pudor, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2001.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Atentado Violento ao Pudor na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Atentado Violento ao Pudor	Taxa por 100.000 Habitantes ^{III}		População	Total de Ocorrências de Atentado Violento ao Pudor	Taxa por 100.000 Habitantes ^{III}		
Brasil	172.385.776	13.012	7,5	Brasil	39.134.966	3.581	9,2	22,7%	27,5%
Região Norte	13.245.016	760	5,7	Região	4.015.253	467	11,6	30,3%	61,4%
Roraima	1.407.878	138	9,8	Porto Velho	342.261	62	18,1	24,3%	44,9%
Acre	574.366	23	4,0	Rio Branco	261.432	16	6,1	45,5%	69,6%
Amazonas	2.900.218	212	7,3	Manaus	1.451.958	201	13,8	50,1%	94,8%
Roraima	337.253	35	10,4	Boa Vista	208.512	28	13,4	61,8%	80,0%
Pará	6.341.711	242	3,8	Belém	1.304.311	92	7,1	20,6%	38,0%
Amapá	498.735	78	15,6	Macapá	295.897	62	21,0	59,3%	79,5%
Tocantins	1.184.855	32	2,7	Palmas	150.882	6	4,0	12,7%	18,8%
Região Nordeste	48.331.118	1.779	3,7	Região	10.339.835	772	7,5	21,4%	43,4%
Maranhão	5.730.432	121	2,1	São Luís	889.130	60	6,7	15,5%	49,6%
Piauí	2.872.983	255	8,9	Teresina	728.882	86	11,8	25,4%	33,7%
Ceará	7.547.684	98	1,3	Fortaleza	2.183.609	66	3,0	28,9%	67,3%
Rio Grande do Norte	2.815.203	161	5,7	Natal	722.143	80	11,1	25,7%	49,7%
Paraíba	3.468.534	152	4,4	João Pessoa	607.440	44	7,2	17,5%	28,9%
Pernambuco	8.008.255	171	2,1	Recife	1.437.189	35	2,4	17,9%	20,5%
Alagoas	2.856.563	14	0,5	Maceió	817.447	13	1,6	28,6%	92,9%
Sergipe	1.817.318	65	3,6	Aracaju	468.296	33	7,0	25,8%	50,8%
Bahia	13.214.146	742	5,6	Salvador	2.485.699	355	14,3	18,8%	47,8%
Região Sudeste	73.470.738	7.053	9,6	Região	18.951.486	1.700	9,0	25,8%	24,1%
Minas Gerais	18.127.024	743	4,1	Belo Horizonte	2.258.856	101	4,5	12,5%	13,6%
Espírito Santo	3.155.048	328	10,4	Vitória	296.010	51	17,2	9,4%	15,5%
Rio de Janeiro	14.558.561	1.605	11,0	Rio de Janeiro	5.897.487	591	10,0	40,5%	36,8%
São Paulo	37.630.105	4.377	11,6	São Paulo	10.493.133	957	9,1	27,9%	21,9%
Região Sul	25.453.492	2.242	8,8	Região Sul	3.345.931	433	12,9	13,1%	19,3%
Paraná	9.694.769	556	5,7	Curitiba	1.620.221	68	4,2	16,7%	12,2%
Santa Catarina	5.448.702	563	10,3	Florianópolis	352.398	90	25,5	6,5%	16,0%
Rio Grande do Sul	10.310.021	1.123	10,9	Porto Alegre	1.373.312	275	20,0	13,3%	24,5%
Região Centro-Oeste	11.885.412	1.178	9,9	Região Centro-Oeste	2.482.461	209	8,4	20,9%	17,7%
Mato Grosso do Sul	2.111.030	288	13,6	Campo Grande	679.283	32,2%	...
Mato Grosso	2.560.537	102	4,0	Cuiabá ^{IV}	492.891	19,2%	...
Goiás	5.116.395	431	8,4	Goiânia	1.111.623	172	15,5	21,7%	39,9%
Distrito Federal	2.097.450	357	17,0	Brasília ^{IV}	198.664	37	18,6	9,5%	10,4%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

3 - A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital.

4 - Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 11 – Atentado violento ao pudor em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Atentado Violento ao Pudor, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2002.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Atentado Violento ao Pudor na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Atentado Violento ao Pudor	Taxa por 100.000 Habitantes ¹⁾		População	Total de Ocorrências de Atentado Violento ao Pudor	Taxa por 100.000 Habitantes ¹⁾		
Brasil	174.632.932	14.276	8,2	Brasil	39.636.621	4.010	10,1	22,7%	28,1%
Região Norte	13.504.612	928	6,9	Região Norte	4.109.330	573	13,9	30,4%	61,7%
Rorônia	1.431.776	155	10,8	Porto Velho	347.843	65	18,7	24,3%	41,9%
Acre	586.945	23	3,9	Rio Branco	267.741	15	5,6	45,6%	65,2%
Amazonas	2.961.804	275	9,3	Manaus	1.488.805	273	18,3	50,3%	99,3%
Roraima	346.866	46	13,3	Boa Vista	214.541	44	20,5	61,3%	95,7%
Pará	6.453.699	267	4,1	Belém	1.322.682	91	6,9	20,5%	34,1%
Amapá	516.514	83	16,1	Macapá	306.580	64	20,9	59,4%	77,1%
Tocantins	1.207.008	79	6,5	Palmas	161.138	21	13,0	13,4%	26,6%
Região Nordeste	48.845.219	1.824	3,7	Região Nordeste	10.496.864	756	7,2	21,5%	41,4%
Maranhão	5.803.293	211	3,6	São Luís	906.567	98	10,8	15,6%	46,4%
Piauí ²⁾	2.898.191	53	1,8	Teresina	740.016	51	6,9	25,5%	96,2%
Ceará	7.654.540	130	1,7	Fortaleza	2.219.836	97	4,4	29,0%	74,6%
Rio Grande do Norte	2.852.800	191	6,7	Natal	734.503	70	9,5	25,7%	36,6%
Paraíba	3.494.965	122	3,5	João Pessoa	619.051	25	4,0	17,7%	20,5%
Pernambuco	8.084.722	253	3,1	Recife	1.449.136	27	1,9	17,3%	10,7%
Alagoas	2.887.526	39	1,4	Maceió	833.260	13	1,6	28,9%	33,3%
Sergipe	1.846.042	73	4,0	Aracaju	473.990	44	9,3	25,7%	60,3%
Bahia	13.323.150	752	5,6	Salvador	2.520.505	331	13,1	18,9%	44,0%
Região Sudeste	74.447.443	7.752	10,4	Região Sudeste	19.121.137	1.948	10,2	25,7%	25,1%
Minas Gerais	18.343.518	990	5,4	Belo Horizonte	2.284.469	179	7,8	12,5%	18,1%
Espírito Santo	3.201.712	304	9,5	Vitória	293.358	109	36,4	9,3%	35,9%
Rio de Janeiro	14.724.479	1.463	9,9	Rio de Janeiro	5.937.251	507	8,5	40,3%	34,7%
São Paulo	38.177.734	4.995	13,1	São Paulo	10.600.059	1.153	10,9	27,8%	23,1%
Região Sul	25.734.111	2.365	9,2	Região Sul	3.388.656	384	11,3	13,2%	16,2%
Paraná	9.797.965	530	6,0	Curitiba	1.644.593	34	5,7	16,8%	15,9%
Santa Catarina	5.527.718	694	12,6	Florianópolis	360.603	64	17,7	6,5%	9,2%
Rio Grande do Sul	10.408.428	1.081	10,4	Porto Alegre	1.383.454	226	16,3	13,3%	20,9%
Região C.Oeste	12.101.547	1.407	11,6	Região C.Oeste	2.520.634	349	13,8	20,8%	24,8%
Mato Grosso do Sul	2.140.620	382	17,8	Campo Grande ³⁾	632.546	32,4%	...
Mato Grosso	2.604.723	135	5,2	Cuiabá	500.290	32	6,4	19,2%	23,7%
Goiás	5.210.366	557	10,7	Goiânia	1.129.274	280	24,8	21,7%	50,3%
Distrito Federal	2.145.838	333	15,5	Brasília ⁴⁾	198.524	37	18,6	9,3%	11,1%
Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.									
1- Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.									
2- A Secretaria de Segurança Pública do Piauí informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002									
3- A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.									
4- Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.									
Data de elaboração da tabela: 07/07/2004									

Tabela 12 – Atentado violento ao pudor em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Atentado Violento ao Pudor, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2003.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Atentado Violento ao Pudor na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Atentado Violento ao Pudor	Taxa por 100.000 Habitantes ^{III}		População	Total de Ocorrências de Atentado Violento ao Pudor	Taxa por 100.000 Habitantes ^{III}		
Brasil	176.876.251	10.093	5,7	Brasil	40.114.051	3.043	7,6	22,7%	30,1%
Região Norte	13.784.895	1.000	7,3	Região Norte	4.209.029	580	13,8	30,5%	58,0%
Roraima	1.455.914	154	10,6	Porto Velho	353.965	73	20,6	24,3%	47,4%
Acre	600.607	57	9,5	Rio Branco	274.556	43	15,7	45,7%	75,4%
Amazonas	3.031.079	257	8,5	Manaus	1.527.314	256	16,8	50,4%	99,6%
Roraima	357.296	36	10,1	Boa Vista	221.029	30	13,6	61,9%	83,3%
Pará	6.574.990	292	4,4	Belém	1.342.201	89	6,6	20,4%	30,5%
Amapá	534.821	77	14,4	Macapá	317.787	59	18,6	59,4%	76,6%
Tocantins	1.230.188	127	10,3	Palmas	172.177	30	17,4	14,0%	23,6%
Região Nordeste	49.357.119	1.882	3,8	Região Nordeste	10.652.105	795	7,5	21,6%	42,2%
Maranhão	5.873.646	196	3,3	São Luís	923.527	56	6,1	15,7%	28,6%
Piauí ^{II}	2.923.695	67	2,3	Teresina	751.463	61	8,1	25,7%	91,0%
Ceará	7.759.437	96	1,2	Fortaleza	2.256.235	52	2,3	29,1%	54,2%
Rio Grande do Norte	2.888.087	186	6,4	Natal	744.794	114	15,3	25,8%	61,3%
Paraíba	3.518.607	124	3,5	João Pessoa	628.837	43	6,8	17,9%	34,7%
Pernambuco	8.161.828	325	4,0	Recife	1.461.318	101	6,9	17,9%	31,1%
Alagoas	2.917.678	50	1,7	Maceió	849.734	35	4,1	29,1%	70,0%
Sergipe	1.874.597	96	5,1	Aracaju	479.767	49	10,2	25,6%	51,0%
Bahia	13.440.544	742	5,5	Salvador	2.556.430	284	11,1	19,0%	38,3%
Região Sudeste	75.392.023	3.279	4,3	Região Sudeste	19.259.545	840	4,4	25,5%	25,6%
Minas Gerais	18.553.335	1.013	5,5	Belo Horizonte	2.305.813	165	7,2	12,4%	16,3%
Espírito Santo	3.250.205	118	3,6	Vitória	302.633	40	13,2	9,3%	33,9%
Rio de Janeiro	14.879.144	1.381	9,3	Rio de Janeiro	5.974.082	462	7,7	40,2%	33,5%
São Paulo	38.709.339	767	2,0	São Paulo	10.677.017	173	1,6	27,6%	22,6%
Região Sul	26.024.981	2.575	9,9	Região Sul	3.434.381	436	12,7	13,2%	16,9%
Paraná	9.906.812	583	5,9	Curitiba	1.671.193	100	6,0	16,9%	17,2%
Santa Catarina	5.607.160	684	12,2	Florianópolis	369.101	68	18,4	6,6%	9,9%
Rio Grande do Sul	10.511.009	1.308	12,4	Porto Alegre	1.394.087	268	19,2	13,3%	20,5%
Região Centro-Oeste	12.317.233	1.357	11,0	Região Centro-Oeste	2.558.991	392	15,3	20,8%	28,9%
Mato Grosso do Sul	2.169.704	310	14,3	Campo Grande ^{III}	705.973	32,5%	...
Mato Grosso	2.651.313	161	6,1	Cuiabá	508.153	54	10,6	19,2%	33,5%
Goiás	5.306.424	588	11,1	Goiânia	1.146.103	293	25,6	21,6%	49,8%
Distrito Federal	2.189.792	298	13,6	Brasília ^{III}	198.762	45	22,6	9,1%	15,1%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram informados os dados do interior.

3 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

4 - Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 13 – Extorsão mediante seqüestro em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas à Extorsão Mediante Sequestro, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2001.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes à Extorsão Mediante Seqüestro na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Extorsão Mediante Seqüestro	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		População	Total de Ocorrências de Extorsão Mediante Seqüestro	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		
Brasil	172.385.776	571	0,33	Brasil	39.134.966	281	0,72	22,70%	49,21%
Região Norte	13.245.016	14	0,11	Região	4.015.253	7	0,17	30,32%	50,00%
Rorônia	1.407.878	0	0,00	Porto Velho	342.261	24,31%	...
Acre	574.366	0	0,00	Rio Branco	261.432	0	0,00	45,52%	...
Amazonas	2.900.218	1	0,03	Manaus	1.451.958	1	0,07	50,06%	100,00%
Roraima	337.253	0	0,00	Boa Vista	208.512	0	0,00	61,83%	...
Pará	6.341.711	7	0,11	Belém	1.304.311	6	0,46	20,57%	85,71%
Amapá	498.735	0	0,00	Macapá	295.897	0	0,00	59,33%	...
Tocantins	1.184.855	6	0,51	Palmas	150.882	0	0,00	12,73%	0,00%
Região Nordeste	48.331.118	127	0,26	Região Nordeste	10.339.835	38	0,37	21,39%	29,92%
Maranhão	5.730.432	2	0,03	São Luís	889.130	0	0,00	15,52%	0,00%
Piauí	2.872.983	32	1,11	Teresina	728.882	13	1,78	25,37%	40,63%
Ceará	7.547.684	1	0,01	Fortaleza	2.183.609	1	0,05	28,93%	100,00%
Rio Grande do Norte	2.815.203	15	0,53	Natal	722.143	8	1,11	25,65%	53,33%
Paraíba	3.468.534	22	0,63	João Pessoa	607.440	3	0,49	17,51%	13,64%
Pernambuco	8.008.255	37	0,46	Recife	1.437.189	11	0,77	17,95%	29,73%
Alagoas	2.856.563	0	0,00	Maceió	817.447	28,62%	...
Sergipe	1.817.318	2	0,11	Aracaju	468.296	0	0,00	25,77%	0,00%
Bahia	13.214.146	16	0,12	Salvador	2.485.699	2	0,08	18,81%	12,50%
Região Sudeste	73.470.738	374	0,51	Região Sudeste	18.951.486	219	1,16	25,79%	58,56%
Minas Gerais	18.127.024	38	0,21	Belo Horizonte	2.258.856	7	0,31	12,46%	18,42%
Espírito Santo	3.155.048	18	0,57	Vitória	296.010	6	2,03	9,38%	33,33%
Rio de Janeiro	14.558.561	10	0,07	Rio de Janeiro	5.897.487	4	0,07	40,51%	40,00%
São Paulo	37.630.105	308	0,82	São Paulo	10.499.133	202	1,92	27,90%	65,58%
Região Sul	25.453.492	22	0,09	Região Sul	3.345.931	11	0,33	13,15%	50,00%
Paraná	9.694.769	3	0,03	Curitiba	1.620.221	3	0,19	16,71%	100,00%
Santa Catarina	5.448.702	11	0,20	Florianópolis	352.398	4	1,14	6,47%	36,36%
Rio Grande do Sul	10.310.021	8	0,08	Porto Alegre	1.373.312	4	0,29	13,32%	50,00%
Região Centro-Oeste	11.885.412	34	0,29	Região Centro-Oeste	2.482.461	6	0,24	20,89%	17,65%
Mato Grosso do Sul	2.111.030	21	0,99	Campo Grande	679.283	32,18%	...
Mato Grosso	2.560.537	2	0,08	Cuiabá ²	492.891	19,25%	...
Goiás	5.116.395	7	0,14	Goiânia	1.111.623	4	0,36	21,73%	57,14%
Distrito Federal	2.097.450	4	0,19	Brasília ³	198.664	2	1,01	9,47%	50,00%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASPI Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1- Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2- A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

3- A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital

4- Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

Tabela 14 – Extorsão mediante seqüestro em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas à Extorsão Mediante Seqüestro, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2002.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes à Extorsão Mediante Seqüestro na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Extorsão Mediante Seqüestro	Taxa por 100.000 Habitantes ¹⁾		População	Total de Ocorrências de Extorsão Mediante Seqüestro	Taxa por 100.000 Habitantes ¹⁾		
Brasil	174.632.932	583	0,33	Brasil	39.636.621	251	0,63	22,70%	43,05%
Região Norte	13.504.612	25	0,19	Região	4.109.330	9	0,22	30,43%	36,00%
Roraima	1.431.776	5	0,35	Porto Velho	347.843	3	0,86	24,29%	60,00%
Acre	586.945	0	0,00	Rio Branco	267.741	0	0,00	45,62%	...
Amazonas	2.961.804	0	0,00	Manaus	1.488.805	50,27%	...
Roraima	346.866	0	0,00	Boa Vista	214.541	61,85%	...
Pará	6.453.639	15	0,23	Belém	1.322.682	4	0,30	20,49%	26,67%
Amapá	516.514	1	0,19	Macapá	306.580	1	0,33	59,36%	100,00%
Tocantins	1.207.008	4	0,33	Palmas	161.138	1	0,62	13,35%	25,00%
Região Nordeste	48.845.219	47	0,10	Região Nordeste	10.496.864	13	0,12	21,49%	27,66%
Maranhão	5.803.283	6	0,10	São Luís	906.567	0	0,00	15,62%	0,00%
Piauí ²⁾	2.898.191	4	0,14	Teresina	740.016	4	0,54	25,53%	100,00%
Ceará	7.654.540	1	0,01	Fortaleza	2.219.836	1	0,05	29,00%	100,00%
Rio Grande do Norte	2.852.800	5	0,18	Natal	734.503	1	0,14	25,75%	20,00%
Paraíba	3.434.965	11	0,31	João Pessoa	619.051	2	0,32	17,71%	18,18%
Pernambuco	8.084.722	8	0,10	Recife	1.449.136	4	0,28	17,92%	50,00%
Alagoas	2.887.526	1	0,03	Maceió	833.260	0	0,00	28,86%	0,00%
Sergipe	1.846.042	0	0,00	Aracaju	473.990	0	0,00	25,68%	...
Bahia	13.323.150	11	0,08	Salvador	2.520.505	1	0,04	18,92%	9,09%
Região Sudeste	74.447.443	421	0,57	Região Sudeste	19.121.137	212	1,11	25,68%	50,36%
Minas Gerais	18.343.518	55	0,30	Belo Horizonte	2.284.469	12	0,53	12,45%	21,82%
Espírito Santo	3.201.712	22	0,69	Vitória	299.358	10	3,34	9,35%	45,45%
Rio de Janeiro	14.724.479	23	0,16	Rio de Janeiro	5.937.251	6	0,10	40,32%	26,09%
São Paulo	38.177.734	321	0,84	São Paulo	10.600.059	184	1,74	27,77%	57,32%
Região Sul	25.734.111	31	0,12	Região Sul	3.388.656	10	0,30	13,17%	32,26%
Paraná	9.797.965	13	0,13	Curitiba	1.644.599	4	0,24	16,79%	30,77%
Santa Catarina	5.527.718	7	0,13	Florianópolis	360.603	2	0,55	6,52%	28,57%
Rio Grande do Sul	10.408.428	11	0,11	Porto Alegre	1.383.454	4	0,29	13,29%	36,36%
Região C.Oeste	12.101.547	59	0,49	Região C.Oeste	2.520.634	7	0,28	20,83%	11,86%
Mato Grosso do Sul	2.140.620	44	2,06	Campo Grande	692.546	32,35%	...
Mato Grosso	2.604.723	2	0,08	Cuiabá	500.290	1	0,20	19,21%	50,00%
Goiás	5.210.366	8	0,15	Goiânia	1.129.274	5	0,44	21,67%	62,50%
Distrito Federal	2.145.838	5	0,23	Brasília ⁴⁾	198.524	1	0,50	9,25%	20,00%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002.

3 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

4 - Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

Tabela 15 – Extorsão mediante seqüestro em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas à Extorsão Mediante Sequestro, Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2003.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes à Extorsão Mediante Sequestro na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Extorsão Mediante Sequestro	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		População	Total de Ocorrências de Extorsão Mediante Sequestro	Taxa por 100.000 Habitantes ¹		
Brasil	176.876.251	375	0,21	Brasil	40.114.051	165	0,41	22,68%	44,00%
Região Norte	13.784.895	28	0,20	Região Norte	4.209.029	17	0,40	30,53%	60,71%
Rondônia	1.455.314	5	0,34	Porto Velho	353.985	2	0,57	24,31%	40,00%
Acre	600.607	0	0,00	Rio Branco	274.556	0	0,00	45,71%	...
Amazonas	3.031.079	4	0,13	Manaus	1.527.314	4	0,26	50,39%	100,00%
Roraima	357.296	0	0,00	Boa Vista	221.029	0	0,00	61,86%	...
Pará	6.574.930	3	0,14	Belém	1.342.201	6	0,45	20,41%	66,67%
Amapá	534.821	2	0,37	Macapá	317.787	2	0,63	59,42%	100,00%
Tocantins	1.230.188	8	0,65	Palmas	172.177	3	1,74	14,00%	37,50%
Região Nordeste	49.357.119	78	0,16	Região Nordeste	10.652.105	20	0,19	21,58%	25,64%
Maranhão	5.873.646	3	0,05	São Luís	923.527	0	0,00	15,72%	0,00%
Piauí ²	2.923.695	4	0,14	Teresina	751.463	4	0,53	25,70%	100,00%
Ceará	7.758.437	3	0,04	Fortaleza	2.256.236	2	0,09	29,08%	66,67%
Rio Grande do Norte	2.888.087	8	0,28	Natal	744.794	7	0,94	25,79%	87,50%
Paraíba	3.518.607	3	0,09	João Pessoa	628.837	1	0,16	17,87%	33,33%
Pernambuco	8.161.828	19	0,23	Recife	1.461.318	4	0,27	17,90%	21,05%
Alagoas	2.917.678	26	0,89	Maceió ³	849.734	29,12%	...
Sergipe	1.874.597	1	0,05	Aracaju	479.767	1	0,21	25,59%	100,00%
Bahia	13.440.544	11	0,08	Salvador	2.556.430	1	0,04	19,02%	9,09%
Região Sudeste	75.392.023	194	0,26	Região Sudeste	19.259.545	103	0,53	25,55%	53,09%
Minas Gerais	18.553.335	57	0,31	Belo Horizonte	2.305.813	14	0,61	12,43%	24,56%
Espírito Santo	3.250.205	4	0,12	Vitória	302.633	1	0,33	9,31%	25,00%
Rio de Janeiro	14.879.144	15	0,10	Rio de Janeiro	5.374.082	4	0,07	40,15%	26,67%
São Paulo	38.709.339	118	0,30	São Paulo	10.677.017	84	0,79	27,58%	71,19%
Região Sul	26.024.981	43	0,17	Região Sul	3.434.381	12	0,35	13,20%	27,91%
Paraná	9.306.812	13	0,13	Curitiba	1.671.193	0	0,00	16,87%	0,00%
Santa Catarina	5.607.160	12	0,21	Florianópolis	369.101	5	1,35	6,58%	41,67%
Rio Grande do Sul	10.511.009	18	0,17	Porto Alegre	1.394.087	7	0,50	13,26%	38,89%
Região Centro-Oeste	12.317.233	32	0,26	Região Centro-Oeste	2.558.991	13	0,51	20,78%	40,63%
Mato Grosso do Sul	2.169.704	2	0,09	Campo Grande ⁴	705.973	32,54%	...
Mato Grosso	2.651.313	23	0,87	Cuiabá	508.153	12	2,36	19,17%	52,17%
Goiás	5.306.424	5	0,09	Goiânia	1.146.103	1	0,09	21,60%	20,00%
Distrito Federal	2.189.792	2	0,09	Brasília ⁵	198.762	0	0,00	9,08%	0,00%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

2 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram informados os dados do interior.

3 - A Secretaria de Alagoas não informou, na Capital, os dados de Extorsão Mediante Sequestro.

4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 16 – Roubos em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Roubo ¹⁾ , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2001.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Roubos na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Roubos	Taxa por 100.000 Habitantes ¹²⁾		População	Total de Ocorrências de Roubos	Taxa por 100.000 Habitantes ¹²⁾		
Brasil	172.385.776	712.306	413,2	Brasil	39.134.966	364.208	930,6	22,7%	51,1%
Região Norte	13.245.016	31.992	241,5	Região Norte	4.015.253	22.282	554,9	30,3%	69,6%
Roraima	1.407.878	6.725	477,7	Porto Velho	342.261	5.257	1.536,0	24,3%	78,2%
Acre	574.366	940	163,7	Rio Branco	261.432	687	262,8	45,5%	73,1%
Amazonas	2.900.216	3.872	133,5	Manaus	1.451.958	3.550	244,5	50,1%	91,7%
Roraima	337.253	267	79,2	Boa Vista	208.512	253	121,3	61,8%	94,8%
Pará	6.341.711	18.697	294,8	Belém	1.304.311	11.732	899,5	20,6%	62,7%
Amapá	498.735	779	156,2	Macapá	295.897	522	176,4	59,3%	67,0%
Tocantins	1.184.855	712	60,1	Palmas	150.882	281	186,2	12,7%	39,5%
Região Nordeste	48.331.118	95.151	196,9	Região Nordeste	10.339.835	58.022	561,2	21,4%	61,0%
Maranhão	5.730.432	7.924	138,3	São Luís	889.130	6.050	680,4	15,5%	76,4%
Piauí	2.872.983	5.271	183,5	Teresina	728.882	4.053	556,1	25,4%	76,9%
Ceará	7.547.684	3.071	40,7	Fortaleza	2.183.609	2.224	101,8	28,9%	72,4%
Pernambuco	2.815.203	6.931	246,2	Natal	722.143	4.628	640,9	25,7%	66,8%
Paraíba	3.468.534	4.283	123,5	João Pessoa	607.440	2.582	425,1	17,5%	60,3%
Pernambuco	8.008.255	27.216	339,8	Recife	1.437.189	14.431	1.004,1	17,9%	53,0%
Alagoas	2.856.563	599	21,0	Maceió	817.447	439	53,7	28,6%	73,3%
Sergipe	1.817.318	4.496	247,4	Aracaju	468.296	3.153	673,3	25,8%	70,1%
Bahia	13.214.146	35.360	267,6	Salvador	2.485.639	20.462	823,2	18,8%	57,9%
Região Sudeste	73.470.738	444.352	604,8	Região Sudeste	18.951.486	235.247	1.241,3	25,8%	52,9%
Minas Gerais	18.127.024	15.595	86,0	Belo Horizonte	2.258.856	2.677	118,5	12,5%	17,2%
Espírito Santo	3.155.049	4.327	137,1	Vitória	296.010	1.074	362,8	9,4%	24,8%
Rio de Janeiro	14.558.561	98.073	673,6	Rio de Janeiro	5.897.487	64.855	1.099,7	40,5%	66,1%
São Paulo	37.630.105	326.357	867,3	São Paulo	10.499.133	166.641	1.587,2	27,9%	51,1%
Região Sul	25.453.492	87.336	343,1	Região Sul	3.345.931	35.143	1.050,3	13,1%	40,2%
Paraná	9.694.769	22.322	230,2	Curitiba	1.620.221	11.271	695,6	16,7%	50,5%
Santa Catarina	5.448.702	6.312	115,8	Florianópolis	352.398	1.087	308,5	6,5%	17,2%
Rio Grande do Sul	10.310.021	58.702	569,4	Porto Alegre	1.373.312	22.785	1.659,1	13,3%	38,8%
Região Centro-Oeste	11.885.412	53.475	449,9	Região Centro-Oeste	2.482.461	13.514	544,4	20,9%	25,3%
Mato Grosso do Sul	2.111.030	3.400	161,1	Campo Grande ¹³⁾	679.283	32,2%	...
Mato Grosso	2.560.537	7.465	291,5	Cuiabá ¹⁴⁾	492.891	19,2%	...
Goiás	5.116.395	19.693	384,9	Goiânia	1.111.623	10.606	954,1	21,7%	53,9%
Distrito Federal	2.097.450	22.917	1.092,6	Brasília ¹⁵⁾	198.664	2.908	1.463,8	9,5%	12,7%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1- Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Roubo à Residência", "Roubo de Carga", "Roubo de Estabelecimento Bancário", "Roubo de Veículo", "Roubo a Coletivo", "Roubo a estabelecimento comercial", "Roubo Seguido de Morte" e "Outros roubos".

2- Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos

3- A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

4- A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital

5- Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 17 – Roubos em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Roubo ¹ , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2002.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Roubos na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Roubos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽²⁾		População	Total de Ocorrências de Roubos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽²⁾		
Brasil	174.632.932	764.815	438,0	Brasil	39.636.621	404.758	1.021,2	22,7%	52,9%
Região Norte	13.504.612	42.838	317,2	Região Norte	4.109.330	29.502	717,9	30,4%	68,9%
Rondônia	1.431.776	6.883	480,7	Porto Velho	347.843	5.160	1.483,4	24,3%	75,0%
Acre	586.945	1.227	209,0	Rio Branco	267.741	999	373,1	45,6%	81,4%
Amazonas	2.961.804	4.622	156,1	Manaus	1.488.805	4.606	309,4	50,3%	99,7%
Roraima	346.866	600	173,0	Boa Vista	214.541	589	274,5	61,9%	98,2%
Pará	6.453.699	26.583	411,9	Belém	1.322.682	16.208	1.225,4	20,5%	81,0%
Amapá	516.514	2.055	397,9	Macapá	306.580	1.589	518,3	59,4%	77,3%
Tocantins	1.207.008	868	71,9	Palmas	161.138	351	217,8	13,4%	40,4%
Região Nordeste	48.845.219	105.877	216,8	Região Nordeste	10.496.864	66.215	630,8	21,5%	62,5%
Maranhão	5.803.283	10.018	172,6	São Luís	906.567	6.307	695,7	15,6%	63,0%
Piauí ⁽³⁾	2.898.191	4.543	156,8	Teresina	740.016	4.523	611,2	25,5%	99,6%
Ceará	7.654.540	2.876	37,6	Fortaleza	2.219.836	2.169	97,7	29,0%	75,4%
Rio Grande do Norte	2.852.800	7.748	271,6	Natal	734.503	5.390	733,8	25,7%	69,6%
Paraíba	3.494.965	5.618	160,7	João Pessoa	619.051	3.583	578,8	17,7%	63,8%
Pernambuco	8.084.722	29.547	365,5	Recife	1.449.136	15.937	1.099,8	17,9%	53,9%
Alagoas	2.887.526	848	29,4	Maceló	833.260	520	62,4	28,9%	61,3%
Sergipe	1.846.042	5.312	287,8	Aracaju	473.990	3.516	741,8	25,7%	66,2%
Bahia	13.323.150	39.367	295,5	Salvador	2.520.505	24.270	962,9	18,9%	61,7%
Região Sudeste	74.447.443	461.869	620,4	Região Sudeste	19.121.137	252.995	1.323,1	25,7%	54,8%
Minas Gerais	18.343.518	28.806	157,0	Belo Horizonte	2.284.469	7.094	310,5	12,5%	24,6%
Espírito Santo	3.201.712	8.601	268,6	Vitória	299.358	2.352	785,7	9,3%	27,3%
Rio de Janeiro	14.724.479	114.801	779,7	Rio de Janeiro	5.937.251	77.898	1.312,0	40,3%	67,9%
São Paulo	38.177.734	309.661	811,1	São Paulo	10.600.059	165.651	1.562,7	27,8%	53,5%
Região Sul	25.734.111	93.368	362,8	Região Sul	3.388.656	33.226	980,5	13,2%	35,6%
Paraná	9.797.965	27.165	277,3	Curitiba	1.644.599	12.257	745,3	16,8%	45,1%
Santa Catarina	5.527.718	7.859	142,2	Florianópolis	360.603	1.261	349,7	6,5%	16,0%
Rio Grande do Sul	10.408.428	58.344	560,5	Porto Alegre	1.383.454	19.708	1.424,6	13,3%	33,8%
Região Centro-Oeste	12.101.547	60.863	502,9	Região Centro-Oeste	2.520.634	22.820	905,3	20,8%	37,5%
Mato Grosso do Sul	2.140.620	4.440	207,4	Campo Grande ⁽⁴⁾	692.546	32,4%	...
Mato Grosso	2.604.723	9.585	368,0	Cuiabá	500.290	6.498	1.298,8	19,2%	67,8%
Goiás	5.210.366	23.028	442,0	Goiânia	1.129.274	13.435	1.189,7	21,7%	58,3%
Distrito Federal	2.145.838	23.810	1.109,6	Brasília ⁽⁵⁾	198.524	2.887	1.454,2	9,3%	12,1%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Roubo à Residência", "Roubo de Carga", "Roubo de Estabelecimento Bancário", "Roubo de Veículo", "Roubo a Coletivo", "Roubo a estabelecimento comercial", "Roubo Seguido de Morte" e "Outros roubos".

2 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

3 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002.

4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

Tabela 18 – Roubos em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Roubo ¹ , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2003.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Roubos na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Roubos	Taxa por 100.000 Habitantes ¹²		População	Total de Ocorrências de Roubos	Taxa por 100.000 Habitantes ¹²		
Brasil	176.876.251	855.897	483,9	Brasil	40.114.051	463.005	1.154,2	22,7%	54,1%
Região Norte	13.784.895	60.034	435,5	Região Norte	4.209.029	41.648	989,5	30,5%	69,4%
Rondônia	1.455.914	6.330	434,8	Porto Velho	353.965	4.663	1.317,4	24,3%	73,7%
Acre	600.607	1.122	186,8	Rio Branco	274.556	902	328,5	45,7%	80,4%
Amazonas	3.031.079	6.218	205,1	Manaus	1.527.314	6.213	406,8	50,4%	99,9%
Roraima	357.296	477	133,5	Boa Vista	221.029	458	207,2	61,9%	96,0%
Pará	6.574.990	42.431	645,3	Belém	1.342.201	27.021	2.013,2	20,4%	63,7%
Amapá	534.821	2.320	433,8	Macapá	317.787	1.925	605,8	59,4%	83,0%
Tocantins	1.230.188	1.136	92,3	Palmas	172.177	466	270,7	14,0%	41,0%
Região Nordeste	49.357.119	99.133	200,8	Região Nordeste	10.652.105	65.630	616,1	21,6%	66,2%
Maranhão	5.873.646	12.124	206,4	São Luís	923.527	7.946	860,4	16,7%	65,5%
Piauí ¹³	2.923.695	5.793	198,1	Teresina	751.463	5.736	763,3	25,7%	99,0%
Ceará	7.758.437	3.467	44,7	Fortaleza	2.256.235	2.628	116,5	29,1%	75,8%
Rio Grande do Norte	2.888.087	7.085	245,3	Natal	744.794	4.888	656,3	25,8%	63,0%
Paraíba	3.518.607	5.988	170,2	João Pessoa	628.837	4.089	650,2	17,9%	68,3%
Pernambuco	8.161.828	10.627	130,2	Recife	1.461.318	6.438	444,7	17,9%	61,1%
Alagoas	2.917.678	2.471	84,7	Maceió	849.734	2.240	263,6	29,1%	90,7%
Sergipe	1.874.597	5.385	287,3	Aracaju	479.767	3.641	758,9	25,6%	67,6%
Bahia	13.440.544	46.193	343,7	Salvador	2.556.430	27.964	1.093,8	19,0%	60,5%
Região Sudeste	75.392.023	511.309	678,2	Região Sudeste	19.259.545	284.257	1.475,9	25,5%	55,6%
Minas Gerais	18.553.335	51.549	277,8	Belo Horizonte	2.305.813	24.776	1.074,5	12,4%	48,1%
Espírito Santo	3.250.205	8.981	276,3	Vitória	302.633	2.963	979,1	9,3%	33,0%
Rio de Janeiro	14.879.144	118.890	799,0	Rio de Janeiro	5.374.082	80.427	1.346,3	40,2%	67,6%
São Paulo	38.709.339	331.889	857,4	São Paulo	10.677.017	176.091	1.649,3	27,6%	53,1%
Região Sul	26.024.981	112.642	432,8	Região Sul	3.434.381	42.377	1.233,9	13,2%	37,6%
Paraná	9.906.812	34.513	348,4	Curitiba	1.671.193	16.939	1.013,6	16,9%	43,1%
Santa Catarina	5.607.160	9.505	169,5	Florianópolis	369.101	2.227	603,4	6,6%	23,4%
Rio Grande do Sul	10.511.009	68.624	652,9	Porto Alegre	1.394.087	23.211	1.665,0	13,3%	33,8%
Região Centro-Oeste	12.317.233	72.779	590,9	Região Centro-Oeste	2.558.991	29.093	1.136,9	20,8%	40,0%
Mato Grosso do Sul	2.169.704	3.320	153,0	Campo Grande ¹⁴	705.973	32,5%	...
Mato Grosso	2.651.313	11.368	428,8	Cuiabá	508.153	7.323	1.441,1	19,2%	64,4%
Goiás	5.306.424	28.697	540,8	Goiânia	1.146.103	18.124	1.581,4	21,6%	63,2%
Distrito Federal	2.189.792	29.394	1.342,3	Brasília ¹⁵	198.762	3.646	1.834,4	9,1%	12,4%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1- Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Roubo à Residência", "Roubo de Carga", "Roubo de Estabelecimento Bancário, "Roubo de Veículo", "Roubo a Coletivo", "Roubo a estabelecimento comercial", "Roubo Seguido de Morte" e "Outros roubos".

2- Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos

3- A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram

4- A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5- Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 19 – Furtos em 2001

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Furtos ^{III} , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2001.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Furtos na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Furtos	Taxa por 100.000 Habitantes ^{III}		População	Total de Ocorrências de Furtos	Taxa por 100.000 Habitantes ^{III}		
Brasil	172.385.776	1.661.999	964,1	Brasil	39.134.966	550.298	1.406,2	22,7%	33,1%
Região Norte	13.245.016	89.885	678,6	Região Norte	4.015.253	52.465	1.306,6	30,3%	58,4%
Rondônia	1.407.878	19.103	1.356,9	Porto Velho	342.261	8.041	2.349,4	24,3%	42,1%
Acre	574.366	6.172	1.074,6	Rio Branco	261.432	4.911	1.878,5	45,5%	79,6%
Amazonas	2.900.218	16.740	577,2	Manaus	1.451.958	14.164	975,5	50,1%	84,6%
Roraima	337.253	4.102	1.216,3	Boa Vista	208.512	3.669	1.759,6	61,8%	89,4%
Pará	6.341.711	30.045	473,8	Belém	1.304.311	14.798	1.134,5	20,6%	49,3%
Amapá	498.735	7.653	1.534,5	Macapá	295.897	4.826	1.631,0	59,3%	63,1%
Tocantins	1.184.855	6.070	512,3	Palmas	150.882	2.056	1.362,7	12,7%	33,9%
Região Nordeste	48.331.118	215.324	445,5	Região Nordeste	10.339.835	108.489	1.049,2	21,4%	50,4%
Maranhão	5.730.432	27.734	484,0	São Luís	889.130	19.170	2.156,0	15,5%	69,1%
Piauí	2.872.983	14.799	515,1	Teresina	728.882	10.970	1.505,0	25,4%	74,1%
Ceará	7.547.684	4.010	53,1	Fortaleza	2.183.609	2.879	131,8	28,9%	71,8%
Rio Grande do Norte	2.815.203	18.054	641,3	Natal	722.143	12.025	1.665,2	25,7%	66,6%
Paraíba	3.468.534	10.939	315,4	João Pessoa	607.440	5.618	924,9	17,5%	51,4%
Pernambuco	8.008.255	25.990	324,5	Recife	1.437.189	9.590	667,3	17,9%	36,9%
Alagoas	2.856.563	1.414	49,5	Maceió	817.447	1.083	132,5	28,6%	76,6%
Sergipe	1.817.318	14.965	823,5	Aracaju	468.296	9.860	2.105,5	25,8%	65,9%
Bahia	13.214.146	97.419	737,2	Salvador	2.485.639	37.294	1.500,3	18,8%	38,3%
Região Sudeste	73.470.738	774.387	1.054,0	Região Sudeste	18.951.486	246.111	1.298,6	25,8%	31,8%
Minas Gerais	18.127.024	107.685	593,9	Belo Horizonte	2.258.856	16.661	737,6	12,5%	15,5%
Espírito Santo	3.155.048	16.063	509,1	Vitória	296.010	3.935	1.329,3	9,4%	24,5%
Rio de Janeiro	14.558.561	97.849	672,1	Rio de Janeiro	5.897.487	53.841	912,9	40,5%	55,0%
São Paulo	37.630.105	552.810	1.469,1	São Paulo	10.499.133	171.674	1.635,1	27,9%	31,1%
Região Sul	25.453.492	417.292	1.639,4	Região Sul	3.345.931	98.818	2.953,4	13,1%	23,7%
Paraná	9.694.769	103.465	1.067,2	Curitiba	1.620.221	32.517	2.006,9	16,7%	31,4%
Santa Catarina	5.448.702	104.856	1.924,4	Florianópolis	352.398	16.122	4.574,9	6,5%	15,4%
Rio Grande do Sul	10.310.021	208.971	2.026,9	Porto Alegre	1.373.312	50.179	3.653,9	13,3%	24,0%
Região Centro-Oeste	11.885.412	165.111	1.389,2	Região Centro-Oeste	2.482.461	44.415	1.789,2	20,9%	26,9%
Mato Grosso do Sul	2.111.030	18.976	898,9	Campo Grande ^{IV}	679.283	32,2%	...
Mato Grosso	2.560.537	24.911	972,9	Cuiabá ^{IV}	492.891	19,2%	...
Goiás	5.116.395	67.164	1.312,7	Goiânia	1.111.623	27.730	2.494,6	21,7%	41,3%
Distrito Federal	2.097.450	54.060	2.577,4	Brasília ^{IV}	198.664	16.685	8.398,6	9,5%	30,9%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1 - Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Furto", "Furto a estabelecimento comercial", "Furto à residência", "Furto a transeunte", "Furto de veículos" e "Outros furtos".

2 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

3 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

4 - A Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso não informou os dados da Capital

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2001 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

fonte: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/estat_ocorrencia.htm

Tabela 20 – Furtos em 2002

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Furtos ⁽¹⁾ , Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2002.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Furtos na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Furtos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽²⁾		População	Total de Ocorrências de Furtos	Taxa por 100.000 Habitantes ⁽²⁾		
Brasil	174.632.932	1.838.988	1.053,1	Brasil	39.636.621	604.805	1.525,9	22,7%	32,9%
Região Norte	13.504.612	115.605	856,0	Região Norte	4.109.330	73.808	1.796,1	30,4%	63,8%
Roraima	143.177	20.867	1457,4	Porto Velho	347.843	8.203	2.358,2	24,3%	39,3%
Acre	586.945	7.622	1.298,6	Rio Branco	267.741	6.186	2.310,4	45,6%	81,2%
Amazonas	2.961.804	22.812	770,2	Manaus	1.488.805	22.458	1.508,5	50,3%	98,4%
Roraima	346.866	4.750	1.369,4	Boa Vista	214.541	4.421	2.060,7	61,9%	93,1%
Pará	6.453.699	45.811	709,8	Belém	1.322.682	24.863	1.879,7	20,5%	54,3%
Amapá	516.514	9.020	1.746,3	Macapá	306.580	5.980	1.950,6	59,4%	66,3%
Tocantins	1.207.008	4.723	391,3	Palmas	161.138	1.697	1.053,1	13,4%	35,9%
Região Nordeste	48.845.219	245.293	502,2	Região Nordeste	10.496.864	115.740	1.102,6	21,5%	47,2%
Maranhão	5.803.293	35.959	619,6	São Luís	906.567	18.629	2.054,9	15,6%	51,8%
Piauí ⁽³⁾	2.898.191	13.271	457,9	Teresina	740.016	13.061	1.765,0	25,5%	98,4%
Ceará	7.654.540	4.318	56,4	Fortaleza	2.219.836	3.251	146,5	29,0%	75,3%
Rio Grande do Norte	2.852.800	21.793	763,9	Natal	734.503	12.805	1.743,4	25,7%	58,8%
Paraíba	3.434.965	10.813	309,4	João Pessoa	619.051	6.284	1.015,1	17,7%	58,1%
Pernambuco	8.084.722	34.628	428,3	Recife	1.449.136	11.891	820,6	17,9%	34,3%
Alagoas	2.887.526	2.381	82,5	Maceió	833.260	1.800	216,0	28,9%	75,6%
Sergipe	1.846.042	17.173	930,3	Aracaju	473.990	10.651	2.247,1	25,7%	62,0%
Bahia	13.323.150	104.957	787,8	Salvador	2.520.505	37.368	1.482,6	18,9%	35,6%
Região Sudeste	74.447.443	855.463	1.149,1	Região Sudeste	19.121.137	262.881	1.374,8	25,7%	30,7%
Minas Gerais	18.343.518	158.865	866,1	Belo Horizonte	2.284.469	21.419	937,6	12,5%	13,5%
Espírito Santo	3.201.712	22.246	694,8	Vitória	299.358	5.844	1.952,2	9,3%	26,3%
Rio de Janeiro	14.724.479	107.272	728,5	Rio de Janeiro	5.937.251	58.055	977,8	40,3%	54,1%
São Paulo	38.177.734	567.080	1.485,4	São Paulo	10.600.059	177.563	1.675,1	27,8%	31,3%
Região Sul	25.734.111	430.645	1.673,4	Região Sul	3.388.656	90.477	2.670,0	13,2%	21,0%
Paraná	9.797.965	108.071	1.103,0	Curitiba	1.644.599	28.310	1.721,4	16,8%	26,2%
Santa Catarina	5.527.718	111.178	2.011,3	Florianópolis	360.603	17.111	4.745,1	6,5%	15,4%
Rio Grande do Sul	10.408.428	211.396	2.031,0	Porto Alegre	1.383.454	45.056	3.256,8	13,3%	21,3%
Região Centro-Oeste	12.101.547	191.982	1.586,4	Região Centro-Oeste	2.520.634	61.899	2.455,7	20,8%	32,2%
Mato Grosso do Sul	2.140.620	26.476	1.236,8	Campo Grande ⁽⁴⁾	692.546	32,4%	...
Mato Grosso	2.604.723	27.786	1.066,8	Cuiabá	500.290	11.054	2.209,5	19,2%	39,8%
Goiás	5.210.366	76.704	1.472,1	Goiânia	1.129.274	32.218	2.853,0	21,7%	42,0%
Distrito Federal	2.145.838	61.016	2.843,5	Brasília ⁽⁵⁾	198.524	18.627	9.382,7	9,3%	30,5%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASPI/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1- Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Furto", "Furto a estabelecimento comercial", "Furto à residência", "Furto a transeunte", "Furto de veículos" e "Outro".

2- Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos

3- A Secretaria de Segurança Pública do Piauí informou os dados somente da Capital no último trimestre de 2002

4- A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5- Estimativa populacional referente ao ano de 2002 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

Tabela 21 – Furtos em 2003

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis relativas a Furtos ¹ . Segundo Número, Taxas p/ 100.000 habitantes, Concentração Populacional na Capital e Concentração de Crimes na Capital									
Brasil - Capital / 2003.									
Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Total)	Total da Unidade Federativa			Brasil, Regiões e Unidades da Federação (Capitais)	Total da Capital			Concentração Populacional na Capital (%)	Concentração de Ocorrências referentes a Furtos na Capital (%)
	População	Total de Ocorrências de Furtos	Taxa por 100.000 Habitantes ²		População	Total de Ocorrências de Furtos	Taxa por 100.000 Habitantes ²		
Brasil	176.876.251	2.124.572	1.201,2	Brasil	40.114.051	696.309	1.735,8	22,7%	32,8%
Região Norte	13.784.895	135.876	985,7	Região Norte	4.209.029	88.089	2.092,9	30,5%	64,8%
Rondônia	1.455.914	23.437	1.609,8	Porto Velho	353.965	9.759	2.757,1	24,3%	41,8%
Acre	600.607	10.291	1.713,4	Rio Branco	274.556	8.304	3.024,5	45,7%	80,7%
Amazonas	3.031.079	20.464	675,1	Manaus	1.527.314	20.417	1.336,8	50,4%	99,8%
Roraima	357.296	4.995	1.398,0	Boa Vista	221.029	4.606	2.083,9	61,9%	92,2%
Pará	6.574.990	63.283	962,5	Belém	1.342.201	37.099	2.764,0	20,4%	58,6%
Amapá	534.821	9.048	1.691,8	Macapá	317.787	5.968	1.878,0	59,4%	66,0%
Tocantins	1.230.188	4.358	354,3	Palmas	172.177	1.936	1.124,4	14,0%	44,4%
Região Nordeste	49.357.119	263.053	533,0	Região Nordeste	10.652.105	127.633	1.198,2	21,6%	48,5%
Maranhão	5.873.646	40.417	688,1	São Luís	923.527	20.706	2.242,1	15,7%	51,2%
Piauí ³	2.923.695	15.405	526,9	Teresina	751.463	14.726	1.959,6	25,7%	95,6%
Ceará	7.758.437	4.863	62,7	Fortaleza	2.256.235	3.661	162,3	29,1%	75,3%
Rio Grande do Norte	2.888.087	26.059	902,3	Natal	744.794	16.226	2.178,6	25,8%	62,3%
Paraíba	3.518.607	12.088	343,5	João Pessoa	628.837	6.987	1.111,1	17,9%	57,8%
Pernambuco	8.161.828	16.504	203,4	Recife	1.461.318	5.887	402,9	17,9%	35,5%
Alagoas	2.917.678	8.435	289,1	Maceió	849.734	7.848	923,6	29,1%	93,0%
Sergipe	1.874.597	19.187	1.023,5	Aracaju	479.767	11.370	2.369,9	25,6%	59,3%
Bahia	13.440.544	119.995	892,8	Salvador	2.556.430	40.222	1.573,4	19,0%	33,5%
Região Sudeste	75.392.023	977.005	1.295,9	Região Sudeste	19.259.545	284.588	1.477,6	25,5%	29,1%
Minas Gerais	18.553.335	190.894	1.028,9	Belo Horizonte	2.305.813	26.184	1.135,6	12,4%	13,7%
Espírito Santo	3.250.205	20.867	642,0	Vitória	302.633	6.547	2.163,3	9,3%	31,4%
Rio de Janeiro	14.879.144	119.715	804,6	Rio de Janeiro	5.974.082	60.884	1.019,1	40,2%	50,9%
São Paulo	38.709.339	645.529	1.667,6	São Paulo	10.677.017	190.973	1.788,6	27,6%	29,6%
Região Sul	26.024.981	519.928	1.997,8	Região Sul	3.434.381	121.731	3.544,5	13,2%	23,4%
Paraná	9.906.812	130.886	1.321,2	Curitiba	1.871.193	39.605	2.139,9	16,9%	30,3%
Santa Catarina	5.607.160	132.147	2.356,8	Florianópolis	369.101	24.386	6.606,9	8,6%	18,5%
Rio Grande do Sul	10.511.009	256.895	2.444,1	Porto Alegre	1.394.087	57.740	4.141,8	13,3%	22,5%
Região Centro-Oeste	12.317.233	228.710	1.856,8	Região Centro-Oeste	2.558.991	74.268	2.902,2	20,8%	32,5%
Mato Grosso do Sul	2.169.704	29.461	1.357,8	Campo Grande ⁴	705.973	32,5%	...
Mato Grosso	2.651.313	32.312	1.218,7	Cuiabá	508.153	12.850	2.528,8	19,2%	39,8%
Goiás	5.306.424	92.944	1.751,5	Goiânia	1.146.103	39.095	3.411,1	21,6%	42,1%
Distrito Federal	2.189.792	73.993	3.379,0	Brasília ⁵	198.762	22.323	11.231,0	9,1%	30,2%

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/ Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP/ Secretarias Estaduais de Segurança Pública/ Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Coordenação Geral de Pesquisa/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

1- Nesta Tabela estão agregados os seguintes delitos: "Furto", "Furto a estabelecimento comercial", "Furto a residência", "Furto a transeunte", "Furto de veículos" e "Outros furtos".

2 - Cálculo feito com base nos Censos Demográficos, Contagem Populacional e MS/SE/Datasus, a partir de totais populacionais fornecidos pelo IBGE, para os anos intercensitários.

3 - A Secretaria de Segurança Pública do Piauí, no ano de 2003, informou os dados da Capital. Os dados da Região Metropolitana foram informados a partir de julho e não foram informados os dados do interior.

4 - A Secretaria de Segurança do Mato Grosso do Sul não informou os dados isolados da Capital, apenas os dados da Região Metropolitana.

5 - Estimativa populacional referente ao ano de 2003 obtida a partir do Anuário Estatístico do Distrito Federal 1995/1996 divulgado pela CODEPLAN.

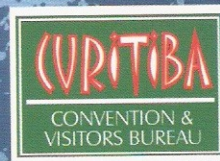
Data de elaboração da tabela: 07/07/2004

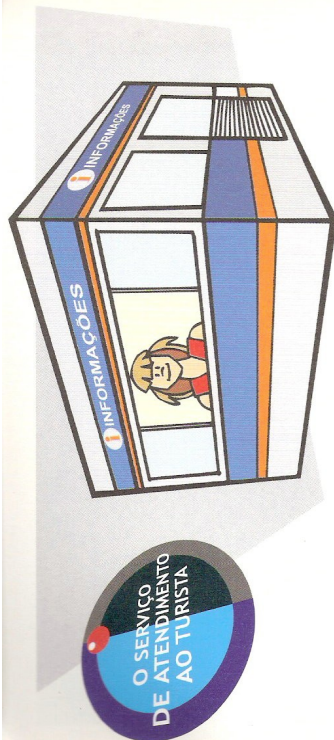
Anexo D

Cartilha de divulgação do Serviço de Atendimento ao Turista (SAT)

Posto de Informações Turísticas

24h ao lado
do turista





O Serviço de Atendimento ao Turista 24 Horas

O SAT, Serviço de Atendimento ao Turista, foi criado pela Resolução 13/5, da Secretaria de Estado da Segurança Pública, visando prestar atendimento, conforme as normas estabelecidas naquela Resolução, aos turistas que venham a ser envolvidos, na condição de vítimas, em ocorrências que exijam a atuação policial.

O SAT está implantado no 1º Distrito Policial de Curitiba, com endereço na Rua André de Barros, 671. Irá atuar em conjunto com o Posto de Informações Turísticas (PIT 24 Horas) do Curitiba Convention & Visitors Bureau e da Secretaria Municipal de Turismo, o qual já vem prestando informações aos turistas sobre os locais turísticos de Curitiba, ampliando sua atividade, para também atender aos turistas que venham a ter direito do atendimento pelo SAT.



Curitiba Convention & Visitors Bureau.

O turista será recebido pelo atendente do 1º Distrito Policial de Curitiba.

No caso de turista estrangeiro recebido pelo SAT, também se fará atendimento em conjunto com a DELEMIG (Delegacia da Imigração da Polícia Federal).

Haverá, ainda, divulgação nos hospitais de Curitiba e sua Região Metropolitana, para que haja conhecimento e utilização dos serviços por parte da rede de saúde que poderá vir a atender a um turista acidentado.

Este serviço foi criado através de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Segurança Pública, Polícia Federal, Secretaria Municipal de Turismo, Secretaria de Estado do Turismo e o

O Posto de Informações Turísticas 24 Horas (Pit 24 Horas)

O Posto de Informações Turísticas 24 horas está instalado na Rua 24 Horas de Curitiba, com acesso pelas ruas Visconde de Nácar e Visconde do Rio Branco, próximo à Praça Rui Barbosa no centro da cidade.

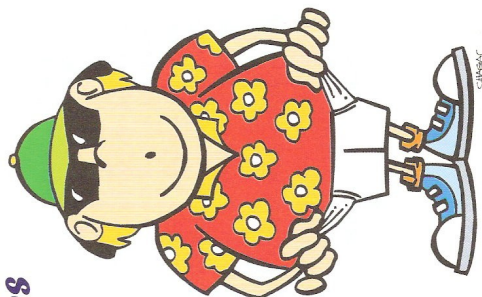
O PIT 24 Horas também atenderá aos turistas em geral em relação às informações sobre locais de interesse turístico de Curitiba e sua Região Metropolitana.

Assim, o visitante permanecerá mais tempo em Curitiba e indicará a cidade para seus conhecidos. Isto aumentará o fluxo de turistas e favorecerá a economia local, com acréscimo de impostos, beneficiando a todos.

O PIT 24 Horas deverá atender e orientar os turistas que necessitem dos serviços do SAT, contribuindo, desta forma, para que os mesmos tenham uma maior sensação de segurança e atenção, sentindo-se como se estivessem em suas próprias casas.

Quais são os serviços do Pit 24 Horas?

- Encaminhar o turista para o 1º Distrito Policial, em casos de furtos ou roubo de documentos ou objetos, sendo que o turista é quem faz a queixa e assina todos os documentos na Delegacia.
- Encaminhar o turista estrangeiro para o 1º Distrito Policial, em casos de furtos ou roubo de documentos ou objetos, sendo que o turista é quem faz a queixa e assina todos os documentos na Delegacia. Após a queixa, comunicar o fato imediatamente à DELEMIG e, se necessário, encaminhá-lo para a própria Delegacia.



Situações emergenciais

2.1) Perda, extravio ou furto de documentos

- Explique ao turista que existe uma equipe treinada que buscará ajudá-lo a solucionar o problema em questão, que está interligada com delegacias e órgãos competentes da cidade e do Estado.
- Forneça ao turista os materiais sobre o PIT 24 Horas, informando a sua localização na cidade.
- Antes de encaminhar o turista ao PIT 24 Horas, diga que você estará à disposição para outras informações. Isso fará com que o turista sinta-se seguro em nossa cidade.
- Oriente o turista a respeito dos meios de transporte (linha de ônibus ou táxi) para chegar ao PIT 24 Horas. Caso ele tenha locomoção própria, forneça o endereço, indicando como chegar lá.
- Oriente o turista que tiver seguro de viagem a contatar a seguradora.



Procedimentos

1.1) Procedimento no contato com o turista após o ocorrido

- Viabilizar hospedagem (1 diária) e alimentação (por 24 horas) ao turista nos casos atendidos pelo SAT, desde que o turista tenha perdido a condição de pagar por estes serviços devido unicamente a fatos relacionados aos serviços do SAT. A hospedagem e alimentação serão fornecidas nos hotéis e restaurantes mantenedores do Curitiba Convention & Visitors Bureau. O turista pagará por estes serviços imediatamente após regularizada sua situação, antes de deixar o hotel onde ficou hospedado.
- Juntamente com os serviços, informar que o turista poderá fazer o contato pelo telefone do Disque-Turismo (41 352-8000) com atendimento 24 horas.
- Ter à disposição dos turistas, e fornecer aos mesmos, quando solicitado por eles, informações sobre locais turísticos de Curitiba, locais e serviços de necessidade: hospitais, farmácias, delegacias, postos telefônicos, correios, restaurantes, hotéis, centros de convenções, agências de turismo, transportadoras, profissionais de turismo constantes na lista telefônica ou na listagem do Curitiba Convention & Visitors Bureau e da Secretaria Municipal de Turismo; táxis e linhas de ônibus e outras informações turísticas.
- Contato, por telefone ou e-mail, com Embaixadas e Consúlados do país de origem em Curitiba para tentar auxiliar casos que envolvam estrangeiros em nosso país, sempre de acordo com horário de funcionamento das Embaixadas e Consúlados e que aqueles possuam profissionais que falem o português ou outra língua que possibilite o correto e adequado contato com o atendente do PIT 24 Horas.
- Atendentes treinados e bilíngües, nas línguas português/inglês para prestar atendimento aos turistas.
- Contato com hospitais caso o turista necessite algum tipo de atendimento médico, visando obter as informações sobre possibilidade de internação e documentos necessários, dando-se a entrada no hospital pelo próprio turista ou seu responsável legal.
- Escute o que o turista tem a dizer. O descabido pode ser uma maneira de amenizar a situação.
- Após ouvi-lo, informe ao turista que em nossa cidade existe um local exclusivo para atendê-lo em casos emergenciais previstos no SAT: o Posto de Informações Turísticas 24 horas (PIT 24 Horas).

- Informe ao turista sobre o serviço do PIT 24 Horas.
- Diga ao turista que ele será orientado a fazer um Boletim de Ocorrência no 1º Distrito Policial de Curitiba, o qual adotará as providências cabíveis.
- Entre em contato com o PIT 24 Horas pelo telefone (41) 324-7036, e informe o ocorrido. Forneça o nome e dados do turista para que o processo seja agilizado.
- Se o turista for estrangeiro entre em contato com o PIT 24 Horas, informando que o turista perdeu ou extraviou seus documentos e/ou passaporte, comunicando, ainda, a nacionalidade e cidade de origem do turista.
- Caso o turista não consiga hospedagem, devido a falta de documentos, o PIT 24 Horas providenciará 01 (uma) estada e alimentação por 24 horas para o mesmo até que o problema se resolva, mediante apresentação do Boletim de Ocorrência do 1º Distrito Policial de Curitiba, sendo que o turista posteriormente reembolsará estes valores.

6

5

- Oriente o turista a respeito dos meios de transporte (linha de ônibus ou táxi) para chegar ao PIT 24 Horas. Caso ele tenha locomoção própria, forneça o endereço, indicando como chegar lá.

2.2) Furto de objetos

- Informe o turista sobre o serviço do PIT 24 Horas.
- Diga ao turista que ele fará um Boletim de Ocorrência no 1º Distrito Policial de Curitiba, ligado ao PIT 24 Horas.
- Entre em contato com o PIT 24 Horas e informe o ocorrido. Forneça o nome e dados do turista para que o processo seja agilizado.
- Oriente o turista a respeito dos meios de transporte (linha de ônibus ou táxi) para chegar ao PIT 24 Horas. Caso ele tenha locomoção própria, forneça o endereço, indicando como chegar lá.

2.3) Acidentes ou atropelamentos

- Em casos de acidentes de carro ou atropelamentos com o turista na cidade, o Hospital em que o visitante foi socorrido poderá entrar em contato com você para informar o que aconteceu, em consequência das informações que serão dadas aos hospitais.
- Informe ao PIT 24 Horas que o turista sofreu um acidente. Forneça todos os dados a respeito do turista: nome, idade, nacionalidade e nacionalidade (se necessário) e o Hospital que prestou atendimento.



- Se o turista estiver acompanhado, avise os parentes, amigos, companheiros ou grupo que estão junto com o turista na cidade informando somente que o turista está internado no Hospital, dando endereço do Hospital, abstenha-se de fazer comentários sobre a situação de saúde do turista. Caso algum acompanhante esteja presente, encaminhe-o ao PT 24 Horas para obter informações de como proceder.

2.4) Casos de óbito

- Caso o turista em decorrência de acidentes, problemas de saúde ou outros casos venha a falecer, o PIT 24 Horas, por meio da autoridade competente, procurará facilitar o encaminhamento do corpo ao Instituto Médico Legal (IML), bem como a busca por responsável ou familiar do turista, visando proporcionar maiores facilidades no desembarque burocrático destas situações. Esta atuação se dará sempre em parceria com as autoridades legais competentes, conforme a esfera e a gravidade do problema, as quais adotarão as medidas necessárias e cabíveis, não sendo o PIT 24 Horas o responsável pela solução final do problema.



Você, prestador de serviços ao turista, é peça fundamental no sucesso deste projeto. Contamos com a sua participação!

ENDERECO: Acesso entre as Ruas Visconde de Nácar e Visconde do Rio Branco

TELEPHONE: (41) 324-7036

DISQUE-TURISMO 24 HORAS: (41) 352-8000

LINHAS DE ÔNIBUS: 385 Cristo Rei

303 Biarticulado Centenário - Campo Comprido

001 002 Circular Centro

Aeroporto Executivo



Anexo E

Questionário de coleta qualitativa de dados



Coleta qualitativa de dados para dissertação

1. Qual a sua residência permanente?

a. Cidade _____

b. Estado _____

3. Sexo do entrevistado?

a. Masculino ☐

b. Feminino ☐

5. Esta é a primeira vez que visita a cidade?

a. Sim ☐

b. Não ☐

c. Se não, quantas vezes visitou nos últimos 03 anos? ____

7. Observou a segurança pública na cidade?

a. Sim ☐

b. Não ☐

9. Como avalia a segurança da cidade?

a. Bom ☐

b. Regular ☐

c. Ruim ☐

11. Indicaria Curitiba para ser visitada?

a. Sim ☐

b. Não ☐

2. Pernoitou na cidade?

a. Sim ☐

b. Não ☐

4. Qual a idade do entrevistado?

_____ anos

6. Por que visitar Curitiba?

8. O que observou?

a. Policiais ☐

b. Viaturas policiais ☐

c. Cavaleiros ☐

b. Motociclistas ☐

c. Guardas Municipais ☐

10. Considera Curitiba segura?

a. Sim ☐

b. Não ☐

12. Está satisfeito com a visita?

a. Sim ☐

b. Não ☐

c. Se não, porque? _____

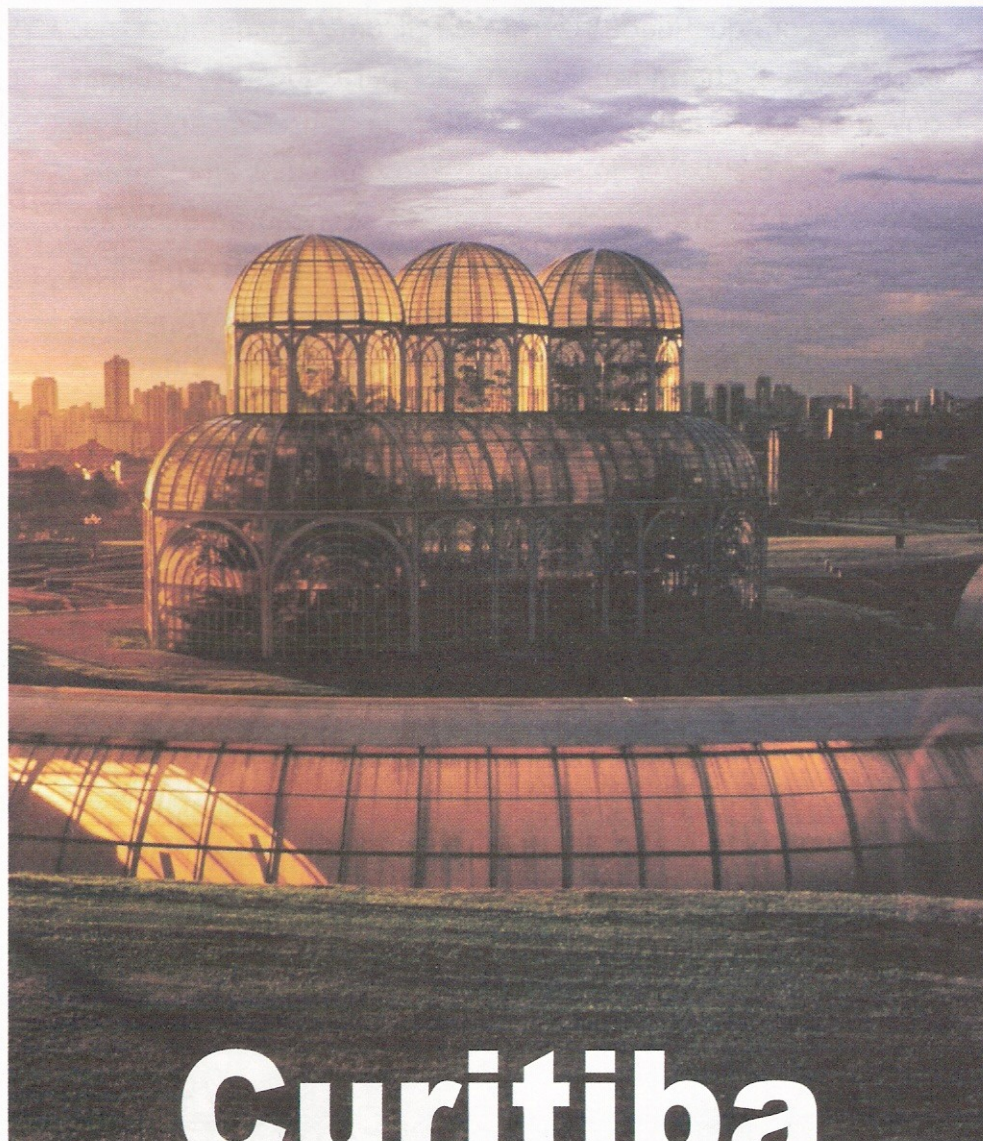
13. É possível comparar Curitiba com outro grande centro urbana, no aspecto segurança?

14. Buscou saber se Curitiba é uma cidade segura antes de iniciar a viagem?

Anexo F

Apostila da Oficina de Sensibilização em Atendimento ao Turista

OFICINA DE SENSIBILIZAÇÃO EM ATENDIMENTO E INFORMAÇÕES TURÍSTICAS



Curitiba

Instituto Municipal de Turismo

1ª Edição / 2006